

Tornando-se Apaixonado para Missões:
Estudos sobre missões da Semana da Paixão
Volume 1

Escrito por

Dr. Perry J. Hubbard

Copyright ©2009 Dr. Perry J Hubbard

Todos os direitos reservados.

Design da capa por Ricardo Moisa

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, exceto conforme expressamente permitido pelos estatutos de direitos autorais aplicáveis ou permissão prévia pelo autor.

Fotografias e imagens são protegidas pela lei de direitos autorais.

Índice 2

Encaminhar 3

Paixão - Uma Definição 4

Paixão 1 Vitória com Vitória 14

Paixão 2 Limpando a Visão 19

Paixão 3 enchendo o quintal 23

Paixão 4 Vivo sem vida 26

Paixão 5 Quem você pensa que é? 31

Paixão 6 Agora você o vê, mas não é ele 37

Paixão 7 O legítimo proprietário –

Devolvendo o que nunca foi nosso 42

Paixão 8 Um convite rejeitado e alterado 46

Paixão 9 Vivendo na armadilha 52

Paixão 10 Céticos reclamam 58

Paixão 11 A morte do legalismo 64

Paixão 12 Se você soubesse, ainda perguntaria? 69

Paixão 13 Por um centavo, por uma libra 74

Paixão 14 Tudo e nada se vê 78

Introdução aos sete ais 83

Paixão 15 Ai Um – Fechando a porta fechada 85

Paixão 16 Ai Dois – Convertendo os 90 convertidos

Paixão 17 Ai Três –

Comercializando-me uma estrada perigosa 94

Paixão 18 Ai Quatro –

Mosquitos e Camelos, é tudo a mesma coisa, certo? 99

Paixão 19 Ai Cinco –

Os prós e contras de manchas, tábuas e copos 105

Paixão 20 Ai Seis –

Embelezando a morte enquanto destrói a vida 109

Paixão 21 Ai Sete –

Desejar o passado não muda o presente 115

Paixão 22 Quebrando o objeto mais difícil 120

Paixão 23 Vivendo na realidade da morte 124

Paixão 24 Planejando o desconhecido 130

Paixão 25 Dar é ver 135

Avançar

Jesus é o primeiro e maior missionário que já viveu nesta terra. Ele deixou sua cultura natal do céu e incorporou-se totalmente à vida e cultura de um determinado povo em um determinado momento. Ele fez sua vida e livro aberto para nós observarmos e aprendermos.

Sua paixão pelo trabalho de Seu Pai foi claramente revelada em tudo o que ele fez e disse. A Semana da Paixão traz seu ensinamento e sua vida em foco ainda mais nítido ao encontrar os diferentes grupos que compunham a cultura, tanto religiosa quanto secular de seu tempo.

Esta coleção de estudos analisa o que Jesus disse e fez e como esses eventos podem nos ajudar a ser mais eficazes em alcançar os perdidos do nosso mundo hoje. As questões, dúvidas e conflitos não mudaram. Eles são os mesmos.

Cada estudo inclui três opções para reflexão contínua sobre as questões e informações apresentadas.

Estudo Bíblico (BS) – Uma olhada em outras escrituras-chave que nos dão uma visão mais aprofundada das obras, atividades e ensinamentos de Jesus.

Aplicação da Missão (MA) – Perguntas que ajudam a aplicar a lição ao nosso envolvimento na missão de Deus para o mundo.

Reflexão Pessoal (PR) – Pensamentos e perguntas que são projetados para nos ajudar a olhar para nossas próprias vidas e o nível de nossa paixão por missões.

Paixão – Uma definição

Amor ardente

Sentimento ou emoção forte

Entusiasmo sem limites

Um motivo irracional, mas irresistível para crença ou ação

No ano passado tenho estudado a última semana da vida e ministério de Jesus. Foi um desafio considerar seu desejo de completar a missão que lhe foi dada por seu Pai, ver como esse compromisso afetou as pessoas ao seu redor e como ele comunicou essa missão aos outros. Tudo começou com a escolha que ele fez conforme registrado em

Lc 9:51 Aproximando-se o tempo de sua ascensão ao céu, Jesus partiu resolutamente para Jerusalém.

Quando olhamos para nossa vida, com quais atividades, pessoas ou crenças nos comprometemos? O que significa seguir resolutamente uma escolha que fizemos? O que nos mantém nessa escolha, diante de obstáculos e desafios? Como essa escolha afeta os outros ao nosso redor?

Ao assumirmos esse compromisso, precisamos considerar o que isso exigirá de nós para ter sucesso. Muitas pessoas dirão que têm a habilidade necessária para o que está sendo feito. Outros dirão que têm o tempo necessário para realizar a tarefa atribuída. Outra razão pode ser que eles tenham os recursos de que precisam. Estas são boas respostas, mas nem sempre verdadeiras. Existem muitas pessoas que têm sucesso em um determinado objetivo que não possuem as habilidades necessárias ou que não têm tempo ou recursos para a tarefa. Então, por que eles são bem-sucedidos enquanto outros com maior capacidade e recursos falham?

Quando falamos de Jesus e daquela última semana de sua vida, uma outra palavra é frequentemente usada para descrevê-lo. É chamada de “Semana da Paixão” e olhamos para a “Paixão de Cristo”. havia algo mais b por trás de seu compromisso do que apenas uma decisão de tentar. Ele tinha uma paixão pelo trabalho e missão de seu Pai.

Antes de prosseguirmos, precisamos considerar o significado desta palavra paixão. Aqui estão três definições típicas do que está no dicionário: 1) amor ardente; 2) entusiasmo sem limites; 3) um motivo irracional, mas irresistível para crença ou ação.

A escolha de Jesus foi baseada em um amor ardente por seu Pai, um entusiasmo sem limites pelo trabalho que lhe foi dado e pelas pessoas que precisavam ouvir e uma crença irresistível na missão de seu Pai. Sua escolha de ir a Jerusalém foi construída sobre sua paixão pelo trabalho daquele que o havia enviado.

Então, vamos voltar para nós e nossas vidas. Por que você ama essa atividade ou pessoa ou local? O que absorve seu tempo e energia? Você sabe por que você tem uma paixão por essa atividade ou pessoa? Pelo que você é apaixonado? O que é preciso para se apaixonar por qualquer coisa?

Nossas escolhas são baseadas em fatos e não apenas emoções. Nossas escolhas são baseadas no que sabemos e não sabemos. Às vezes, nossas escolhas podem parecer irracionais, não porque não haja informação, mas porque a extensão da escolha e do compromisso desafia as explicações e ações normais. Não podemos explicar facilmente a diferença entre compromissos normais e decisões apaixonadas.

Cada escolha que fazemos envolve risco. Quanto mais comprometidos ou apaixonados nos tornamos, mais dispostos devemos estar para aceitar os riscos envolvidos. Consideremos quais são os riscos de se apaixonar.

- 1) Incompreendido – Sempre há o risco de que as pessoas simplesmente não entendam nossa escolha.
- 2) Decepção – Sempre corremos o risco de nos decepcionar. Podemos descobrir que nossa escolha não nos proporciona o nível de satisfação que esperávamos. Pode não ser tão divertido quanto esperávamos. Pode não resultar no nível de aceitação que estávamos procurando. Podemos ficar desapontados com os resultados. Podemos não fazer tão bem quanto pensávamos que poderíamos. O potencial de desapontamento muitas vezes impede as pessoas de começar.
- 3) Constrangimento – Corremos o risco de passar vergonha. A vergonha funciona de duas maneiras. Podemos descobrir que nossas escolhas, atividades e capacidade de desempenho fazem com que os outros fiquem constrangidos. Ou ficamos envergonhados por nossos fracassos e falta de habilidade. Começamos a pensar que parecemos tolos para os outros. O fracasso é embaraçoso e sempre que nos movemos para novas áreas de atividade e escolha, devemos lidar com o fracasso e depois ter que tentar tudo de novo. Se nosso constrangimento for alto o suficiente, desistimos.
- 4) Exclusão – Este é outro risco que funciona de duas maneiras. Nossas escolhas podem resultar na exclusão de outros de nossas vidas. Simplesmente não podemos estar com todos ou participar de todas as atividades agendadas por causa de nossa escolha. Também pode significar que outros irão nos excluir. Eles podem não concordar conosco ou podem não querer se envolver no que estamos fazendo e, portanto, optar por não fazer parte de nossa escolha. Isso pode significar que eles decidem que não fazemos parte do mundo deles.

- 5) Críticas – Haverá quem critique nossa escolha de atividade. Eles nos dirão que estamos desperdiçando nosso tempo, prejudicando os outros e não temos consideração ou desperdiçamos recursos valiosos. A lista continua e continua.
- 6) Ridículo – As pessoas podem zombar de nós e rir de nossas tentativas de realizar a tarefa que estabelecemos para nós mesmos.
- 7) Fracasso – Isso não é o mesmo que decepção. Isso significa que mesmo quando sabemos que nossa escolha é divertida, boa ou certa, ainda podemos falhar. Não conseguiremos atingir nosso objetivo.
- 8) Solidão – Este é um nível mais alto de exclusão. Talvez tenhamos que lidar com o fato de estarmos sozinhos nisso. Outros simplesmente não entendem, outros não estão dispostos a ajudar. Outros não estão lá para encorajar.
- 9) Rejeição – Na verdade nossas escolhas podem resultar em nossa rejeição por pessoas-chave em nossas vidas. É aqui que as pessoas simplesmente não entendem ou optam por não entender nossa escolha. Eles decidem que não é válido e rejeitam o que estamos fazendo e de muitas maneiras nos rejeitam.
- 10) Perigo – Todos os itens acima são sobre níveis emocionais de risco. Em muitas atividades e escolhas há também perigos potenciais que são de natureza física. Muitos esportes envolvem risco potencial se você estiver envolvido em um nível mais sério. O compromisso com uma crença pode resultar em outras pessoas tentando fisicamente nos machucar e nos desencorajar em nossas escolhas.

Essa é uma pequena lista de risco. Na vida de Jesus ele teve que lidar com cada um deles para seguir sua paixão. Para seguir resolutamente em direção a Jerusalém, Jesus teve que lidar com os riscos envolvidos. Vamos dar uma olhada rápida neles novamente.

- 1) Incompreendido – Muitas vezes Jesus teve que lidar com o fato de que familiares, amigos e até mesmo seus discípulos simplesmente não entendiam o que ele estava fazendo.
- 2) Decepção – Jesus muitas vezes se decepcionou com a resposta das pessoas. Houve momentos em que ele ficou frustrado com a resposta deles e com a falta de fé.
- 3) Constrangimento – A família de Jesus ficou envergonhada por Jesus. Em um ponto eles tentaram levá-lo porque sentiram que ele estava fora de si.
- 4) Ex inclusão – Os fariseus excluíram Jesus de seu grupo.
- 5) Criticado – Os fariseus atacaram o envolvimento de Jesus com pecadores, publicanos e prostitutas. Eles o atacaram quando uma senhora desperdiçou um frasco de perfume em seus pés.
- 6) Ridículo – A certa altura, a família de Jesus lhe disse que ele deveria ir a Jerusalém. Se ele achava que era tão bom, deveria se mostrar aos outros. Eles esperavam que ele acordasse e voltasse para casa. Alguns o chamavam de possuído por demônios.

7) Fracasso – Jesus teve que lidar com o fracasso de muitos em entender o que ele estava fazendo. Satanás estava sempre tentando enganá-lo e fazê-lo falhar de várias maneiras. O fracasso significaria o fim de qualquer esperança para o homem.

8) Solidão – Mesmo os discípulos muitas vezes não entendiam o que Jesus estava tentando fazer e ele se viu sozinho. Em seu julgamento e crucificação, todos fugiram.

9) Rejeição – No final, muitos rejeitaram seus ensinamentos. Um grande número de pessoas o deixou até que apenas os doze permaneceram.

10) Perigo – As pessoas de sua própria aldeia tentaram matá-lo. Os fariseus tentaram em várias ocasiões prendê-lo e prejudicá-lo. No final, ele foi espancado e crucificado.

Os riscos são a primeira coisa com que começamos a nos preocupar. Mas se passarmos por isso, devemos lidar com o custo. O que nos custará realmente nos apaixonarmos por qualquer coisa.

1) Tempo – Não importa o que fazemos com nossa vida ou quem é importante para nós, o tempo é necessário. Quanto mais tempo nos comprometemos, maior o potencial de sucesso. Não se trata apenas de quanto tempo damos, mas de quanto tempo estamos dispostos a continuar dedicando essa quantidade de tempo a uma atividade, crença ou pessoa.

2) Treinamento – O que faremos para obter as habilidades necessárias para atingir nossos objetivos? Isso pode significar admitir o que sabemos (e não sabemos) sobre nossas habilidades e necessidades. Pode custar nosso orgulho e submissão aos outros obter as habilidades de que precisamos.

3) Recursos – Quanto do que possuímos estaremos dispostos a comprometer? Isso inclui finanças, posses e desejos futuros. Não se trata apenas do que temos agora, mas do que esperamos ter e estamos dispostos a obter. O que faremos para ter o que é necessário.

4) Pessoas – Que relacionamentos precisaremos desenvolver e quais relacionamentos precisaremos abrir mão para atingir as metas que estabelecemos para nós mesmos.

5) Localização – Podemos ter que nos mudar para fazer o que desejamos fazer. Estaremos dispostos a nos mudar se for necessário?

Mais uma vez, vamos olhar para a vida de Jesus e ver como sua paixão pela missão de seu pai afetou sua vida.

1) Tempo – Quando Jesus entrou no ministério ativo, ele tinha muito pouco tempo para si mesmo. As pessoas estavam sempre procurando por ele. Quando as multidões estavam ausentes, os discípulos estavam sempre por perto, querendo aprender com ele. Ele dedicou todo o seu tempo e vida ao trabalho que seu Pai lhe dera.

2) Treinamento – Em seus anos de juventude, Jesus se submeteu aos seus pais e ao treinamento deles como pessoa e carpinteiro. Jesus mais tarde se submeteu em obediência ao batismo de João. Ele voluntariamente seguiu o Espírito Santo no deserto para enfrentar um tempo de provação por Satanás.

3) Recursos – Jesus não guardou nada para si. Todos os recursos foram comprometidos com o ministério. Na verdade, ele dependia do apoio de outros para continuar.

4) Pessoas – Jesus teve que deixar sua família para seguir a vontade de Deus. Ele teve que desenvolver uma nova família nos discípulos e outros.

5) Localização – Jesus mudou-se para Cafarnaum. Ele viajou por toda a Galiléia e Judéia, bem como por outras áreas. Ele finalmente teve que ir a Jerusalém para completar a obra que havia aceitado de seu Pai.

Quais são alguns exemplos de escolhas e atividades que exigem paixão para ter sucesso? Como a paixão afeta nosso nível de sucesso?

Casamento – Para onde quer que nos voltemos há informações que nos dizem como manter a paixão em nosso casamento. É preciso uma paixão especial para dar o primeiro passo e até mesmo considerar se casar e passar pela cerimônia de casamento. Mas o que realmente requer verdadeira paixão é manter o relacionamento conjugal não apenas por alguns anos, mas por toda a vida. Um falso conceito de paixão o deixará com apenas um conceito físico de casamento. Um verdadeiro conceito irá mantê-lo passando por todas as voltas e reviravoltas, altos e baixos e tudo mais.

Esportes competitivos – Temos um filho apaixonado por futebol. Ele ama o esporte. Ele acordava de manhã cedo para treinar e depois ia para o treino de futebol à tarde. Ele trabalhou duro para se tornar um jogador substituto no time da comunidade. Quando ele foi para a faculdade, ele tentou como jogador e entrou para o time. Ele trabalhou e treinou e em seu último ano foi feito capitão da equipe. Este é o seu amor, a sua paixão. Ele é típico de todos aqueles que amam um esporte e amam a competição. O fracasso só os faz trabalhar mais.

Trabalho/carreira – A diferença entre um trabalho e uma carreira é a paixão. Um trabalho é algo que fazemos porque precisamos de uma renda. Uma carreira é algo que realmente gostamos de fazer e um benefício colateral disso é que gera uma renda. Faremos mais do que ser treinados para uma carreira. Vamos trabalhar longas horas sem reclamar por uma carreira.

Vida religiosa - Aqueles que estão verdadeiramente comprometidos com suas crenças são fáceis de encontrar. Eles não escondem suas crenças. Eles arriscarão o desprezo e o ridículo dos outros. Eles desistirão de empregos, benefícios, bens materiais e muito mais para colocar sua crença em primeiro lugar e torná-los parte de todos os aspectos da vida. Eles sabem no que acreditam e por que acreditam.

Em muitos casos, eles estarão dispostos a sofrer pelo que acreditam. Sua paixão contagia sua vida e impacta os outros ao seu redor.

Você pode encontrar outras áreas, mas em cada uma delas precisaremos fazer as mesmas perguntas. Aqui estão duas das principais perguntas:

1. Quais são os resultados da verdadeira paixão?
2. Como os outros veem e sabem que somos verdadeiramente apaixonados pelo que estamos fazendo?

Ao olhar para essas duas questões, aqui estão algumas áreas a serem consideradas.

Satisfação – Em qualquer coisa que nos apaixona, esperamos encontrar um ponto em que estejamos satisfeitos e em paz. Muito disso depende de nossas habilidades e nossa capacidade de alcançar. No esporte, é atingir um certo nível de competência. Em uma carreira, um certo nível de reconhecimento e sucesso. No casamento, saber que somos amados e temos um parceiro que realmente compartilha nossa vida. Tudo isso depende muito de nossas habilidades. Jesus, em João 14, disse aos discípulos que não tivessem medo. Eles teriam paz. Eles conheceriam um nível de satisfação que o mundo não poderia dar. Em nosso relacionamento com Deus, a chave para a satisfação está nas mãos de Deus. Não importa o que aconteça ou não, isso permanecerá intacto. Em todos os níveis de esforço e realização, isso permanecerá o mesmo. Sempre podemos ter paz.

Relacionamento – Em tudo que envolve paixão é sempre mais fácil se houver outras pessoas que compartilhem a paixão que temos e com elas construirmos um relacionamento. Jesus disse que se nos apaixonarmos por Deus conheceremos o Pai. Além disso, ele enviaria o Espírito Santo para nos ajudar a desenvolver esse relacionamento. Devemos ser parte de uma família e saber onde nos encaixamos. Teremos um relacionamento projetado para nos ajudar a desenvolver nossa paixão e mantê-la.

Sucesso – Na maioria das atividades e coisas pelas quais temos paixão, há uma necessidade de sucesso. O problema é que apenas alguns podem realmente atingir os níveis mais altos. Só pode haver um vencedor, ou alguns no topo. Você ama o que está fazendo, mas não é tão bem sucedido quanto os outros. Em nosso relacionamento com Deus, todos têm um lugar. Todos nós conseguimos. Somos todos filhos de Deus. Ele está conosco e nos guia. Quanto mais paixão temos, mais entendemos o que isso significa. Todo mundo é um vencedor.

Frutas – Uma das principais medidas de uma verdadeira paixão é que seu envolvimento fará com que os outros se interessem e se empolguem com o que você está fazendo. A melhor maneira de encorajar o casamento é observar um casal que seja verdadeiramente apaixonado. A melhor maneira de envolver os outros em um esporte é que eles vejam sua paixão por ele. A melhor maneira de desafiar as pessoas com uma carreira é conversar com alguém que seja apaixonado por essa carreira. Jesus disse aos

discípulos que a melhor prova de seu amor e paixão por ele seria que dariam frutos. Da mesma forma, outros devem ver e ouvir nossa paixão por Cristo e ser atraídos a Deus através de nós.

Legado – Tudo isso é maravilhoso. Mas e se durar apenas um momento e ninguém se lembrar de quem somos ou do que fizemos.

Ser o melhor em um esporte é ótimo. Há todos os tipos de atletas dos vários esportes que são lembrados por longas listas de recordes e conquistas. Esses registros estão sendo mantidos à espera da próxima pessoa que virá e quebrá-los. Alguns registros duram mais do que outros. O legado é que há algo deixado para trás para desafiar e encorajar outros a se envolverem e verem o que pode acontecer. Os legados no casamento são sobre filhos, netos, bisnetos - uma ancestralidade. João queria deixar um legado de sua vida com Cristo e assim escreveu em João 20:31: “Estas coisas escrevi para que você creia que Jesus é o Cristo e crendo tenha vida em seu nome”.

Uma verdadeira paixão deixa um registro que ajudará outros a se tornarem parte dessa paixão. Ele fornecerá a orientação necessária e ajudará a ter sucesso e depois deixar um legado para outro. Jesus disse o mesmo sobre sua vida em João 12:46 “Eu vim ao mundo como uma luz, para que ninguém que crê em mim permaneça nas trevas”.

Então temos paixão? Do que se trata a nossa vida cristã? Ardemos de desejo de ser cristãos? Que recursos comprometemos? Que riscos corremos? Sabemos o custo?

Como os outros vão responder? Estamos prontos para ser incompreendidos e até mesmo ridicularizados? Vamos nos apaixonar? Seremos capazes de manter nossa paixão?

Assim como você, essas são todas as perguntas para as quais eu queria respostas. Então comecei a estudar a paixão de Cristo para aprender sobre sua paixão, como afetou sua vida e aqueles ao seu redor. eu digo d isso para entender, o que eu deveria estar fazendo em minha vida e como recuperar e manter minha paixão como cristão.

Jesus voltou resolutamente seu rosto para Jerusalém. Ele era apaixonado pelo que estava fazendo e tinha a intenção de deixar os outros se tornarem parte dessa paixão. Naquela última semana ele deixaria os outros verem, ouvirem e escolherem. É hora de ouvirmos novamente, vermos novamente e escolhermos novamente tornar nossa vida uma paixão por Deus.

Paixão 1

Vitória dentro da Vitória

Mateus 21:1-11 (Mc 11:1-11; Lc 19:28-44; Jo 12:12-19)

Que dia incomum vai ser. O rei está chegando e ninguém está pronto. O rei está chegando e nada parece certo. Onde está o cavalo? Onde estão as bandeirinhas? Onde estão os despojos da vitória? Onde está o exército? Onde estão os arautos? O dia tem toda a sensação de uma entrada triunfal, mas tudo está errado.

No início de qualquer grande evento existe o pré-evento. Pode haver um desfile ou um prelúdio. Pode haver banners e programas anunciando datas, horários e credenciais. Pode haver registros exibidos de realizações passadas e muita publicidade. Todo evento realmente importante tem um anúncio prévio para que todos saibam o que está prestes a acontecer.

Tudo isso para que as pessoas possam decidir: decidir se vão, decidir o que vão vestir, o que vão levar e com quem vão. Para os adeptos; eles decidirão como mostrarão sua lealdade e envolvimento. Para a oposição, é uma chance para eles decidirem como vão responder. Tantas decisões a serem tomadas e cada uma delas terá que ser feita individualmente.

O problema com essa configuração é que tudo é de alguma forma diferente. O rei está vindo, mas ninguém está pronto. O próprio rei cuidou das coisas, mas mesmo assim é diferente do normal.

- Normalmente há bandeiras preparadas para o rei e pessoas prontas para exibi-las.
- Normalmente o rei monta em um cavalo poderoso para que todos possam ver e apreciar o que vêm.
- Normalmente as pessoas estão bem vestidas, prontas para uma festa, uma celebração.
- Normalmente o rei vem com as provas de sua vitória, escravos, tesouros e muito mais.
- Normalmente o exército está lá para escoltá-lo e liderar a torcida.
- Normalmente há arautos vestidos com suas melhores roupas para proclamar a chegada do rei.
- Normalmente a liderança está pronta para receber o rei em casa e preparou um banquete maravilhoso.
- Normalmente, mas nada é normal.

Vamos voltar e recomeçar.

Em vez de um cavalo é um burro. Este é um animal de carga, não um corcel de vitória. É um símbolo de humildade, não de orgulho. No entanto, esconde uma vitória mais profunda. Este rei veio para servir. Sua paixão não é pelo que ele ganha com a vida, mas pela vida que ele pode dar aos outros. Ele está conquistando o coração do povo.

Em vez de faixas, há galhos e roupas sujas e empoeiradas. As pessoas foram pegas despreparadas para o significado deste dia. Eles não estavam prontos e assim responderam o melhor que podiam. Eles não tinham nenhum material especial preparado para este dia. Eles não tinham trazido nada com eles. Eles vieram planejando um dia normal de negócios e vida. Eles usaram o que tinham e o que estava disponível. Eles tinham ferramentas e então cortavam galhos. Eles tinham suas capas e por isso as usavam. Que melhor maneira de honrar alguém do que com o que você tem agora. A verdadeira paixão nasce do que temos, não do que esperamos ter.

Em vez de pessoas vestidas com suas melhores roupas prontas para uma festa, elas estão vestidas com a realidade cotidiana da vida. Esta vitória é mais do que um dia ou dois de celebração, é uma vida inteira de esperança, uma vida inteira de verdade, uma vida inteira com Deus. Esta celebração deve ser vivida em todos os dias da vida de todas as pessoas, não importa quem sejam ou o que sejam ou onde estejam. Você não precisa se vestir bem para participar desta celebração, você só precisa vir. Paixão duradoura é algo que podemos viver na vida cotidiana, não economizar para ocasiões especiais.

Em vez de um exército de soldados treinados, há os doze e outros que seguem Jesus. Não se trata de conquistar povos estrangeiros e deixar um rastro de morte e destruição em seu rastro. Trata-se de conquistar o coração e a alma das pessoas e trazer saúde e vida. A conquista de um exército deixa para trás a ruína e a escravidão. Essa conquista trará cura e liberdade até mesmo para aqueles que eram inimigos. A verdadeira paixão traz vida e esperança aos outros.

Em vez dos despojos de guerra, escravos, tesouros e muito mais, os despojos são diferentes. A própria entrada de Jesus em Jerusalém foi uma vitória especial. Eles não o queriam. Satanás tentou matá-lo antes de chegar lá e, portanto, sua entrada é uma vitória e um despojo de guerra. O facto de esta entrada ter ocorrido de forma pacífica e não ter havido reacção por parte dos romanos foi uma vitória. Ele entra sem oposição e isso é um despojo desta guerra. O fato de o povo responder e proclamá-lo Messias e Rei foi uma vitória, mais um espólio de guerra. A verdade foi proclamada, não se perdeu, mas é revelado novamente, um espólio de guerra. O fato de serem as pessoas comuns que estão espalhando a palavra e animadas é uma vitória e um despojo final da guerra. A verdadeira paixão busca recompensas diferentes dos tesouros físicos do homem.

Em vez de arautos tocando trombetas e gritando para todos “o rei chegou”, encontramos as crianças fazendo o anúncio. A cidade fica sabendo da chegada de Jesus de boca em boca; pessoas dizendo aos outros até que todos saibam. Isso não deixa os líderes felizes. Eles não respeitam as palavras das crianças e acreditam que estão espalhando mentiras. Mas as crianças conhecem a verdade, muitas vezes antes dos outros. A paixão não precisa de eventos publicitários especiais para se espalhar. Ele se espalhará e o fará mais rápido do que qualquer outro método. Também será mais eficaz em convencer as pessoas da verdade. É assim que a paixão funciona.

Em vez dos líderes religiosos liderando o povo; eles estão resistindo ao povo. Eles não estão felizes porque não estão no controle. Em vez de encorajar o elogio do rei, eles estão criticando ele e todos os outros. Eles tratam Jesus como um renegado porque... bem, é porque ele tem a verdade e eles não. Os líderes religiosos não servirão um banquete ao rei hoje. Eles estão se alimentando de sua própria amargura e ciúme e ninguém gosta de sua comida e bebida. A paixão criará oponentes, pessoas que querem estar no controle, não importa o que aconteça.

É um dia cheio de provas de paixão. É um dia para despertar paixão e revelar paixão na vida das pessoas. É um dia para nos mostrar que é possível ser apaixonado e saber o como, o quê e o porquê da paixão. Jesus tem uma paixão e permite que todos vejam e se tornem parte dessa paixão. Ele veio a Jerusalém para preenchê-la com sua paixão.

O que aprenderemos enquanto caminhamos com ele em Jerusalém sobre nossa paixão?

BS – Compare a descrição de Davi da entrada do rei no Salmo 47 com aquela dada por Zacarias em 9:9-10. Como eles são diferentes? Como eles são iguais? Eles estão celebrando a mesma pessoa e a mesma verdade?

MA – Quando encontramos outras pessoas que não conhecem o evangelho, como revelamos nossa paixão e amor por elas? Como eles sabem que não mostramos nosso poder, nossa autoridade e nossos recursos? Como eles sabem que viemos de Deus?

PR – Pense no que você está fazendo todos os dias ao entrar no mundo. Você está buscando reconhecimento para si mesmo ou proclamando o reino de Deus?

Paixão 2

Limpando a visualização

Mt 21:12-17 (Mc 11:12-19, Lc 19:45)

Jesus chega ao templo. A maravilha da entrada em Jerusalém é substituída pelo desgosto. O pátio externo do templo está cheio de animais e o fedor de animais, o barulho dos comerciantes e o barulho dos que discutem com os comerciantes. Este não é um lugar para começar a se preparar para encontrar Deus. Não é adequado para a entrada do Messias, e assim ele limpa o pátio externo.

Este pátio do templo é chamado de pátio dos gentios. É uma área aberta que supostamente tem duas funções principais. Primeiro, é um lugar para permitir que as pessoas se preparem para sua entrada real no templo. Em segundo lugar, existe para fornecer um lugar onde os não-judeus que buscam a Deus possam vir e adorar e aprender mais sobre Deus.

No entanto, não é preenchido com silêncio e espaços abertos para meditação e oração. Está cheio, sim, de vendedores e mercadores que vendem ovelhas, gado, pombos e outros itens para uso nos sacrifícios do templo. Como resultado, há o barulho do comércio, o barulho dos animais e o fedor relacionado à guarda de todos esses animais.

Também pode haver vendedores de alimentos, outros bens e itens para as pessoas. É uma grande oportunidade para apresentar e vender produtos porque quase todos que vêm a Jerusalém vão ao templo para oferecer um sacrifício. Onde houver pessoas, haverá necessidade de comida e água e assim por diante.

Para tornar tudo isso possível, há cambistas em todos os lugares. Os principais sacerdotes e líderes do templo decidiram que todos os negócios devem ser conduzidos na moeda do templo. Assim, os cambistas estão ocupados transformando as muitas moedas estrangeiras na moeda do templo. É necessário dinheiro para que cada adulto do sexo masculino pague o imposto exigido do templo. Outros precisam trocar dinheiro para comprar os animais para seu sacrifício.

É claro que onde quer que o negócio esteja sendo conduzido, existem os clientes. Multidões de pessoas de muitas nações vieram. Eles atraem outros que vêm para trapacear, roubar, jogar e causar outros tipos de maldade. Eles aumentam ainda mais o ruído. Depois, há os mendigos que esperam ganhar com esse cenário, clamando por esmolas e um pouco de piedade. Ainda mais barulho. Sempre que você tiver uma multidão, precisará de seguranças para manter as multidões controladas. Vagando entre a multidão estarão esses superintendentes, certificando-se de que tudo está em ordem.

Quando você junta tudo isso, não é de admirar que Jesus tenha dito que eles transformaram esse tribunal especial em um covil de ladrões. Os líderes estavam usando a situação para tirar do povo através de taxas sobre a troca de dinheiro e a venda de animais. Outros estavam lá esperando para atacá-los no processo, alguns tentando cobrar mais do que um preço justo, outros usando balanças falsas e outros ainda ali apenas para roubar dos desavisados. Verdadeiramente um covil de ladrões.

O templo não é uma casa de oração para ninguém, muito menos uma casa de oração para as nações. Se alguém tentasse proferir uma oração, ela seria ouvida ou assumiria que era apenas alguém negociando ou reclamando de um mau negócio.

Antes que alguém pudesse ouvir Jesus ensinar, alcançar Jesus para ser curado ou encontrar um pouco de paz e sossego, este pátio teria que ser limpo. Para que as nações tivessem a chance de orar e ouvir a Deus, o comércio dos ladrões teria que acabar. Jesus começou o processo e em pouco tempo o pátio estava limpo. Uma vez que ele começou, é bem provável que outros tenham se juntado a ele. O rei veio e ordenou que o templo fosse limpo e assim foi. Deve ter havido um pandemônio por algum tempo.

Ao refletir sobre este evento e refletir sobre minha vida, encontro um paralelo interessante. Minha vida consiste em quem eu sou e no que eu faço. Muito parecido com o templo, há a parte interna onde Deus habita e o pátio externo onde interajo com aqueles com quem entro em contato.

Com esse pensamento vem outro pensamento. O pátio da minha vida está cheio daquilo que reflete Deus ou está cheio de outras atividades e bens, outras prioridades e propósitos? Quando as pessoas entram em contato com o meu pátio, elas podem ver Deus ou veem outra coisa?

Posso preencher minha vida cotidiana com atividades que não têm nada a ver com Deus ou não refletem nada da presença de Deus em mim. Eu rejeito a Deus e faço o que for preciso para seguir em frente e me proteger. Posso encher minha vida com bens que não refletem a presença de Deus ou impedirão que Deus tenha um lugar no meu mundo.

Posso usar essa área da minha vida para revelar minhas prioridades. O uso do meu pátio fará com que todos saibam o que é realmente importante para mim. Também revelará se meu propósito é servir a Deus, aos outros ou a mim mesmo. Enquanto ando entre as pessoas do mundo, preciso pensar no que está em minha vida. O que é realmente importante e o que realmente tem prioridade.

É especialmente importante pensar nisso enquanto ando entre pessoas de uma cultura e país diferentes. Muitas vezes eles já fizeram suposições sobre quem eu sou e o que eu quero. Eles vêem como sou diferente e estão observando para ver como vou viver entre eles. Serei tudo o que esperam de mim, buscando obter bens, obter controle, obter mais para mim? Ou vou preencher minha vida com atividades e prioridades que refletem a presença de Deus em mim? Serei um lugar para encontrar Deus?

Talvez hoje eu precise pedir a Jesus que faça uma pequena limpeza para que minha vida seja um lugar que atraia as nações para Deus. Talvez eu também precise fazer uma pequena limpeza e me livrar de tudo o que me impede de ajudar os outros a ver Deus e não a mim.

Jesus limpou o pátio para que as pessoas pudessem vir e encontrar Deus. Eu também preciso ter certeza de que minha vida está limpa de tudo o que bloqueará a visão de alguém sobre a aparência de Cristo. Preciso orar sempre para que o que possuo, o que faço, o que desejo não transforme minha vida em um covil de ladrões que roubam dos outros a chance de ver Deus em mim.

BS – Leia as seguintes descrições da presença de Deus no local de culto em Êxodo 40:31-35; 1 Reis 8:6-11. Você já experimentou a presença de Deus dessa maneira quando entrou em Sua igreja para adorar?

MA – O templo é chamado por Isaías de casa de oração para as nações. Hoje a igreja representa a presença de Deus entre as pessoas do mundo. De que forma sua igreja está cumprindo o propósito de prover um lugar de encontro com Deus para as nações.

PR – Tire um tempo para refletir sobre sua aparência, suas atitudes e ações ao entrar na casa de Deus. Como as roupas que você veste, as coisas que você faz e sua atitude contribuem ou prejudicam ajudar os outros a entender que eles estão na Casa de Deus e estão na presença de Deus.

Paixão 3

Enchendo o quintal

Mateus 21:14-17

O templo foi limpo. Todo mundo está esperando para ver o que vai acontecer a seguir. Há uma longa pausa, quase como se todos estivessem prendendo a respiração. Então há um barulho e alguns cantos. São as crianças.

Eles estão gritando Hosana, bendito é aquele que vem, bendito é o Messias. Eles estão correndo e brincando. As crianças são rápidas em preencher qualquer silêncio com o som de sua presença.

Agora a multidão está ainda mais tensa.

Os fariseus finalmente começam a reagir. A torcida esperava por isso. Eles sabem quem está no controle do mercado, no controle dos cambistas, no controle da segurança. Eles sabem que o que Jesus acabou de fazer custará aos fariseus.

Eles vão perder dinheiro, porque todo o negócio que eles encorajaram e apoiaram se foi.

Eles perderão o controle, porque alguém o tirou deles e revelou sua duplicidade.

Eles vão perder posição, porque um maior veio, o Mes sim.

Se eles conseguirem acalmar as crianças, impedir que todos pensem em Jesus como o Messias, então talvez eles possam recuperar sua posição e tudo voltará ao lugar. Então eles atacam não Jesus, mas as crianças, e sugerem a todos que Jesus perdeu o controle da situação; que Jesus é falso porque depende de crianças. Então eles atacam as crianças como tolas, e atribuem sua tolice a Jesus, esperando que talvez todos os outros vejam Jesus como uma farsa.

Veja, à medida que limpamos nossa vida do lixo e do que não é essencial, à medida que permitimos que a luz de Deus seja visível, haverá aqueles que se manifestarão e criticarão nosso comportamento, nossa decisão. Fazem-no porque se sentem ameaçados - não querem perder o que têm. Eles podem perder apoio, podem perder o controle e certamente perderão sua posição de importância; a menos que eles possam nos fazer parecer tolos por proclamar claramente nosso amor por Deus.

Isso acontece assim que começamos a proclamar publicamente nosso relacionamento com Deus e declaramos o que ele fez; assim que começarmos a estender a mão e ajudar os necessitados.

Jesus respondeu rapidamente. As crianças tinham razão. Muitas vezes eles acertam, muito antes dos adultos. O coração das crianças não está obscurecido pelo medo. As crianças não são carregadas de vergonha. Muitas vezes as crianças nos dizem a verdade, embora não queiramos ouvi-la.

Agora o tribunal começa a se encher de pessoas necessitadas. Pessoas cujos corações e vidas precisam de cura. Pessoas que buscam libertação do fardo do pecado e da doença. Pessoas que precisam ser libertadas do controle de Satanás e do mundo. Ao redor dessas pessoas, o louvor de Deus podia ser ouvido, enquanto as crianças corriam entre eles declarando a verdade.

Esvaziar nossa vida não é suficiente. Deve ser preenchido com a verdade e deve estar disponível para aqueles que precisam ouvir essa verdade. Um pátio vazio é apenas isso - vazio. Para ser de qualquer uso, deve estar aberto para uso. O que é colocado nele determinará como ele será usado no futuro.

Nossas vidas são iguais. Imagine uma sala cheia de lixo. Nós finalmente tiramos um tempo para limpar o lixo para que possamos usar o quarto. Remover o que não pertence é apenas o primeiro passo. O próximo passo será adicionar os móveis e materiais necessários para que a sala possa ser usada como pretendido. Se o deixarmos vazio, ele começará a coletar lixo como antes.

O pátio estava vazio e as crianças encheram o ar com louvor a Deus. Jesus não os impediu e não permitiu que os fariseus os impedissem. Isso encorajou os necessitados a vir. A corte começa a se encher com aqueles que buscam a Deus, buscando ouvir a verdade. O tribunal havia sido limpo e agora estava sendo usado, para que Deus fosse honrado.

Precisamos escolher encher nossas vidas com o louvor de Deus. Precisamos deixar os outros saberem que Deus está no comando, que estamos dispostos a proclamar Jesus como Messias, como nosso salvador. Ao deixarmos essa verdade preencher nossas vidas, as pessoas serão atraídas por nós. Eles virão para aprender sobre Deus e sobre a verdade.

Com o que vamos encher o pátio da nossa vida? As pessoas ouvirão a verdade vindo de nós? Encontrarão um lugar de paz e a possibilidade de cura? Quando eu sair para um mundo que não conhece Jesus, eles saberão que podem vir a mim para aprender sobre aquele que morreu por eles?

BS – Leia Isaías 36. Compare as promessas deste capítulo com os eventos da entrada de Jesus no pátio do templo.

MA – As pessoas vinham ao templo para se encontrar com Deus. Pense em como podemos levar o templo de Deus às pessoas do mundo. Que forma o templo poderia ter que atrairia outros para o encontro com Deus.

PR – Paulo nos diz que somos o templo de Deus. Reflita sobre o estado do seu templo. O que você precisa remover dele, o que você está fazendo para remover o que não é necessário e com o que você encherá seu templo? As pessoas serão capazes de ver a diferença e desejam vir até você para aprender mais sobre Deus?

Paixão 4

Vivo sem vida

Mateus 21:18-22

Tem sido um dia incrível. A entrada triunfal, a limpeza do templo e toda a controvérsia. Então o povo vem para ser curado e sentar-se aos pés de Jesus e ser ensinado. Os fariseus estão sempre presentes, cheios de ressentimento e raiva, procurando uma oportunidade para recuperar o controle, encontrar falhas e restaurar seu orgulho perdido. Foi um dia cansativo e é hora de partir. Jesus e os discípulos não estão em Jerusalém, mas em Betânia, então é hora de ir. Os portões serão fechados em breve. Estão sempre fechados à noite.

É agora no dia seguinte e de manhã cedo. Ontem foi agitado e hoje não será diferente. Jesus está com fome e um pouco de refresco seria bom. Ele vê uma bela figueira ao longo do caminho. Não é a estação principal para os figos, mas deve haver alguns pedaços de frutas na árvore. Apenas o suficiente para refrescar e dar força. A árvore parece forte e saudável.

Jesus vem à árvore apenas para descobrir que não há nada. É tudo show. Seja com raiva, frustração ou julgamento, Jesus amaldiçoa a árvore. Não há fruta hoje e por isso nunca haverá fruta. A vida da árvore era uma farsa, não havia fruto. Não haverá mais engano, não haverá mais fracasso em dar frutos. Naquela noite, ele murchoou e morreu.

Muitas vezes tenho lutado com o significado desta história. Por que destruir o que parece ser uma árvore saudável por falta de frutos. O que Jesus viu que não foi revelado? Havia um problema mais

profundo com a vida e a saúde da árvore? O que posso aprender sobre minha vida e o que Deus espera de mim?

Para entender essa história temos que entender mais sobre as árvores frutíferas e como elas produzem. O sogro do meu filho é dono de um pomar de macieiras e tivemos várias conversas sobre o que é preciso para uma árvore produzir não apenas frutos, mas bons frutos. A primeira coisa que é necessária é um bom porta-enxerto. Isso fornece os nutrientes necessários para o desenvolvimento da fruta. É possível que as raízes forneçam nutrição para as folhas, mas não o suficiente para desenvolver uma boa colheita de frutas. Assim, o termo “bom” porta-enxerto.

A segunda questão diz respeito à poda. Sem podar uma árvore irá adicionar mais e mais galhos e, portanto, mais folhas. Ficará ótimo, mas, por causa de toda a folhagem, a árvore terá dificuldade em produzir frutos. A abundância de folhas tira das árvores a capacidade de suprir a nutrição necessária para que os frutos se desenvolvam adequadamente. Assim, uma árvore espessa com muita folhagem pode, na verdade, significar uma árvore que dá poucos frutos.

A última preocupação está relacionada com a redução das flores ou botões que se transformam no fruto. É necessário reduzir o número de flores logo após terem sido polinizadas. As flores ocorrem em cachos. Uma das flores do cacho é chamada de botão-rei. É maior que os outros. É importante remover as outras flores para que o botão-rei produza melhores frutos. Se eles não forem removidos, todos os frutos serão menores e atrofiados em tamanho. Alguns nem sequer se desenvolverão completamente.

Não é explicado na história o que estava acontecendo com esta árvore, mas parece que houve um problema. Produzia muita folhagem, mas muito pouca fruta. Se estava produzindo fruto, o fruto não era muito bom e, portanto, oferecia pouca possibilidade de nutrição a quem passasse por ali.

Ao refletir sobre isso, comecei a perceber que isso também é possível na minha vida. Cada um dos problemas que afetam uma árvore frutífera está relacionado à minha capacidade de produzir frutos que são benéficos para os outros. Deixe-me explicar.

Root Stock – Isso se relaciona ao meu estudo da palavra de Deus. Existem três níveis de estudo nos quais uma pessoa pode se envolver. O primeiro é um nível mínimo. Apenas tempo suficiente para manter um nível mínimo de conexão com Deus. Isso seria como uma árvore recebendo água suficiente para se manter viva. Todos podem ver o efeito desse tipo de estudo. A vida é fraca e facilmente ferida por qualquer outro estresse que venha. Não há força para produzir nada.

O segundo nível seria confiar em outros para fornecer nossa instrução. Vamos à Escola Dominical e ouvimos sermões. Isso pode nos dar ajuda suficiente para parecer realmente bom. Parecemos bons porque somos vistos na igreja e aprendemos as frases e padrões que sugerem aos outros que somos cristãos. Temos muitas folhas, mas não muito mais. Estamos realmente focados em nós mesmos e, portanto, haverá poucos frutos em nossas vidas.

O terceiro nível é onde nós, como indivíduos, passamos tempo estudando diariamente a palavra de Deus para nós mesmos. Envolvemo-nos em grupos de estudo bíblico e ministério onde aprendemos a aplicar o que aprendemos. Isso pode resultar em outros nos corrigindo e nos desafiando à medida que procuramos aprender e usar o que aprendemos. Esse tipo de estudo fornece o alimento necessário para poder ajudar os outros e, assim, dar frutos.

Poda – É somente quando passamos para o terceiro nível de estudo que podemos lidar com a questão da poda. Este estudo fornece o ambiente necessário para podar atitudes e comportamentos improdutivos. Também torna possível ver áreas de fraqueza e pecado que precisam ser tratadas. Esse tipo de exercício torna possível produzir frutos que realmente beneficiarão os outros.

Sem poda, nossa árvore pode parecer boa, mas nossa capacidade de produzir frutos será prejudicada. Haverá muitas folhas e a aparência de ser um cristão, mas é tudo aparência. Trata-se de parecer bem aos olhos dos outros, mas não estar disposto a fazer mudanças críticas para que uma pessoa possa ser usada por Deus para ajudar os outros.

Redução – Às vezes estamos tão ocupados, fazendo tantas coisas, que nada de valor duradouro é realmente realizado. Há muitas pessoas que querem ser vistas como ocupadas, fazendo tudo o que podem. Eles nunca param de se mover, nunca param de fazer. Eles se desgastam com toda a sua atividade. Parece bom, mas vai trazer problemas no caminho. Nunca haverá tempo suficiente para fazer qualquer trabalho bem. Nunca haverá energia suficiente para fazer tudo o que precisa ser feito. O resultado é que o trabalho que é feito é fraco e de baixa qualidade.

Significa também que não haverá hora de restaurar a si mesmo. Nunca há tempo suficiente para estudar a palavra de Deus e passar tempo a sós com Deus. Estamos muito ocupados.

Nossas vidas podem ser como aquela árvore.

1. Podemos parecer ótimos por fora, mas não temos vida. Como um sistema radicular pobre. Podemos ter nutrição suficiente para produzir folhas, mas não haverá frutos. Não estamos profundamente enraizados na palavra de Deus. Tudo o que faz é esconder a verdade sobre o que está realmente dentro.

2. Podemos produzir folhas, mas pouco ou nenhum fruto. Não estamos sendo podados. Usamos toda a nossa energia e recursos para criar a aparência de vida. É tudo sobre como olhamos para os outros. Não há espaço para correção, não há possibilidade de treinamento. O foco está no que queremos e não no que Deus quer.

3. Podemos produzir frutos, mas os frutos são pequenos e pouco desenvolvidos. Não há foco em produzir bons frutos. Estamos ocupados tentando convencer os outros de nossas habilidades e envolvimento, mantendo a aparência de uma vida cristã. Como resultado, não estamos preocupados com o futuro do que estamos fazendo, apenas com a aparência que ele proporciona neste momento. Não estamos preocupados com as mentiras que estamos vivendo e com o que acontecerá se formos descobertos. É tudo uma decepção para me fazer parecer bem. As pessoas olham para nós e não para Deus.

Esta história oferece a oportunidade para uma pessoa avaliar sua vida como cristão. Quando as pessoas olham para nós, especialmente aquelas que não são cristãs, o que elas realmente veem? Como missionário, pareço apenas diferente ou há algo em minha vida que trará refrigério e vida? Receberão de mim a verdade? Verdade que os ajudará a conhecer a Deus e crescer nesse conhecimento para que também possam produzir bons frutos?

Jesus viu uma árvore que parecia que deveria dar frutos. Isso não aconteceu e ele o condenou. A árvore murchou e morreu.

Quando Deus olhar para mim, ficará satisfeito com o fruto que dou em seu nome ou condenará o que faço?

BS – Leia Isaías 5:1-17. Aqui está uma descrição de um vinhedo que não estava produzindo. Compare esta descrição com a história da figueira.

MA – O mundo está procurando pessoas que não apenas pareçam boas, mas façam o bem. Como isso se relaciona com a discussão de Tiago sobre fé e obras? Quão importante é para o nosso testemunho produzir frutos?

PR – Avalie sua vida e como ela aparece para os outros. Você tem a capacidade de produzir frutos?

Paixão 5

Quem você pensa que é?

Mateus 21:23-27; Lucas 20:1-8

É o dia seguinte. Jesus voltou ao templo. Os fariseus estão superando o choque de Jesus limpando a área do pátio gentio e começando a avaliar o que isso significava. O problema não está melhorando. Jesus está no controle. As pessoas estão vindo para ver e ouvir Jesus. As crianças estão correndo gritando “o messias chegou”. Não é isso que os líderes querem. Eles querem os cambistas de volta. Eles querem os comerciantes de volta. Eles querem o controle do templo de volta. Eles querem que as coisas sejam como eram antes de Jesus vir. Mas...

Os cambistas e comerciantes provavelmente não voltarão enquanto Jesus estiver lá. Eles não gostariam que ele respondesse a eles como ele fez antes e correriam o risco de perder mais. E se a multidão ficar fora de controle, eles podem se machucar. A guarda do templo provavelmente não seria capaz de controlar a situação. Os guardas não vão prender Jesus, porque isso só vai agitar a multidão, o que significa que eles serão alvo da ira da multidão.

Os líderes decidem que a melhor maneira de lidar com isso é confrontar Jesus. Eles vão desafiar seu direito de agir e esperamos que as pessoas vejam as coisas de forma diferente. Eles acreditam que são a autoridade designada. Eles têm autoridade porque são da linhagem de Levi e da linhagem dos sacerdotes. Eles têm a lei para apoiar essa crença, bem como os escritos de Davi, os profetas e a história. Afinal, quem Jesus pensa que é? O que lhe dá o direito de fazer o que está fazendo?

Você já se perguntou o que dá a uma pessoa o direito de dizer a você e aos outros o que fazer? O que lhes dá o direito de julgar sua vida e atividades? O que lhes dá o direito de decidir o que é melhor para você e o que não é do seu interesse? Você quer dizer: “Quem você pensa que é?”

Esta pergunta/declaração é usada em muitas áreas da nossa vida.

- Às vezes, pedimos para que possamos entender melhor por que uma pessoa está agindo de maneira autoritária. Muitas vezes, fazer a pergunta é importante e nos ajuda a entender a autoridade. Eles são nomeados por outros para serem responsáveis por um determinado ambiente ou para supervisionar ou fazer cumprir as regras e regulamentos estabelecidos por uma empresa, grupo ou comunidade. Podemos obter uma resposta como, eu sou um policial, ou eu sou o diretor. A partir dessas respostas, percebemos rapidamente que eles receberam sua autoridade pelo consenso de um grupo de pessoas.

- Às vezes pedimos isso como uma tentativa de remover uma pessoa da autoridade ou acabar com sua autoridade sobre nós. Nesses casos, a autoridade existe por causa de áreas de responsabilidade cultural ou socialmente estabelecidas.

- Às vezes estamos tentando acabar com a autoridade de alguém sobre nós. Espera-se que os pais tenham autoridade na vida de pessoas específicas. Um cônjuge pode desafiar a autoridade de seu cônjuge ou de um dos pais em suas vidas. Os filhos desafiam a autoridade dos pais.

- Às vezes, acreditamos que há evidências de alguém tentando abusar de sua autoridade e, portanto, queremos que a pessoa seja removida.

- Às vezes, uma pessoa está tentando impor sua autoridade ou crença a outra sem pedir permissão e, por isso, objetamos.

- Às vezes há uma falta de compreensão de por que alguém tem autoridade naquele ambiente e por isso perguntamos.

- Às vezes, a pessoa está apenas tentando escapar da responsabilidade que tem com essa autoridade,

Vejamos a situação que ocorre quando dois sistemas de crença entram em contato um com o outro. O problema surge quando um deles está tentando convencer o outro de que o caminho deles é o único. Nesse ponto, a pessoa que está sendo confrontada perguntará: “Quem você pensa que é para me julgar, para decidir que estou errado”. Ninguém gosta de ouvir que está errado e que a maneira como vive e o que acredita é falso.

Vimos isso quando nossos filhos entraram na escola internacional onde morávamos. Eles eram os únicos cristãos na escola. O resto dos alunos eram muçulmanos ou hindus. À medida que eles começaram a deixar os outros saberem sobre sua fé, ficou claro pelas perguntas com que chegaram em casa que os outros alunos estavam perguntando sobre a autoridade. Por que você acha que está certo ou quem você pensa que é?

Ao entrar em outra cultura, precisamos estar atentos a essa pergunta e como responderemos. Não somos a autoridade porque não temos a voz da comunidade por trás de nós. Não somos a autoridade porque não temos um determinado papel ou posição em relação a eles. Só porque alguém é missionário ou pastor não lhe dá autoridade para falar, nem isso os torna certos.

Isto é o que os líderes do templo estavam tentando fazer com Jesus. Eles argumentaram que só porque ele poderia assumir o controle não lhe dava autoridade para fazê-lo. Ele não era um sacerdote ou um levita ou alguém designado para ter essa responsabilidade. Eles fizeram a pergunta esperando que as

peessoas entendessem seu ponto de vista e os apoiassem contra Jesus. Eles sabiam que Jesus era de Nazaré, eles sabiam que Jesus não tinha conexões com nenhuma das linhagens dos levitas ou sacerdotes. Eles sabiam que Jesus não era um membro dos fariseus ou saduceus. Jesus era apenas um professor itinerante, ou assim pensavam. Então eles vieram a Jesus e disseram “quem você pensa que é?”

Jesus escolheu responder a eles fazendo uma pergunta. Ele os ajudaria a decidir se de fato ele tinha autoridade para assumir o controle do pátio do templo. Ele perguntou se eles sabiam com que autoridade João falava. A resposta deles a essa pergunta forneceria a resposta para a pergunta que estavam fazendo a ele. Aqui está a pergunta que ele lhes fez: “João foi enviado por Deus ou João era apenas outra pessoa?” (Mt 21:25)

É a mesma questão com a qual estamos lidando quando as pessoas querem saber por que pensamos que estamos certos e estão errados quando se trata de falar aos outros sobre Deus. Quem somos nós para condená-los e chamá-los de pecadores?

A verdadeira questão em responder a esta pergunta é entender quem nos enviou. Esta é a pergunta de Jesus. Se João estivesse sob sua própria autoridade, eles não precisariam ouvi-lo, mas se ele estivesse sob a autoridade de Deus, eles teriam que lidar com Deus. Se nos enviamos ou dependemos de nossa própria autoridade, não temos o direito de falar. Mas, se dependemos da autoridade de Deus e do fato de que ele nos enviou, temos o direito de falar. Eles ainda podem rejeitar nossas palavras. Essa é a escolha deles.

Os líderes não gostaram da pergunta de Jesus. Dizer que João se enviou seria rejeitar a crença do povo. As pessoas acreditavam que João foi enviado por Deus e estava falando a palavra de Deus. Se eles rejeitassem isso, então eles temiam, e com razão, que a multidão atacasse. Dizer que João não foi enviado por Deus colocaria os líderes em perigo físico. Eles não estavam dispostos a correr o risco de serem atacados pela multidão.

Admitir que João foi enviado por Deus os colocaria em uma posição ainda mais perigosa. Significava que eles haviam rejeitado a palavra de Deus e o mensageiro de Deus. Se eles admitiram que João era de Deus, isso significa que eles também deveriam conhecer a fonte da autoridade de Jesus. Também significava que Jesus, a quem João havia proclamado abertamente como o Messias também, tinha autoridade para agir da maneira que agiu. Admitir isso seria admitir ao povo o vazio de sua autoridade. Isso os deixou sem autoridade e abertos a serem julgados por não ouvirem os mensageiros de Deus. Eles teriam que admitir que estavam errados e que Jesus estava certo. Seu orgulho não os deixaria fazer isso.

A única saída para esse dilema era dizer que eles não sabiam. O que significava que agora Jesus estava no controle da situação. Eles teriam que esperar e remover Jesus em silêncio ou de forma a mudar a mente da multidão.

Como um cristão, serei confrontado com esta questão. Que direito tenho de falar, quem penso que sou? Como missionário, aqueles que tento alcançar vão querer saber que direito tenho de lhes dizer que estão errados. Eles vão me perguntar: “Quem você pensa que é?”

As pessoas fazem essa pergunta para evitar lidar com a verdade. Mas como eu respondo afetará como eles ouvem ou se eles vão ouvir. As pessoas ao redor de Jesus sabiam a resposta. Jesus agiu porque foi enviado por Deus. Ele tinha a autoridade de seu Pai para falar e dizer a verdade ao mundo. Sua pergunta sobre a autoridade de João serviu para enfatizar essa verdade.

A escolha de Jesus de proclamar a palavra de Deus não era popular entre todos. Os líderes não estavam dispostos a aceitar essa verdade. Isso resultou em oposição a Jesus e em seu sofrimento por estar disposto a obedecer a Deus e proclamar a verdade.

Quando as pessoas me perguntam “quem você pensa que é”, o que eu faço? Procurarei ajudá-los a ver que Deus me enviou? Minha vida refletirá essa verdade? Quando eles se recusam a ouvir o que vou fazer?

Eu tenho uma resposta para esta pergunta? Sei quem sou e quem me deu autoridade para falar? Conheço a fonte da minha autoridade? Quem eu acho que sou, realmente? Essas são perguntas importantes a serem respondidas. Saber a resposta determinará como apresentarei a verdade. Se for baseado no que “eu” acho certo, então será fácil para os outros rejeitarem. Se for baseado no fato de que Deus, o criador do universo, falou, então eles terão que lidar com Deus.

BS – Leia Jeremias 26:1-19. Aqui está uma discussão semelhante sobre a fonte de autoridade para falar e agir em nome de Deus. Como esta discussão é a mesma e diferente daquela aqui em Mateus? Quais foram os resultados da discussão em Jeremias?

MA – Falar a palavra de Deus às pessoas pode ser uma atividade perigosa. Se você fosse ameaçado por aqueles que se opunham ao que você estava dizendo, como você responderia? Muitos morreram por dizer a verdade de Deus. Como isso afetou a divulgação da verdade e sua aceitação por outros?

PR – Reflita sobre sua vida. Você está tomando o caminho seguro quando se trata de ser uma testemunha de Deus? Por quê?

Paixão 6

Agora você o vê, mas não é ele.

Mateus 21:28-31

Jesus conta esta interessante história de um pai e seus dois filhos. Ele pede que ambos ajudem na vinha. O irmão mais velho, por uma razão desconhecida, diz ao pai que não o fará e o mais novo diz que sim. O resultado final, porém, é diferente. Quem se recusou a ir muda de ideia e ajuda, e quem concordou muda de ideia e não ajuda.

Não nos é dito por que há uma mudança de mente. Não somos informados das razões originais para a recusa. Não nos é dito muito de nada. Em vez disso, nos fazem uma pergunta simples: quem é aquele que obedeceu ao pai?

É fácil supor que o pai é Deus. Jesus nos diz que o irmão mais velho representa várias pessoas que seriam consideradas párias pelo estabelecimento religioso. Isso infere, então, que o irmão mais novo representa o estabelecimento religioso.

O establishment religioso daquela época vive de regras e estruturas que definiam seu envolvimento. Essas regras e regulamentos também definiram quando e como eles seriam envolvidos. As regras também definiam o que deveria ser feito antes que alguém pudesse se envolver. Havia direitos de iniciação, havia regras para progressão e havia regras para regular quais eram as atividades apropriadas. Essas regras incluíam preparação, vestuário, atitude, treinamento e muitas outras áreas.

Os párias também tinham regras e estruturas. Eles foram definidos de forma diferente. Uma regra chave era que eles não viviam de acordo com as regras e estruturas da elite. Eles não tinham recursos, tempo e desejo de cumprir tudo o que era exigido pela elite religiosa. A vida deles era muito mais clara e direta.

É fácil entender por que o pária pode olhar para o trabalho e dizer: “se é assim que eles querem que seja feito, não, obrigado. Não estou interessado em fazer o trabalho.” Também é fácil ver por que a elite

religiosa concordaria rapidamente com o trabalho. É importante para eles fazer o que é pedido. É importante parecer estar de acordo e colocar uma boa fachada para todos os outros. É importante parecer que eles estão comprometidos e que pertencem.

Então, o que aconteceu com o irmão mais novo (os líderes religiosos)? Sua vida (os líderes religiosos) foi construída em regulamentos e aparências e, portanto, era fácil concordar com algo, mas muito mais difícil arriscar ficar suado e sujo e realmente fazer o trabalho. As aparências são muito mais fáceis de manter do que trabalhar fisicamente. Ele (eles) concordaram que o trabalho precisava ser feito, mas, na hora de fazê-lo, isso era responsabilidade de outra pessoa. Ele (eles) concordaram que o Pai tinha o direito de pedir, ele era o encarregado do trabalho. Ele (eles) concordou que seria bom para eles fazerem isso, mas, chegou a hora de trabalhar, foi demais.

Você pode ouvir isso na igreja? Você já se ouviu dizer a mesma coisa? Você concorda que precisa de estar envolvido. Você diz a alguém que estará lá para ajudar e então você não aparece. Você está muito ocupado, você não está pronto, você está... e então inventa desculpas. Você fica mais do que feliz por estar lá quando isso faz você parecer bem, mas quando você tem que trabalhar, deixe outra pessoa fazer isso. Você fica mais do que feliz em manter as aparências, mas, quando isso pode afetar suas escolhas e preferências, você não pode ser incomodado. Você está pronto para obedecer até certo ponto, desde que seja você quem dá as ordens e esteja no controle. Você está pronto para se envolver, mas do seu jeito, do seu jeito e no seu horário.

Você parece um filho do Pai, parece um filho do Pai, às vezes até age como um filho do Pai, mas quando se trata de realmente viver e trabalhar como um filho do Pai, você simplesmente não consegue ser contado. Você quer todos os benefícios, então tenta criar a impressão de que está obedecendo. Você diz as palavras certas; você participa de todas as atividades certas. Para todas as aparências, você parece o papel, mas é tudo uma decepção.

Mesmo quando você engana os outros, você engana a si mesmo. Manter tal decepção exige muito trabalho e esforço. De muitas maneiras, manter as aparências exige mais esforço do que realmente fazer o trabalho. Há um esforço constante para encontrar desculpas, evitar lidar com o trabalho ou falar sobre o trabalho. Há o esforço constante para parecer bem e evitar admitir seu engano.

Esse irmão mais novo poderia ser qualquer um de nós?

Agora considere o irmão mais velho. Ele vê o trabalho pelo que é - trabalho. Ele não está pronto para isso e diz a verdade ao pai. Não é divertido ficar suado e sujo. Não é divertido lutar para aprender o que fazer e passar pelo processo de ganhar competência no trabalho. Não é divertido misturar-se com outras pessoas e lidar com seus enganos. Não, ele não está interessado.

Não temos certeza do que mudou sua mente. Mas algo aconteceu e ele foi. Talvez ele tenha visto o vazio ou o egoísmo de sua escolha. Talvez ele tenha percebido que não era certo aproveitar os benefícios, mas não compartilhar o trabalho. Talvez ele apenas se visse como era e deixou de lado seu orgulho e aprendeu a humildade. Ele viu que a direção que estava indo era falsa. Pode ser que ele quisesse comer, quisesse os benefícios e percebeu que, para realmente aproveitá-los, precisava se envolver. Então ele mudou de ideia.

Também vemos essas pessoas na igreja. Eles estão sempre lá, mas quase sempre passam despercebidos. Eles estão prontos para trabalhar e o fazem sem reclamar porque não se trata de reconhecimento. É sobre o trabalho e os benefícios obtidos com o trabalho. É ver os frutos do trabalho e como os outros são encorajados e auxiliados porque o trabalho é feito. Eles sabem que se envolver traz significado e resultados. Eles não têm medo de admitir onde estiveram e os erros que cometeram. O foco está em fazer a diferença agora e superar o passado, deixando-o de lado, ganhando perdão e encontrando um lugar para pertencer.

Sim, eles são o irmão mais velho, os excluídos; mas então eles realmente não são. O pai sabe o que está em seu coração. Não são as palavras que falam, mas o trabalho que fazem. Eles ouviram a voz do Pai e mudaram o rumo de suas vidas.

À medida que nos mudamos para outra cultura e país, precisamos manter essa questão claramente em nosso pensamento. É fácil informar as pessoas quem somos. Eles sempre perguntam. Somos estranhos e estranhos e eles querem saber por que estamos lá. O que eles precisam ver é como nossas vidas combinam com nossas palavras. Não somos cristãos ou missionários por causa do que dizemos, mas sim por causa do amor e das ações de Cristo que vivem em nós e através de nós.

Isso significa que precisamos nos envolver em suas vidas, trabalhar em seu mundo, aprender como sua cultura funciona. Isso dá muito trabalho. Palavras não serão suficientes para entrar e fazer a diferença. Será preciso mais do que palavras para que haja uma colheita.

Não importa onde vivamos e o que façamos, precisamos manter esse padrão diante de nós se quisermos ter uma influência cristã duradoura na vida das pessoas que encontramos ao longo do caminho.

BS – Leia Ezequiel 18:19-32. Compare isso com a parábola que Jesus contou aos fariseus. Pense no que significa ser justo e revelar Deus aos outros.

MA – Deus nos chamou para trabalhar na sua vinha. O desafio que enfrentamos é ir à vinha e fazer o trabalho. Quais são as questões que tornam difícil passar de concordar sobre a necessidade de fazer o trabalho para realmente fazer o trabalho? Que questões especiais uma pessoa enfrentaria ao fazer o trabalho em meio a outro povo e cultura?

PR – Já foi desafiado a entrar na vinha e trabalhar? A ideia foi emocionante para você ou assustadora? Quando chegou a hora de realmente ir trabalhar, o que você fez e por que tomou essa decisão?

Paixão 7

O legítimo proprietário -

Devolvendo o que nunca foi nosso

Mateus 21:33-45; Marcos 12:1-12; Lucas 9-19

Você já recebeu uma tarefa e, em vez de aceitá-la humildemente e se esforçar ao máximo, você vai além disso? Você tenta manipulá-lo para ganhar honra para você e seus talentos. Se outra pessoa tentar fazer uma sugestão, ou revelar áreas de melhorias necessárias ou corrigir um erro, você responde como se realmente fosse seu trabalho. Você age como se estivesse no controle, não apenas a pessoa designada para fazer o trabalho. Você não está interessado em perder nenhum dos benefícios e honra que podem advir do que está sendo feito.

A interferência é inaceitável, porque isso indicaria que você não está no controle e que os outros têm o direito de se envolver e compartilhar tanto o trabalho quanto os benefícios. A entrada não é aceitável, porque outra pessoa pode esperar compartilhar dos lucros e recompensas do trabalho. Cada vez mais o foco está no controle. Outros que vêm ajudar no trabalho são tratados como inimigos. Eles são ignorados, rejeitados, ridicularizados e envergonhados por você na esperança de que nada mais aconteça. O objetivo é fazer parecer que você é insubstituível. Mesmo que viesse o filho do responsável, o objetivo seria fazê-lo parecer tolo e incompetente, na tentativa de manter sua posição, prestígio e controle.

Você já fez isso ou viu outros fazerem?

Seria uma surpresa se você não tivesse visto isso acontecer. É muito comum em nosso mundo. Muitas vezes pensamos em jogos de escritório e em como as pessoas procuram progredir ou manter sua posição às custas dos outros. Vemos isso no local de trabalho. Se alguém tentar melhorar ou se comportar de uma maneira que faça outra pessoa parecer preguiçosa ou improdutiva, outros podem banir essa pessoa.

Aconteceu comigo em um trabalho de fábrica que eu tinha. Eu apenas tentei completar minha tarefa o mais rápido e eficientemente possível. Um dia o líder sindical veio até mim e me disse que não estava feliz com o que eu estava fazendo. Eu deveria desacelerar e ir com calma. Embora não houvesse ameaça explícita, estava claro que, se eu não seguisse a linha, teria problemas.

Jesus viu esta atitude nos líderes religiosos e assim contou esta parábola (Mt 21:33-45). A eles foi dada a tarefa de cuidar da vinha, o povo de Deus. Eles deveriam prover o cuidado e a nutrição do povo. Eles deveriam protegê-los do perigo e problemas. Então o povo cresceria em seu conhecimento de Deus e Deus receberia a honra que Lhe era devida. Em vez disso, os líderes trataram a vinha como sua. Eles só fizeram o que lhes traria benefício e se recusaram a permitir que outros fizessem parte da obra de Deus. Começam a restringir o acesso e guardam os benefícios para si. O povo não podia fazer parte do grupo interno porque as regras favoreciam apenas os líderes e os aprovados pelos líderes.

Aqueles enviados para ajudar a corrigir o problema foram ignorados, mandados embora, constrangidos e até atacados. Tudo para que os líderes religiosos pudessem manter o controle. Deus enviou seu filho e eles o trataram como os outros. Eles não estavam interessados em desistir de sua posição ou de seu poder.

Isso continua a ser um problema no mundo e na igreja. Nós apreciamos os títulos e posições que temos. Nós nos concentramos mais em manter nosso controle do que em realizar o trabalho que nos foi dado. Criamos barreiras à mudança. A mudança é a maior ameaça porque envolve pedir ajuda a outra pessoa e, assim, diminui nossa posição e nosso controle. As únicas mudanças que nos interessam são aquelas que mantêm nossa posição e nos deixam no controle.

Rejeitamos novas ideias porque não são nossas ou não foi assim que fizemos. Aceitar uma nova ideia pode significar que precisamos deixar que outra pessoa nos ensine e, assim, abrir mão de um pouco de nosso controle e da aparência de que sabemos o que estamos fazendo. Abrir a porta para ser ensinado significa admitir que nosso conhecimento e habilidade têm limites. É mais fácil manter as coisas como estão, mas isso impede que os outros ajudem e restringe os benefícios potenciais para os outros.

Também não queremos lidar com o risco. Não queremos arriscar abrir mão de algum controle, para que mais pessoas possam estar envolvidas. Não queremos arriscar a aparência de precisar dos outros

porque tememos que eles possam nos substituir ou que não sejamos necessários. Não queremos lidar com o risco que vem quando confiamos nos outros. Temos medo do que pode acontecer se deixarmos que outra pessoa tenha algum controle. E se eles falharem? Então teremos mais trabalho a fazer para nos recuperar dos problemas que podem causar.

Esta é uma questão-chave que deve ser tratada quando entro na vida de outra pessoa, no ministério de outra pessoa, na cultura de outra pessoa, em outro país. Que posição vou tomar? Vou procurar estar no controle? Vou tentar pressioná-los a fazer do meu jeito? Chegarei como mestre ou como estudante?

Estou morando na casa de um costarriquenho. De quem eu vou viver? Que forma de cozinhar, viver e comunicar vou seguir? Deles, claro. Eu preciso me lembrar de sempre usar sapatos em casa. Eu preciso aprender a falar espanhol para falar com eles. Preciso saber complementar e agradecer por tudo que estão fazendo por mim. Se eu aprender essas lições e muitas outras, então eu Serei mais eficaz no ensino e discipulado neste país e em qualquer outro país onde Deus me enviar.

Preciso deixar de lado meu controle do mundo ao meu redor. Preciso deixar de lado meu orgulho e desejo de reconhecimento. Eu preciso deixar os outros compartilharem o que eu não sei, para que eu possa ser mais eficaz. Preciso deixar que os outros tenham o controle para que juntos possamos crescer e eu possa aprender a ser mais eficaz no mundo deles.

Quero dizer, de quem é o jardim, afinal? Se eu tratá-lo como meu, então eu serei o único que se beneficia. Se eu a tratar como minha, então, quando eu partir, não haverá ninguém para cuidar da horta, porque não ensinarei a ninguém e não confiarei a ninguém a horta. Mas, se eu tratá-lo como deuses, então todos se beneficiam. Outros aprenderão a cuidar do jardim. Outros aprenderão os benefícios que vêm do jardim e desfrutarão desses benefícios. O jardim continuará por muito tempo depois que eu me for.

Quando você olha para o que você está envolvido, como você responderá à pergunta: “De quem é o jardim, afinal?”

BS – Leia Jeremias 25:1-11. Compare esta passagem com a parábola de Jesus. Quais são alguns exemplos de maus caminhos e práticas malignas a que Jeremias está se referindo? Compare-os com a atitude das pessoas que cuidam da vinha na parábola.

MA – Quando se muda de uma cultura para outra, muitas das regras que definem autoridade e controle mudam. Aplicar as regras de uma cultura em outra cultura pode impossibilitar qualquer tipo de sucesso

verdadeiro. Pense no que significa estar certo, mas fazer o trabalho da maneira errada. O que será necessário para mudar essa situação?

PR – Pense na sua vida e no controle que você exerce na vida dos outros. Por que você quer estar no controle? Como seu desejo de estar no controle afeta a capacidade dos outros de fazer parte de sua vida?

Paixão 8

Um convite negligenciado e alterado

Mateus 22:1-14

Mais uma vez, Jesus tenta ajudar os fariseus a entender a natureza de sua situação. Eles estão ficando mais irritados e está ficando mais difícil para eles ouvirem, mas Jesus vai tentar mais uma vez. Os fariseus precisam ver onde estão e o perigo em que estão. Você vê que o reino pertence a Deus, não a eles, e eles não estão ouvindo ou vendo essa verdade. Eles seguiram seu caminho por tanto tempo que é difícil para eles pensarem de forma diferente. Então Jesus lhes conta outra parábola, outra tentativa de abrir seus olhos, outro esforço para ir além ou atrás de suas defesas, sua atitude e encontrar seus corações.

É outra história sobre uma festa. Os frequentadores foram convidados. Eles esperam ser convidados e, portanto, dão como certo o que é oferecido. Eles sempre foram convidados e então qual é o problema em perder um. Haverá outra festa, outro convite. Ou talvez eles pensem que o rei apenas reprogramará para acomodar seus planos e programas. Realmente o que o rei faria sem eles e os serviços que prestam?

Mas agora a situação começa a sair do controle. Em vez de enviar suas desculpas, eles começam a insultar o rei e abusar de seus representantes. Eles agem como se o rei não pudesse fazer nada sem eles, suas habilidades e sua presença. Eles vão além de serem membros do reino do rei para agir como se fossem o reino e que o rei deveria servi-los.

O rei é forçado a uma situação muito perigosa. Se ele não responder, eles de fato assumirão o controle dele. Na verdade, se ele não responder, o povo rapidamente perceberá que seu rei é apenas uma figura

de proa e não tem poder ou autoridade. O verdadeiro poder, a verdadeira autoridade está com aqueles que estão causando toda a comoção e problemas.

Se a resposta do rei não for forte o suficiente, então ele abre a porta para uma rebelião ainda maior. Aqueles líderes que se recusam a vir podem agora acreditar que podem realmente tomar o lugar do rei. Assim, o próprio rei estará em uma posição de perigo constante. Isso também significa que as pessoas que dependem dele podem ser lançadas em grande confusão e podem até ser feridas ou mortas nos seguintes conflitos pelo poder.

Realmente só há uma solução. O rei deve remover todos aqueles que se recusaram a vir e desafiaram sua autoridade e seu poder. Então ele envia seu exército para destruí-los. Se eles são mortos ou presos, não importa. A questão é que eles são tratados de forma permanente.

Isso resulta em um segundo dilema. Ainda há uma festa que foi planejada para o filho do rei. Isso não mudou. Para estabelecer ainda mais o fato de que o rei está realmente no controle, ele deve realizar esse evento. Os que estavam por vir foram rejeitados e removidos. O único recurso é sair entre o povo e reunir todos os que estiverem disponíveis para vir e encher o salão de banquetes, encher a casa do rei para que haja festa digna do filho.

Isso também significa providenciar para que as pessoas se vistam de maneira digna de tal evento. O tempo é curto e assim os servos do rei se movem rapidamente para trazer tantas pessoas quanto eles podem e fornecem roupas para todos os que vêm. Eles reúnem bons e maus, qualquer um que esteja disposto a vir e ter roupas de casamento para vestir.

Em tudo isso o rei está feliz. A casa está cheia de pessoas que parecem pertencer; exceto por um indivíduo isolado. Ele veio, mas por algum motivo não tem as roupas certas. O rei fica confuso e depois zangado. Podemos perguntar por que, mas de certa forma a resposta é bastante clara. O rei acabou de lidar com um grupo de pessoas que rejeitou sua autoridade. Agora aparece outro que não está de acordo com os desejos do rei.

O indivíduo representa outro desafio potencial para o rei. O primeiro grupo pensava que eram tão essenciais para o rei que não podiam errar. Na outra ponta do espectro está esse homem que representa um grupo que pode pensar que não precisa fazer nada, ou mesmo fazer o que gosta, e ainda assim ser aceito como hóspede na casa do rei. O rei também não pode permitir essa atitude. Se ele o fizer, então mais se recusarão a seguir os regulamentos que ele estabeleceu, até que isso crie anarquia e desordem no reino. Se isso acontecer, ele perderá o controle e muitos sofrerão.

Então o homem é amarrado e expulso da casa do rei. Mais do que isso, ele é afastado de todo contato com os outros para que não sejam influenciados por sua atitude. A resposta parece drástica, mas é claro que nenhum comportamento extremo pode ser tolerado. O erro não foi de descuido, mas de escolha. Ele não podia responder ao rei por que não tinha roupas de casamento. Ele sabia que tinha escolhido não usá-los e tentou burlar as regras por suas próprias razões. O que quer que ele pensasse que estava ganhando agora está perdido e agora ele está lá fora chorando e se chutando por sua decisão tola.

Este conto é um poderoso aviso para aqueles que assumem que a igreja, o reino de Deus, é seu mundo privado. Eles não têm o direito de agir, ou mesmo presumir agir, no lugar de Deus. Muitos líderes são pegos nessa armadilha. Um pouco de sucesso, um pouco de poder e agora eles sabem o que é melhor para todos e têm um plano para ganhar o mundo. Torna-se mais sobre seu plano, seu programa, do que sobre Aquele que os salvou.

O mundo não precisa de nossas habilidades, nem de nossos planos. Não é isso que vai salvá-los. O que eles precisam é da presença de Deus, não de nós. Deus não precisa de nós para salvar outros; ele os salva por seu poder. Nossa tarefa é levar outros para a casa do rei. Devemos ser aqueles que os trazem, bons e maus, e ser os servos da história. Aqueles que pensavam que eram tão importantes foram substituídos pelos servos.

Por outro lado, precisamos estar muito cientes de que Deus tem diretrizes claras sobre o que está envolvido em entrar no reino. Ele é muito claro sobre como as pessoas devem se tornar membros de sua família. Precisamos ter muito cuidado para que em nossas tentativas de trazer as pessoas não passemos a impressão de que não há diretrizes ou padrões. Deus tem sido muito claro sobre a vestimenta que deve ser usada. É recebido como resultado da confissão de nossos pecados e perdão pelo Filho.

Devemos ter cuidado para não deixar que ninguém tenha a impressão de que a única coisa que se exige deles é sua presença. Fica muito claro que há uma diferença entre vir como você é e vir como você quer vir. Eles devem saber sem dúvida o que Deus espera deles, não o que eu espero, e como e quando várias atitudes e ações precisam mudar em suas vidas para revelar que eles se submeteram ao governo de Deus.

Da mesma forma, devemos ter cuidado para que nossas vidas revelem claramente como deve ser um membro da família de Deus. Não podemos deixar de lado as expectativas de Deus para acomodar o que queremos e como queremos viver. Essa atitude impedirá que aqueles com quem entramos em contato encontrem Deus e lidem com o pecado em suas vidas.

Jesus entendeu isso muito claramente. Ele veio à terra como o Filho, mas não deixou de lado a vontade e os desejos de seu Pai para Sua vida. Ele não se colocou à frente do Pai, mas submeteu-se ao plano que seu Pai tinha para Sua vida. Essa atitude também O ajudou a evitar o outro extremo. Ele sabia que Sua vida tinha que ser vivida de uma certa maneira para que o plano fosse eficaz. Ele não poderia ser descuidado em Suas atitudes ou em Suas ações. Se Ele fosse, então aqueles que O ouvissem e O vissem ficariam confusos, porque a mensagem não combinava com a vida.

Preciso refletir sobre essas verdades ao entrar em outra cultura e em outro país. As pessoas não encontrarão Deus por minha causa, mas somente porque Deus é capaz de trabalhar através de mim. As pessoas verão a verdade não por causa de como eu mantenho minha cultura ou me adapto à cultura deles, mas em como eles veem a verdade de Deus vivida em como eu vivo minha vida para ele em sua cultura.

Eu preciso ser um dos servos que ajudam os outros a receber o convite para vir e depois dar-lhes as informações do que é necessário para poder entrar. Eu preciso ser aquele que ajuda as pessoas a verem claramente o que Deus espera e o que Deus fará por aqueles que aceitarem o convite, para que sejam admitidos. Eu preciso ser alguém que os ajude a obter as roupas certas e os ajude a estarem dispostos a usá-las. Preciso ter a atitude de um servo de Deus e não de um que serve aos meus próprios desejos e propósitos.

Deus é muito generoso com seu amor, mas muito claro sobre quem está no comando e o que está envolvido em receber os benefícios de seu amor. Servir a mim mesmo e fazer do meu jeito não vai funcionar. Seja em meu país de origem ou em outra cultura, Deus deve estar no controle e tudo o que faço deve revelar a quem sirvo.

BS – Leia Sl 9:1-6, Sl 81:8-16. Reflita sobre o desejo de Deus de que venhamos ao banquete que ele preparou para nós. Reflita sobre por que nos recusamos a vir e as consequências de não vir.

MA – Pense na natureza das roupas que cada pessoa que compareceu ao banquete deveria usar. Todos usavam exatamente a mesma roupa? Esperamos que todos pareçam exatamente iguais ao entrar na família de Deus? Poderia haver diferentes tipos de roupas que seriam aceitáveis? Todos nós temos que olhar e agir exatamente da mesma forma para sermos bem-vindos na casa do rei?

PR – Nossa atitude em relação ao rei é um fator chave na forma como os outros vão responder ao convite. Compare sua atitude e ações com os diferentes grupos da parábola, aqueles originalmente convidados, os servos, o segundo grupo de convidados e aquele que foi expulso.

Paixão 9

Vivendo na armadilha

Mateus 22:15-22 (Marcos 12:13-17, Lucas 20:26)

Desde a tentação de Jesus tem havido uma ameaça silenciosa em relação à presença e poder dos reinos do mundo. Satanás ofereceu total soberania sobre eles, se Jesus se curvasse e o adorasse. Jesus recusou esta oferta. Não era uma oferta leve para recusar.

Judá, Galiléia e as áreas que costumavam compor o Reino de Israel estavam sob o controle de uma potência estrangeira ou de um governante fantoche que servia a essa potência. O nome dessa potência estrangeira era Roma. Eles eram odiados e temidos pelo povo. Roma tinha pouca tolerância para qualquer coisa que sugerisse insurreição ou rebelião. Piloto e outros procuradores, assim como Herodes o grande e aqueles que o seguiram, foram rápidos em matar qualquer um que procurasse se opor a Roma ou ao seu governo. Em At 5,35ss, Gamaliel lista vários daqueles que tentaram tais insurreições e foram mortos.

É neste ambiente que Jesus se move, ensina, cura e vive. Sempre há a ameaça de que Roma acabe rapidamente com seu ministério. Se ele fizer ou disser algo que possa ser interpretado como uma ameaça a Herodes ou a Roma, existe a possibilidade de que eles tentem destruí-lo. A certa altura, os fariseus tentaram usar essa realidade para assustar Jesus (Lucas 13:31ss). Jesus sabe que Herodes está procurando por ele, mas ele escolhe continuar seu ministério e declara para todos exatamente o que planeja fazer e para onde planeja ir. Isso não é o que os fariseus esperavam e eles estão frustrados, mais uma vez, em sua tentativa de silenciar Jesus.

Em seu ministério inicial, Jesus estava longe de Jerusalém; longe o suficiente para que eles pensassem que ainda estavam no controle. Mas agora Jesus está em Jerusalém. Jesus está revelando suas fraquezas e fracassos e eles estão começando a ficar desesperados. As pessoas estão respondendo a Jesus e suas

palavras e fazendo mais e mais perguntas aos líderes religiosos, escribas, fariseus e qualquer outra pessoa que fazia parte do sistema.

Jesus afirmou claramente que eles assumiram falsamente sua posição e mantiveram essa posição em oposição aos desejos e planos de Deus. A frustração do líder estava crescendo e eles buscaram maneiras de virar a multidão ou os poderes de Roma contra Jesus. Os líderes religiosos não ousaram fazê-lo eles mesmos, para não serem acusados de causar a morte de um profeta, então enviaram outros. Até os outros enviaram outros. Se juntarmos as histórias, os líderes religiosos enviaram os fariseus que então enviaram seus discípulos. Eles também se certificaram de que houvesse representantes de Herodes presentes para ouvir o que Jesus poderia dizer. Supõe-se que os soldados romanos estejam próximos porque sua fortaleza está anexada a um lado da área do templo.

O interessante é que eles cercaram suas declarações com verdades sobre Jesus e revelações sobre sua verdadeira natureza. Ouça seus comentários introdutórios.

1. Eles consideram Jesus um homem íntegro, enquanto tentam esconder a verdade e o propósito de sua ação.
2. Eles consideram Jesus um mestre da verdade de Deus, enquanto ocultam o fato de que o verdadeiro objetivo de sua pergunta é minar Jesus como mestre e falsificar a verdade que ele está ensinando.
3. Eles consideram Jesus como uma pessoa que não tem medo daqueles que o desafiam, enquanto tudo o que fazem revela o nível de seu medo de Jesus, dos seguidores de Jesus e da autoridade de Romano que está presente em todos os lugares.
4. Eles consideram Jesus imparcial em seu julgamento e ensino. Ele não é influenciado pelo poder ou riqueza dos que o cercam e está pronto para declarar claramente o que é certo e errado; enquanto seu foco está em distorcer a verdade e as circunstâncias a seu favor, não importa quais mentiras ou enganos possam ser necessários para isso.

O objetivo é muito claro, prender Jesus. Eles acham que têm a pergunta perfeita. Eles só podem ver duas respostas, ambas alcançando o objetivo desejado. É uma pequena armadilha. Mt 22:17

“É certo pagar impostos a César ou não?”

- Se Jesus apoiar o imposto, então as pessoas podem ser influenciadas a abandonar Jesus. Todo mundo odeia os romanos e seus impostos. Apoiar o imposto colocaria Jesus na mesma categoria dos cobradores de impostos; odiado e rejeitado por todos.
- Se Jesus se opuser ao pagamento do imposto, então os romanos responderão. Jesus não seria mais apenas mais um maluco religioso, mas uma ameaça potencial a Roma. Os herodianos certamente

relatariam isso a Herodes e Pilatos. Herodes não quer que ninguém da Galiléia cause esse tipo de problema e não quer ser visto como apoiando tal posição.

Jesus, no entanto, responde com uma terceira resposta. Um que eles nem haviam considerado; uma resposta que os julgue ainda mais e suas mentiras. Olhando para a moeda, ele afirma: “já que vem de César, então pague o que é de César. Mas não se esqueça de dar a Deus o que lhe pertence (Mt 22,21)”.

A afirmação traz um choque de realidade. Os líderes e seus seguidores estão falhando em ambos os aspectos. Eles têm seu poder por causa de César, mas não o admitem publicamente por causa do ódio do povo por César e não querem pagar nada a César. Eles estão abusando das posições que têm como líderes religiosos e não estão dando a Deus o que é dele por direito. A armadilha saltou e são eles que estão presos nela.

Jesus continua em seu ministério. Mas, na realidade, a armadilha não desapareceu. O governo ainda está nas mãos de Roma e eles podem reagir violentamente a qualquer um que desafie sua autoridade. É este fato que é usado pelos líderes para finalmente trazer a crucificação de Jesus. Qualquer governo ou autoridade que não sirva a Deus e não honre a Deus carrega consigo essa armadilha. Quando realmente queremos servir a Deus, dizer a verdade e ser imparciais, teremos que viver na armadilha, e fazê-lo sem medo, se as pessoas quiserem ouvir a mensagem. Fazer isso pode fazer com que o governo reaja e restrinja a mensagem, remova o mensageiro ou até mesmo mate o mensageiro.

Não importa onde vivemos, sempre houve um governo no controle do país. Em alguns desses países houve cristãos em posições de poder. Ao mesmo tempo, tem havido pessoas que não servem a Deus. Nem todos estão interessados na verdade. Alguns estão interessados em manter seu poder e sua posição. Eles usarão a religião, a política ou outras estruturas para manter seu controle e silenciar aqueles que se opõem a eles.

Nossa paixão por servir a Deus nos colocará em conflito com essas situações. Às vezes, os problemas são significativos. Eles podem estar relacionados a drogas, escravidão, prostituição, abuso e perseguição. O que temos a dizer não será recebido. Mesmo que não falemos diretamente contra essas questões, o próprio fato de estarmos ajudando as pessoas a encontrar Deus e a verdade será uma ameaça.

Às vezes será em pequenas áreas que encontramos nossas maiores lutas. Podemos não ser combatidos pelos próprios líderes, mas pelas leis do país, pois são aplicadas pelos funcionários do governo. Eles sentem, e com razão, que suas vidas podem ser ameaçadas se falarmos e as pessoas responderem. Então lutamos para obter uma licença, lutamos para obter licenças; lutamos para obter qualquer documento de que precisamos para viver e ministrar no país onde estamos servindo.

Lembro-me de um evento interessante. Fui preso por um policial porque meu caminhão não tinha espelho no lado do passageiro do veículo. Não era exigido por lei, mas a policial decidiu que ela queria exercer seu poder, e assim fui levada para a delegacia. Sentei-me por algumas horas antes que o relatório da minha presença chegasse a um oficial superior. Ele saiu, olhou para mim e fez minha única pergunta. Você é um missionário? Eu disse que sim e ele me soltou.

Nesse país existem muçulmanos, não cristãos, animistas e cristãos. Felizmente para mim, naquele dia, o oficial superior encarregado era cristão e tinha autoridade para me mandar embora. O oficial que me prendeu não perguntou quem eu era ou o que eu fazia. O objetivo era simplesmente me mostrar quem estava no controle naquele momento. Poderia ter sido bem diferente.

Em outro país onde moramos, um muçulmano foi encarregado do departamento que trata dos vistos para todos os visitantes e trabalhadores do país. Ele ameaçou expulsar todos os missionários do país. Por lei, ele não podia fazer isso, mas isso não o impediu de ameaçar fazê-lo. Um evento como esse pode facilmente desestabilizar o trabalho e nos distrair de seguir nossa paixão de comunicar a verdade.

Ao entrar em um país, estou ciente da posição do governo? Estou ciente do meu re responsabilidades e direitos nesse país? Eles não serão os mesmos que no meu país de origem. Saberei o que pertence a César nesse cenário e o que pertence a Deus?

Sei que mesmo tratando do que é de César, haverá quem tente me encurralar, para me tirar do caminho. Eles usarão as leis da terra para interferir na obra de Deus e procurarão tornar minha vida e meu ministério difíceis, se não impossíveis. Saberei quando ficar de pé e quando ceder? Conhecerei e compreenderei o efeito potencial da minha vida e das minhas palavras sobre as pessoas ao meu redor? Verei o caminho do meio que honra o governo e ainda honra a Deus? Não importa se se trata de obedecer às leis que regem o trânsito, a liberdade pessoal, os negócios e a atividade religiosa. Sei como minha paixão afetará minha capacidade de viver naquele país e a capacidade dos outros de ouvir o que Deus me deu para compartilhar?

Na verdade, essas perguntas são verdadeiras, quer eu esteja morando em meu país de origem ou em um país estrangeiro. Eu realmente sei o que pertence a César e o que pertence a Deus?

BS - Leia Daniel 6:13-29, Malaquias 3:8-10. Nestas duas passagens há duas histórias, uma de três jovens que desafiaram a autoridade de um rei e uma daquelas que não deram o que era devido a Deus. Considere em que ponto você deve decidir fazer o que Deus ordena e não obedecer às autoridades.

MA – Como lidar com um ditador, um governo comunista ou um governo socialista que oprime abertamente os cristãos? É correto esconder a identidade de alguém? Como isso afeta a capacidade de uma pessoa de compartilhar o evangelho naquele ambiente?

PR – Existem leis em seu país destinadas a restringir sua expressão de fé? Como lidar com a obediência ao governo e ainda honrar a Deus nesses ambientes?

Paixão 10

Os céticos reclamam

Mateus 22:23-33 (Marcos 12:18-27, Lucas 20:27-40)

Aqui vêm os saduceus para desafiar Jesus. Estes são os homens de poder, de educação, de discernimento. Eles geralmente não se envolvem, a menos que isso os afete e seu estilo de vida escolhido. Para entender a pergunta que eles fazem, precisamos saber por que eles condescendem em deixar suas torres de poder e isolamento para entrar no meio da multidão.

Os saduceus são mais um grupo político do que um grupo religioso. Em Atos 5:17 diz que o Sumo Sacerdote e seus associados eram membros dos Saduceus. Os saduceus controlavam o templo e seus pátios. Eles foram os responsáveis por montar e administrar o negócio que estava no Pátio dos Gentios, até que Jesus os expulsou e abriu caminho para que uma multidão totalmente diferente assumisse o controle. (Agora o tribunal é um lugar de cura e ensino em vez de comércio e barulho.)

Os saduceus estavam no controle mais por causa de manobras políticas do que por sua prática religiosa. Eles trabalharam duro para adaptar suas posições para manter Herodes, ou Roma, ou quem quer que estivesse no poder, feliz para que pudessem permanecer no poder. Isso significava que o cargo de Sumo Sacerdote era um prêmio político dado ao grupo que tinha o melhor relacionamento com aqueles que realmente estavam no controle. Como resultado, sua teologia muitas vezes foi deixada de lado ou adaptada para mantê-los nessa posição.

Os saduceus aparecem muito raramente na vida e ministério de Jesus e nos registros da igreja primitiva. Sua primeira aparição é durante o ministério de João. Ele os chama de raça de víboras (Mt 3:7). A segunda vez é quando pedem a Jesus um sinal para provar que ele tem o direito de falar (Mt 16,1-12).

Aqui Jesus adverte seus discípulos a não confiar neles ou em seus ensinamentos. Em Atos eles aparecem duas vezes. A primeira vez quando a nova igreja começa a se tornar uma ameaça ao seu poder (At 4-5) e a segunda quando Paulo usa as diferenças entre os fariseus e saduceus para atrapalhar o julgamento dele.

Eles parecem aparecer apenas quando há uma ameaça direta ao seu poder e posição. Jesus havia se tornado uma séria ameaça. Ele agora está no controle do pátio do templo e eles estão perdendo terreno diariamente. Eles viram e ouviram falar do fracasso dos outros com suas perguntas. Eles decidem que é hora de agir.

Eles vêm a Jesus com uma pergunta muito diferente. É sobre o casamento no céu.

Moisés nos disse que se um homem morre sem ter filhos, seu irmão deve se casar com a viúva e ter filhos para ele. Agora havia sete irmãos entre nós. O primeiro casou-se e morreu e, como não tinha filhos, deixou a mulher para o irmão. A mesma coisa aconteceu com o segundo e terceiro irmão, até o sétimo. Finalmente, a mulher morreu. Agora, pois, na ressurreição, de quem será ela esposa dos sete, visto que todos foram casados com ela?" Mt 22:24-28

Para entender a natureza da questão, precisamos perceber que os saduceus aceitaram apenas os cinco livros de Moisés como a verdadeira palavra de Deus. Essa posição os protegeu dos julgamentos dos profetas, das advertências da história e das percepções encontradas nos Salmos e livros de sabedoria. Eles restringiram Deus para que Ele se encaixasse em seus objetivos e propósitos es, que definiu a pergunta que eles fizeram. A questão é tão distorcida quanto a vida deles.

É também uma pergunta vazia. O verdadeiro foco da ressurreição é o fato de que estaremos com Deus. Todas as outras relações tornam-se insignificantes à luz dessa verdade. Este é o céu que estamos falando. Trata-se de estar na presença do Deus vivo. É sobre estar onde os anjos estão. Trata-se de conhecer a Deus.

E essa é a falha crítica na questão. Revela que os saduceus não conhecem a Deus ou suas escrituras, mesmo aquelas que afirmam seguir. Jesus aponta isso muito claramente em sua resposta. "Você está errado porque você não conhece as escrituras ou o poder de Deus (v. 29)." Se o fizessem, não fariam a pergunta. Eles não sabem quem é Jesus; se o fizessem, não fariam a pergunta.

Isso significa que as perguntas não são importantes? Não, eles são importantes. Precisamos entender que haverá uma ressurreição. Precisamos entender o que significa viver na presença de Deus. Precisamos conhecer a natureza de nossa existência depois que nosso corpo físico morre. Estas são

perguntas válidas e Deus respondeu a todas elas. No entanto, Jesus conhece as razões da pergunta dos saduceus. Ele conhece o ciúme e o ódio por trás disso.

Ele responde à pergunta não por causa dos saduceus, mas por causa de todos os que ouvem. Ele faz isso para ajudar as pessoas a entender a importância de conhecer a Deus e de conhecer a palavra de Deus. Eles precisam saber que há uma ressurreição e que podem estar com Deus para sempre e que a vida no céu terá um foco muito diferente da vida aqui.

Além da pergunta e além da resposta, há outra preocupação da qual precisamos estar cientes. Jesus sabia disso e estava pronto. Toda vez que havia uma pergunta, ele estava pronto com uma resposta. Cada resposta tinha como base a palavra de Deus. Jesus conhecia a palavra e sabia que haveria perguntas.

Onde quer que formos, haverá céticos e eles terão perguntas. Os céticos podem até estar em nossas igrejas. Eles não gostam de tudo o que ouvem e estão tentando encontrar maneiras de evitar lidar com a verdade. Os céticos podem ser pessoas que distorceram a verdade da palavra de Deus e estão usando perguntas para confundir aqueles que não estão preparados. Se eles puderem convencer outra pessoa a se juntar a eles, eles serão capazes de esmagar as dúvidas que possam ter sobre o que acreditam.

Os céticos também serão encontrados naqueles que seguem outras religiões. Eles não gostam de ninguém que desafie o que eles acreditam. Então eles virão com suas perguntas. Eles até usarão as escrituras para tentar provar sua posição e convencer os outros de que estão certos.

Lembro-me de estar sentado em frente à minha casa em Serra Leoa quando o Imam da Mesquita Muçulmana Amadiyan veio à minha casa com um grupo de pessoas. Ele tinha uma pergunta que queria fazer. Então ele fez sua pergunta e discutimos quem era John e qual era seu trabalho. Depois de mais ou menos uma hora, fiz uma pergunta a ele. Ele não gostou da minha pergunta e decidiu que era hora de ir e assim evitou uma discussão sobre quem é Jesus.

Não importa onde eu tenha viajado ou morado, sempre houve aqueles que preencheram o papel do cético. Ao entrar no mundo deles, estarei preparado para responder às perguntas que eles farão? Conheço Deus e sua palavra? Isso é parte do que Pedro estava dizendo em 1 Pedro 3:15: “Esteja sempre preparado para responder a qualquer um que lhe pedir a razão da esperança que você tem”.

Ao entrar em um novo lugar, um novo país, uma das questões que enfrentarei é como lidar com os céticos. As perguntas que eles farão precisarão ser respondidas. Não apenas para o bem deles, mas para todos os outros que estão ouvindo e precisam ter uma resposta. As perguntas dos céticos geralmente

são boas perguntas. Eles são apenas solicitados pelas razões erradas e da maneira errada. Embora o objetivo seja nos fazer parecer tolos e fracos, eles também revelam os limites do conhecimento cético de Deus.

Se eu for realmente um estudante da palavra de Deus e um estudante da cultura em que estou entrando, essas mesmas perguntas fornecerão grandes oportunidades para compartilhar o que aprendi sobre Deus. Eles podem ser uma grande oportunidade para encorajar e fortalecer os cristãos que estão ouvindo.

Jesus não tinha medo das perguntas. Jesus sabia que muitas pessoas lhe fariam muitas perguntas, e ele foi. Não importa quem fez uma pergunta, e o motivo da pergunta, ele levou tempo para responder.

As perguntas que me são feitas são:

- Estarei pronto para as perguntas que virão?
- Terei tempo para conhecer a Deus e sua palavra para poder responder às perguntas?
- Conhecerei as pessoas o suficiente para poder responder às perguntas de forma significativa?
- E eles me conhecerão bem o suficiente (saberão que sou cristão) para me fazer suas perguntas?

Os céticos reclamaram. Eles queriam punir Jesus pelo que ele estava fazendo com eles. Eles vieram com uma pergunta na esperança de penalizar seu ministério. Tudo falhou porque Jesus estava pronto e ele respondeu ao seu q pergunta.

BS - Leia Amós 7:14-15; Jeremias 1:7-10; Provérbios 2:1-8. Amós e Jeremias alegaram que não podiam falar pelo Senhor por causa de sua origem ou idade, mas Deus os escolheu e eles falaram ao povo. Provérbios explica de onde veio seu conhecimento. Compare isso com o comentário de Jesus aos saduceus sobre sua falta de conhecimento.

MA – Toda cultura e grupo reúne verdade e conhecimento. Eles usam isso para guiar suas vidas e responder às perguntas que são feitas. Seu conhecimento e compreensão da verdade podem ser um recurso para ajudar a entender suas perguntas e, assim, encontrar respostas?

PR – Releia Provérbios 2:1-8. É parte de uma passagem maior sobre sabedoria. Agora leia Eclesiastes 12:9-14. Use essas duas passagens e avalie como você está ganhando conhecimento que vem de Deus.

Paixão 11

A morte do legalismo

Mateus 22:34-40 (Marcos 12:28-34)

Qual é a lei mais importante?

Assim que os fariseus fizeram a pergunta, eles revelaram a falha em seu sistema e o problema que tinham em entender quem é Jesus e o que ele está fazendo.

Os fariseus pensavam que as leis definiam os relacionamentos e, portanto, seu valor nesses relacionamentos. Então, saber qual lei era mais importante era ter acesso a essa relação e aumentar seu valor nessa relação. No entanto, na realidade, o relacionamento define as leis. Você não se sacrifica para criar valor em um relacionamento; em vez disso, é por causa do relacionamento que você sacrifica. Mesma atividade ou se você quiser, mesma lei, mas um foco totalmente diferente e, portanto, um resultado diferente.

O objetivo do fariseu era medir Jesus contra a lei, não medir a lei contra Jesus. Se conhecessem sua opinião, poderiam avaliar sua atividade e, assim, controlar a situação. No legalismo, todas as leis têm valor, mas nem todas as leis têm o mesmo valor. Embora as opiniões possam variar quanto ao que é mais importante, há uma escala de menos importante a mais importante.

O verdadeiro problema com o sistema deles é que ele se concentra em si mesmo e no que eu faço com a lei, não na fonte da lei e como ter um relacionamento com a fonte afeta minha compreensão da lei. Em ambos os casos a lei existe, mas o propósito e a função da lei são totalmente diferentes.

O legalismo se concentra em mim e na minha capacidade de cumprir a lei. Ao guardar a lei, tento ganhar a atenção e o favor de Deus. Isso nos dá alguns resultados bastante negativos:

1. Orgulho de mim mesmo e de minhas realizações. Orgulho da minha capacidade de cumprir a lei.
2. Julgamento daqueles que não podem fazer o que estou fazendo e não estão cumprindo a lei da mesma forma que eu.
3. Falta de consideração e preocupação com aqueles que não estão à altura do meu padrão, minha interpretação da lei. Isso resultará na exclusão de qualquer um que não pense ou aja da mesma maneira que eu.
4. Perda de relacionamento com Deus. Deus não está interessado em nossa capacidade de guardar a lei, mas em por que estamos tentando guardar a lei.
5. Perda da salvação que está sendo buscada. Basear nossa vida na lei significa que precisamos mantê-la perfeitamente, o tempo todo. Isto é impossível.

A resposta de Jesus reorienta a questão. Meu relacionamento com Deus é a chave, e meu envolvimento na lei torna-se uma expressão desse relacionamento. Ter esse tipo de relacionamento requer um compromisso total de quem somos:

Nosso coração – Nosso relacionamento com Deus deve ser a prioridade de nossa vida.

Nossa Mente – Nosso relacionamento com Deus deve ser o foco de todos os nossos desejos

Nossa Alma – Nosso relacionamento com Deus deve ser a própria fonte de nossa vida

Nossa Força – Nosso relacionamento com Deus deve ser o foco de todas as nossas energias e recursos

Coração – Prioridade

Em um relacionamento amoroso não há outra prioridade para minha vida. Todo o resto fica em segundo lugar para esse relacionamento e é definido por esse relacionamento. Meu objetivo é agradar a quem eu amo. Isso vai muito além de um conjunto de regras ou leis. As regras apenas criam um padrão que outros tentam seguir. As regras nunca permitirão que consigamos copiar o padrão. Um relacionamento baseado no amor cumprirá o padrão e o ultrapassará. Sem realmente tentar cumprir as leis, descobriremos que as regras são cumpridas.

Mente – Desejo

A lei pode nos dar uma ideia do que devemos pensar e do que devemos desejar. Mas eles não podem ser o que desejamos nem podem produzir o que desejamos. Este é o principal problema dos fariseus.

Eles viram a lei e escolheram conhecer a lei. Seu desejo se concentrou na lei e não naquele que deu a lei. A lei nos deixará imaginando o que perdemos e com o desejo de encontrar a única lei que fará a diferença. Desejamos o maior mandamento e, portanto, acreditamos que nossos desejos devem se concentrar em satisfazer os requisitos dessa lei. Quando desejamos entender a Deus primeiro, então entenderemos a lei e o que ela revela.

Alma – Vida

A lei não dá vida, mas revela nosso pecado e sua penalidade, a morte. Paulo declarou isso em 1 Coríntios 15:56. Deus não usou a lei para criar vida. Na verdade, quanto mais tentamos seguir om a lei, mais perto estaremos da morte. Quanto mais nos aproximamos de Deus, mais nos aproximamos da fonte de nossa alma, da vida e daquele que criou a lei. A lei foi projetada para revelar até que ponto nos afastamos dessa fonte. A questão é, estamos dispostos a comprometer nossa alma, nossa vida para conhecer a Deus ou conhecer a lei.

Força - Energia

Os fariseus dedicaram todos os seus recursos, todo o seu tempo, toda a sua energia para cumprir a lei. Como resultado, eles tinham muito pouca energia, recursos e tempo para conhecer a Deus. Eles colocaram tanto nessa atividade, que quando Jesus veio até eles, eles não tinham mais nada para dar para lidar com a construção de um relacionamento com Deus ou seu filho. A energia que restava era consumida por seus esforços para fazer com que outros seguissem seu exemplo. Quando dedicamos todos os nossos recursos a amar a Deus, descobriremos que o oposto é verdadeiro. Quanto mais recursos comprometermos para amar a Deus, mais recursos teremos para viver e servir. Teremos os recursos para cumprir a segunda lei (aplicar o amor que desenvolvemos por Deus) para amar os outros.

Cumprir o maior mandamento (amor) de Deus torna possível cumprir a lei de amar os outros. Quando amo a Deus, meu amor por mim mesmo se altera, porque agora tenho tudo. Não há necessidade de mentir, cobiçar, roubar, etc. O amor de Deus deve vir em primeiro lugar e disso vem a capacidade de amar os outros. Isso torna possível uma capacidade de cumprir verdadeiramente a lei, o que não é possível quando a lei é o ponto de partida.

Agora, como isso afeta minha vida ao entrar em uma nova cultura?

Se o foco é estabelecer a lei, então as pessoas vão focar na lei. Eles gastarão seu tempo tentando manter as leis que aprenderam e serão pegos em um ciclo de julgamento e fracasso. Eles falharão e serão julgados como indignos. A maioria vai desistir, porque as pessoas não querem lidar constantemente com o sentimento de fracasso. Apenas alguns permanecerão, e eles se tornarão como os fariseus; julgando todos os que não são como eles e impedindo que as pessoas encontrem Deus.

Quando meu foco estiver em Deus, saberei como amar os outros em qualquer cultura e ambiente. Quanto mais eu conhecer a Deus e aprender a amá-lo com meu coração, mente, alma e força, mais fácil será lidar com o processo de amar os outros, mesmo quando as regras da cultura forem diferentes. Desejarei encontrar uma maneira de expressar o amor de Deus por mim aos outros, para que eles também possam experimentar esse amor.

As pessoas verão meu relacionamento com Deus e verão que são amadas. Eles verão como Deus os ama e desejarão ter um relacionamento com Deus. Eles vão ver o meu:

- Coração – É o coração de Deus, que ama o mundo inteiro. Eles verão esse amor em meu coração.
- Mente – É a mente de Deus, que entende sua necessidade e estabeleceu um plano para salvá-los. Eles vêem que aceitei a palavra de Deus e a apliquei à minha vida, para que possam aprender sobre o plano de Deus.
- Alma – É a vida que Deus tornou visível para eles através da minha vida. Eles vêem que Deus é a fonte da minha vida e a razão da minha vida.
- Força – É a força de Deus. Eles vêem minha fé em Deus e meu compromisso com a fé em tudo o que sou.

Precisamos viver de acordo com o primeiro mandamento se quisermos cumprir o segundo mandamento. É assim que se vive neste mundo. É assim que se comunica para aqueles que precisam saber. Esse é o propósito do evangelho.

BS – Leia Deuteronômio 26:16-19. Deus promete louvor e honra acima de todas as nações àqueles que observam a lei e andam em Seus caminhos. O que acontece quando apenas observamos a lei e não andamos nos caminhos de Deus? Qual é a diferença?

MA – A Bíblia nos diz que a lei de Deus é universal, está escrita no coração de toda a humanidade. Como isso o ajuda a comunicar aos outros sobre a presença de Deus e sua necessidade de mais do que a lei?

PR – Você tem uma lei na qual você se concentra como forma de medir o quão perto de Deus você está? Como você está se saindo em termos de guardar a lei e amar a Deus? O que os outros veem em sua vida, amor ou lei?

Paixão 12

Se você soubesse, ainda perguntaria?

Mateus 22:23-33 (Mc 12:18:27, Lc 20:27-40)

As perguntas não param. Você já percebeu esse fato? Ainda mais interessante é a natureza das perguntas e quem as está fazendo. A natureza das perguntas também pode nos dizer se elas estão tentando nos destruir ou se estão realmente interessadas em aprender mais. As perguntas podem nos dizer sobre o nível de conhecimento da pessoa e muito sobre sua vida. Raiva, defensividade, confusão, honestidade, lutas e muitas outras atitudes são reveladas por suas perguntas.

Uma pergunta nos dirá sobre o nível de informação e experiência que uma pessoa possui. Uma pergunta também pode revelar quanto tempo foi gasto em pesquisa e reflexão sobre o tema da pergunta.

Duas pessoas podem fazer a mesma pergunta, mas com origens totalmente diferentes e, portanto, com propósitos diferentes em mente. Isso significa que as mesmas palavras podem ter conteúdo totalmente diferente e, assim, alterar o questionamento de maneira significativa. Por exemplo, quando um muçulmano usa o termo “deus”, é completamente diferente de como um hindu usaria o termo.

Uma pergunta nos dirá se uma pessoa está realmente buscando informações ou apenas tentando ser difícil. Uma pessoa que realmente quer a informação levou tempo para pesquisar e pensar sobre o assunto e como fazer a pergunta. Eles estão até abertos a uma discussão sobre a natureza, forma e propósito da questão. Uma pessoa que está tentando causar problemas não considerou qualquer informação que já possa estar disponível para ela. Eles realmente não querem uma resposta, apenas a oportunidade de causar problemas e confusão. Há também perguntas que são simplesmente tolas. Eles são solicitados a evitar lidar com questões reais ou desviar os outros da questão real.

Jesus tem lidado com perguntas constantemente. Muitos deles não têm o propósito de buscar a verdade. Muitos deles não se baseiam em uma busca honesta da verdade e no desejo de entender seus pensamentos. Como vimos no estudo anterior, muitas perguntas têm o propósito de nos prender. Outros, quando atendidos, apenas causam maior tensão. As pessoas realmente não querem uma resposta. Eles só esperavam causar constrangimento e confusão aos ouvintes.

Ocasionalmente, a pergunta é boa, mesmo que o desejo seja causar problemas. Responder a essas perguntas pode nos levar a um de dois caminhos, dependendo de como e quando é perguntado. Pode abrir a porta para a compreensão e o pensamento mais profundo ou, como no caso dos fariseus, pode deixar ainda mais frustrados aqueles que fazem a pergunta. Qual caminho vai não é realmente nossa preocupação. Responder à pergunta da maneira adequada e com a atitude certa é o que devemos focar.

A questão aqui, como na passagem anterior, deve ser uma armadilha. Mas este reflete um preconceito no pensamento do grupo que o fez, e uma falta de compreensão dos materiais que eles têm disponíveis que lhes dariam uma resposta se eles realmente quisessem uma. Enterradas em sua pergunta estavam outras perguntas de muito maior valor. Lidar com eles resultaria em responder à pergunta original.

Mt 22:25-28 Ora, havia sete irmãos entre nós. O primeiro casou-se e morreu e, como não tinha filhos, deixou a mulher para o irmão. A mesma coisa aconteceu com o segundo e terceiro irmão, até o sétimo. Finalmente, a mulher morreu. Agora, pois, na ressurreição, de quem ela será esposa dos sete, visto que todos eles foram casados com ela?”

Nesta situação, Jesus viu que havia três outras questões de maior importância. Se eles fossem respondidos, então a pergunta que foi realmente feita responderia a si mesma.

Uma rápida olhada neles nos ajudará a ver o ponto.

1. Qual é o poder de Deus revelado nas escrituras? Deus tem o poder de lidar com todas as nossas perguntas. A Escritura foi dada para nos revelar a extensão desse poder e do conhecimento de Deus.
2. Qual é a natureza da existência do homem? O homem foi projetado para viver em comunhão com Deus. O casamento foi criado para que não estivéssemos sozinhos aqui na terra. Uma vez ressuscitados, seremos como os anjos. Estaremos em perfeita comunhão com Deus. O casamento não será necessário ou desejado.
3. O homem será ressuscitado? Os saduceus construíram suas vidas em torno da ideia de que não havia ressurreição. Jesus disse que eles falharam em entender completamente o foco de várias declarações de Deus. Deus é o Deus dos vivos e não dos mortos. Ele é o Deus de Abraão, o Deus de Isaque. Não diz que ele era o Deus de....

Quando essas perguntas são respondidas, então a questão dos saduceus é atendida.

As crianças fazem perguntas. Damos a eles uma resposta que reflete o ponto e o propósito da pergunta. A mesma pergunta feita por um jovem ou adulto exigiria uma resposta diferente. A mesma pergunta

feita por um cristão ou um cético exigirá uma resposta diferente, ou devo dizer, exigiria que fizéssemos certas perguntas para entender a natureza de sua pergunta.

Nossa capacidade de responder a uma pergunta também informará as pessoas sobre quem somos. Nossa resposta irá informá-los de nossa atitude em relação a eles. Ele lhes dirá se os consideramos sábios ou tolos. Dirá a eles se eles são importantes para nós, pela forma como exploramos a questão e lidamos com o processo de respondê-los. Nossa atitude lhes dirá se estamos realmente interessados neles e o quanto sabemos sobre sua vida.

As perguntas nos julgarão. Eles determinarão se estamos tomando tempo suficiente para entender a palavra de Deus e, assim, estarmos preparados para as perguntas que virão. Eles nos revelarão quanto tempo gastamos procurando entender o contexto e o pensamento das pessoas com quem estamos interagindo. A forma como respondemos indicará se nos importamos o suficiente com a pessoa a ponto de ter dado tempo para entender mais sobre seu mundo e suas preocupações.

A resposta de Jesus revela que ele conhecia muito bem as crenças dos saduceus. Ele sabia por que eles fariam tal pergunta e como eles chegaram a fazê-la. Ele também sabia onde apontá-los para uma resposta. Os saduceus só aceitavam os cinco livros do Pentateuco como a palavra de Deus. A resposta de Jesus veio dessa mesma fonte. Mais tarde, em Atos 17:28, Paulo usaria seu conhecimento dos autores gregos para ajudar as pessoas a entender o que ele estava tentando dizer.

Na verdade, quanto melhor entendermos as pessoas que estamos tentando alcançar, melhor entenderemos a natureza das perguntas que elas farão. À medida que entendermos sua idade, sua formação, sua compreensão das escrituras, melhor estaremos preparados para entender as perguntas e como respondê-las.

É um desafio com o qual devemos lidar. Será agravado por diferenças de costumes e cultura. Será composta por idéias confusas do que é verdade e do que é verdade. Será agravado por nossas limitações.

Nesse momento os saduceus foram silenciados. Alguns foram afetados, mas não todos. Mais tarde, em Atos, Paulo usaria a questão da ressurreição para causar uma divisão no Sinédrio e salvar a si mesmo. Da mesma forma, às vezes as pessoas ouvirão as respostas às suas perguntas e ouvirão as perguntas por trás de suas perguntas. Alguns vão ouvir e ouvir. Outros não. A tarefa diante de nós é nos prepararmos para essas perguntas. A melhor preparação é conhecer a palavra de Deus.

BS – Leia Salmo 119:1-8. Este Salmo é uma celebração de conhecer a palavra de Deus. Pense na bênção que você recebe quando realmente dedica um tempo para entender a palavra de Deus e viver de acordo com ela.

MA – O mundo está cheio de tentativas das pessoas de reunir a verdade e aplicá-la em suas vidas. Como o que temos para compartilhar é diferente do que eles reuniram? Como isso afeta nossa capacidade de cumprir a missão de Deus?

PR – Reflita sobre um momento em que a palavra de Deus lhe deu uma direção ou resposta clara para sua vida e como isso afetou suas relações com os outros.

Paixão 13

Por um centavo por uma libra

Mateus 22:41-46 (Mc 12:35-37; Lc 20:41-44)

O título deste estudo é baseado em um antigo provérbio inglês “in for a penny in for a pound”. O dinheiro britânico costumava estar na forma de centavos, xelins e libras. 12 centavos era um xelim, 20 xelins era uma libra; e assim 240 centavos era uma libra. Nos dias em que este provérbio foi escrito, uma libra era um investimento ou risco significativo, em comparação com um centavo. Isso significava que, se você realmente acredita no que está fazendo, pode ir até o fim e assumir todos os riscos envolvidos, não apenas alguns ou apenas aqueles com os quais se sente bem. O outro lado disso é que, se o mesmo ganho (ou punição) é obtido como resultado de suas atividades, por que não comprometer tudo? Na verdade, pode ser necessário um compromisso de tudo para realmente obter o maior benefício.

Jesus estava respondendo suas perguntas. Até agora, foi em legítima defesa e o manteve seguro. Ele agora, na passagem acima, decide fazer uma pergunta que revelará quem ele é e, assim, estabelecerá as bases para o que se segue. Ele coloca tudo na linha para que todos possam ver e ouvir.

Pode não ser suficiente poder apenas responder às perguntas que nos são feitas. Apenas responder a perguntas pode estar cometendo apenas tostões, como sugere o provérbio. Pode ser muito mais importante sermos capazes de fazer algumas perguntas nossas. Perguntas que revelam quem somos e

no que acreditamos. Perguntas que desafiam o que as pessoas acreditam. Perguntas que exigirão que as pessoas tomem uma decisão.

Isso assume um maior nível de compromisso com o que acreditamos e compromisso de realmente comunicar a verdade. É a diferença entre acreditar e ser um discípulo. É a diferença entre ser discípulo e ser professor. É a diferença entre ser professor e perceber que um verdadeiro professor deve ser sempre um aluno do que ensina, sempre buscando as perguntas e respostas para ele e para os outros. Você quer um centavo ou um xelim ou está pronto para colocar a libra e ir mais longe, arriscar tudo?

Os líderes têm feito perguntas. Eles têm tentado encontrar uma falha, uma maneira de controlar a situação. Eles querem encontrar uma maneira de serem os mestres, sem serem alunos do próprio material que estão tentando usar. Agora Jesus coloca diante deles a verdadeira questão. É uma pergunta que revelará seu conhecimento de teologia e das escrituras. Ele também contém a resposta para todas as perguntas que eles têm feito. Se eles puderem responder a esta, então eles conhecem sua teologia e saberão quem é Jesus.

Ouçã a questão. “Se o Messias deve nascer da linhagem de Davi, então como é possível que Davi o chame de Senhor?” A única maneira de isso ser possível é Deus se encarnar, escolher assumir a forma de homem, nascendo em uma família específica. Desta forma, o messias torna-se filho e Senhor dessa família. É a chave para nossa compreensão da natureza humana e divina de Jesus. Ele é filho do homem e filho de Deus. Ele é Deus encarnado. Jesus é “EU SOU O QUE SOU”.

Em todos os ao ensinar eles não haviam considerado essa possibilidade. Eles haviam restringido Deus a um tempo, lugar e modo de operação específicos. Eles não estavam preparados para uma questão relacionada à teologia. Despreparado para uma pergunta baseada em um estudo sólido e completo da palavra de Deus. Eles não estavam preparados para o nível de compromisso de conhecer a palavra de Deus que agora os confrontava.

Eles também não estavam preparados para a natureza do compromisso de Jesus em conhecer a verdade e comprometer sua vida com essa verdade. Seria essa mesma ideia que eles usariam para condená-lo por blasfêmia. Jesus sabia que eles fariam mau uso da verdade, mas isso não o impediu de apresentar a eles uma questão de teologia. Era uma pergunta que deixaria bem claro as questões diante de todos e identificaria claramente as escolhas que todos os presentes teriam que fazer.

É o mesmo hoje. Precisamos fazer essas perguntas e desafiar aqueles que se dizem cristãos, sobre o que eles acreditam. Precisamos fazer essas perguntas, para que possamos ter clareza sobre quem é Jesus e o que significa ser salvo.

Durante o tempo em que estive pensando nesta passagem, um amigo me escreveu. Ele e sua classe da escola dominical têm tido algumas discussões interessantes. Suas perguntas para mim refletiam o próprio tópico desta passagem. Eram perguntas desafiadoras, relacionadas à teologia e à natureza de Jesus. De maior interesse foi a última pergunta que ele fez. “Por que não ouvimos mais pregações sobre esses tópicos, mais pregações sobre teologia e doutrina?”

Embora eu tenha meus próprios pensamentos sobre por que os pastores não pregam sobre certos tópicos de teologia, o ponto foi muito claro. À medida que entro no meu mundo e interajo com cristãos e não cristãos, preciso fazer duas coisas. Primeiro, preciso dedicar tempo ao estudo sério da palavra de Deus. Preciso saber no que acredito e por que acredito. Preciso dessas informações para construir um fundamento estabelecido na palavra de Deus e em sua pedra angular Jesus Cristo. Isso fará com que seja uma base que permanecerá segura e estável, não importa o que aconteça na minha vida.

Em segundo lugar, também preciso saber como apresentar essa verdade na forma de perguntas para aqueles com quem entro em contato. Esta informação me ajudará a ajudar outros a crescer em sua fé. Serei capaz de discipliná-los e mostrar-lhes como estudar e aprender. Essas informações me ajudarão a apresentar, com clareza, as escolhas envolvidas em se tornar um seguidor de Jesus Cristo. Não se trata apenas de ter seus pecados perdoados, mas de quem eles estão pedindo para perdoar seus pecados, e saber que Jesus realmente tem o poder de perdoá-los e trazê-los para a família de Deus.

Ao entrar em uma nova cultura e país, precisarei continuar a estudar a palavra de Deus e saber no que acredito. Preciso fazer isso porque as perguntas-chave a serem feitas não serão as mesmas para todos os grupos e para todas as culturas. Fazer boas perguntas é tão importante quanto responder bem as perguntas que são feitas.

BS – Leia Isaías 50:2-9. Reflita sobre o custo envolvido em dar uma resposta honesta às perguntas que as pessoas fazem. Reflita também sobre a confiança que podemos ter na fonte de nossas informações para essas respostas.

MA – Pense em que tipo de perguntas podem ser feitas por um hindu, muçulmano ou ateu sobre sua crença. Que tipo de preparação será necessária para poder respondê-las de uma forma que desenvolva a confiança em você e no que você tem para compartilhar com eles?

PR – Já lhe fizeram uma pergunta para a qual não tinha resposta? O que você disse ou fez? Sua resposta os levou a Deus ou não? Por quê?

Paixão 14

Tudo e nada pode ser visto

Mateus 23:1-12 (Marcos 12:38-40; Lucas 20:45-47)

Os dias foram cheios de debates. Os fariseus, escribas e saduceus estão de um lado e Jesus está do outro. Agora é hora de analisar por que há dois lados no debate.

De um lado você tem Jesus, o filho de Deus, milagreiro e um cara muito bom. Ele ajuda os necessitados, ensina para que todos possam entender e tem tempo até para a pessoa mais baixa na escala social. Do outro lado você tem o pomposo, o egoísta e o legalista. Eles têm tempo apenas para seus interesses, necessidades e não querem nada com ninguém que interfira com eles, obtendo tudo o que desejam e sentem que merecem.

De um lado você tem Jesus que trabalha tranquila e humildemente, buscando apenas honrar a Deus, seu pai. Seu objetivo é obedecer ao coração do ensino de Deus e revelar o amor de Deus a todos os outros. Do outro lado temos aquele “outro grupo”. Eles são aqueles que desfilam como pavões para todos verem, e vestem todas as roupas e adornos certos para desfilarem sua vida diante dos outros. Eles querem que todos os obedçam e atendam às suas necessidades. Eles preferem que os outros lhes dêem honra e respeito, não importa o que custe ou o quanto machuque.

Jesus agora destaca a diferença entre aqueles que servem a si mesmos e aqueles que realmente conhecem a Deus. Enquanto aqueles que apenas servem a si mesmos podem realmente ensinar a verdade, eles a enterram ou obscurecem com uma infinidade de informações e regras desnecessárias. Isso causa confusão e frustração por causa dos conflitos que existem entre o ensino e a vida dos líderes.

Eles não praticam o que pregam. Em vez disso, eles adicionam requisitos e interpretações extras para que somente eles possam ter sucesso. Eles adoram ser vistos e ouvidos. Eles adoram títulos e posições. Eles não se preocupam com o impacto de seu comportamento ganancioso e egoísta no ensino que dão e na vida das pessoas afetadas por sua hipocrisia. Eles não vieram para servir aos outros. Em vez disso, eles vieram para se tornarem disponíveis para serem servidos.

Sua aparência não revela nada de valor para as pessoas. É uma farsa projetada para se exaltar à custa dos outros. Jesus não está interessado em tal engano. Jesus é claro e claro e vive sua vida pelas palavras que ele ensina. Ele é um servo e as pessoas podem ver isso. A aparição de Jesus contrasta fortemente com o outro grupo e revela tudo o que é importante. E os líderes permanecem sem noção sobre a atração que Jesus tem sobre o povo.

As pessoas sabem que Jesus veio de Deus. Eles sabem que ele fala as palavras de Deus. Eles sabem que suas ações revelam Deus. Eles sabem porque as palavras são apoiadas por uma aparência que realmente reflete Deus.

A aparência é tudo e não pode ser nada. Se a vida tem tudo a ver com aparência, então aparência não significa nada e cria uma dicotomia entre as palavras e o conhecimento de uma pessoa e sua aparência. Dizem uma coisa, mas fazem outra por causa da aparência. Isso significa que não importa o quanto uma pessoa saiba e possa explicar aos outros, seu valor é, em última análise, afetado pelo foco em manter uma aparência que não é consistente com o ensino dado e o conhecimento possuído.

Por outro lado, quando a vida é viver e compartilhar a experiência para ajudar os outros. Quando se trata de aprender juntos como viver a vida de acordo com o que se sabe e ensina, então a aparência refletirá isso e será valiosa para todos que a virem e ouvirem.

É uma verdade que deve ser tratada e como lidamos com isso afetará nossa aparência para os outros. Sabemos e somos capazes de ensinar muito mais do que realmente somos capazes de viver. Isso permite a possibilidade de esperar mais dos outros do que é realista esperar.

Considere isto – um missionário, ou expatriado, chega a um país distante. Ele se veste de maneira diferente, age de maneira diferente e muito rapidamente, incentivando ou não, aqueles com quem está começaram a copiar sua aparência. Eles querem falar como ele, viver como ele, possuir as mesmas coisas que ele possui e, em geral, tornar-se cópias de sua aparência ou pelo menos de sua interpretação de sua aparência.

É muito fácil agravar ainda mais esta situação. Espera-se que a cultura local mude para acomodar os desejos e vontades do estrangeiro. Espera-se que as pessoas aprendam a língua do estrangeiro e forneçam os tipos de alimentos e roupas que ele prefere e assim se tornem como eles na aparência.

No passado, alguns missionários bem-intencionados, mas confusos, interpretaram isso como a única maneira de realmente converter outros ao cristianismo. Eles esperavam que os outros abandonassem sua aparência em relação à sua cultura e adotassem a aparência do missionário. Apenas alguns poucos

selecionados foram autorizados a entrar no círculo da missão e todos os outros foram deixados de fora. Isso é exatamente o que estava acontecendo com os saduceus, fariseus e escribas. Eles estavam ensinando as palavras, mas vivendo uma vida diferente. A aparência deles não combinava com as palavras.

Entrar em uma nova cultura traz consigo esse tipo de perigo. Podemos ensinar a verdade, mas ter uma aparência que está em contradição com o que ensinamos. Se não tentarmos adaptar nossa vida e estilo de vida à cultura em que estamos entrando, haverá disparidade entre a aparência que temos aos olhos de quem assiste e a aparência que deveríamos ter com base nas palavras que estamos ensinando. Quanto mais procuramos manter um modo de vida, uma aparência, baseado em como queremos viver e não em como devemos viver, maior é a disparidade e a confusão.

Excluo outras pessoas do meu mundo, minha casa e minhas atividades? Espero que eles adaptem suas roupas, comida e cultura para satisfazer meus desejos em vez de eu me adaptar ao mundo deles? Crio um pequeno mundo no qual me retiro por segurança, para escapar daqueles que me assustam e evitar muito contato com o mundo deles? Crio estruturas projetadas para impedir a entrada de todos que não pensam e agem como eu?

É disso que Jesus está falando nesta passagem. O “outro grupo” queria que o mundo existisse de uma certa maneira para que recebessem os lugares de honra, fossem isolados daqueles que não se encaixavam em sua ideia de como uma pessoa deveria aparecer. O “outro grupo” criou estruturas para impedir que todos, exceto alguns indivíduos selecionados, entrassem em seu mundo, para que pudessem manter o poder, para que pudessem se sentir seguros e protegidos daqueles que consideravam inferior.

É uma armadilha fácil de cair. Entrar em outro país e cultura atrairá aqueles que querem se parecer conosco e excluir os outros. Eles estão mais do que dispostos a nos ajudar a criar um mundo assim, para que possam ter acesso aos nossos recursos e ao nosso mundo; pelo menos o que eles pensam é o nosso mundo. Sua atenção é ótima, seu reconhecimento é estimulante e o poder é inebriante. Mas é tudo uma falsa aparência que esconde a verdade. Quando o povo viu os fariseus, saduceus e escribas, não viu nada, porque Deus não podia ser visto em suas ações, atitudes nem em seus ensinamentos.

Precisamos lembrar o que atraiu as pessoas a Jesus e causou tanto estresse ao “outro grupo”. Jesus se importava com todos. Jesus não estava interessado em criar seu próprio mundinho; ele procurou se comunicar com as pessoas dentro de seu mundo. Jesus era humilde e não se promovia; ele procurou ajudar todos a ver Deus. Sua aparência refletia a realidade de Deus e a verdade do ensino de Deus. Quando viram Jesus, viram tudo o que precisavam ver. Eles viram Deus.

BS – Leia Deuteronômio 17:8-13. Aqui Moisés dá uma descrição de como o povo deve tratar aqueles que ensinam e fazem cumprir a lei de Deus. No ensino de Jesus acima, ele inclui uma declaração de que devemos obedecer ao ensino dos líderes, mas não agir como eles. Compare essa ideia com o que Moisés disse ao povo.

MA – Uma das principais preocupações de um missionário é ajudar as pessoas a entender e aplicar a lei de Deus em sua vida e cultura. Como sua vida afeta a capacidade de outra pessoa de realizar isso com sucesso?

PR – Existem áreas da sua vida que deixariam as pessoas confusas, por não concordarem com o que você ensina?

Introdução

Sete Infortúnios

Ai não é uma palavra que usamos muito nos dias de hoje. No entanto, Jesus a usa sete vezes para descrever a condição dos fariseus. Geralmente, pensamos em aflição como o sofrimento e a dor que uma pessoa está experimentando atualmente. É usado para expressar a dor, arrependimento ou angústia que uma pessoa está passando. “Ai de mim”, é a frase que é frequentemente usada por uma pessoa para indicar seu estado de espírito e condição de vida.

Há um segundo aspecto no uso da palavra ai. Ai usado dessa maneira é um aviso do potencial ou da realidade do que acontecerá como resultado dos eventos e ações atuais. A palavra ai usada dessa maneira pode significar “Quão terrível será diante de você”, “Quão grande você sofrerá”, e pode ter um significado tão forte quanto “Você deveria ser, será amaldiçoado por...”

As palavras de Jesus são intensas e cheias de julgamento para o comportamento e ações atuais dos fariseus e mestres da lei. Eles usaram mal sua posição, falharam em sua responsabilidade e rejeitaram a verdade. Ao fazê-lo, seus ensinamentos e ações estão impedindo que outros encontrem a verdade.

Essas declarações contêm avisos muito claros para nós sobre várias atitudes e ações-chave que devemos evitar em nossas vidas também. Há sempre o risco de cair neles sem sequer perceber.

Esta não é uma situação de “ai de mim”. Não se trata de eventos e relações sobre os quais não tenho controle e que estão me causando grande dor e miséria. Essas declarações são advertências poderosas sobre nossas responsabilidades para com os outros e o que pode acontecer se as usarmos mal.

BS – Leia Deuteronômio 28. Contém uma lista das bênçãos e maldições que Deus deu ao povo de Israel. Bênçãos se eles obedecessem suas palavras e maldições se não o fizessem. Leia-os e compare-os com os ais ou advertências dadas aos fariseus.

MA – Considere esta declaração de Paulo de que a criação está gemendo, esperando a libertação dos ais a que foi submetida por causa do pecado do homem. Como as missões fazem parte do processo de trazer liberdade e renovação à criação de Deus?

PR – Como você está ajudando as pessoas a encontrar a salvação e a chance de evitar o castigo e o sofrimento contidos nas aflições/avisos que Jesus nos dá?

Paixão 15

Ai Um -

Fechando a porta fechada

Mateus 23:13

Há um banco que tem um sistema de portas muito interessante. A entrada tem duas portas. Você entra em uma porta e, em seguida, está trancado em um pequeno corredor que fica entre as portas. Depois que a porta externa estiver trancada, então, e somente então, a porta interna será aberta para permitir que você realmente entre no banco. Se eles suspeitarem de qualquer tipo de problema ou suspeitarem de você, eles podem mantê-lo naquele pequeno espaço até que o pessoal de segurança esteja convencido de que você não é um perigo para eles ou para o banco. Na verdade, eles poderiam mantê-

lo naquela pequena sala até que a polícia chegasse ou eles poderiam simplesmente forçá-lo a sair por onde você entrou. os recursos e serviços do banco.

Quando há medo de perda, ou de dano, fazemos grandes esforços para proteger a nós mesmos e nossas posses. Nossas vidas podem facilmente ser como o banco acima. Temos um quarto seguro. Nós permitimos que as pessoas entrem, não f ou o propósito de aceitá-los, mas para que possamos ter tempo de examinar suas vidas, examinar suas posses, ou o que mais nos preocupa.

Os missionários às vezes criam esses tipos de espaços para se proteger da cultura ou do compromisso, porque são muito diferentes de sua cultura de origem e dos compromissos que são normais a essa cultura. Somente as pessoas que satisfazem os critérios estabelecidos para a entrada final podem prosseguir em seu mundo. Somente os aprovados têm acesso a eles como pessoa, às suas habilidades e aos seus recursos. Se alguém não for aceito, a porta interna não será aberta.

A grande diferença entre o banco e o missionário é que as pessoas sabem exatamente o que o banco e seus seguranças estão procurando. Eles estão procurando por armas. Eles estão atentos a tipos específicos de comportamento, que indicam a possibilidade de problemas. Eles estão atentos a bolsas e recipientes que possam esconder objetos perigosos. Eles também estão usando o tempo para olhar para as pessoas, para ver se as reconhecem como criminosos conhecidos ou como aqueles que não podem entrar no banco.

As pessoas que buscam acesso à vida de missionários enfrentam uma situação muito diferente. Eles não têm ideia do que a pessoa do outro lado da porta está procurando. Em muitos casos, aqueles que controlam as portas também não estão totalmente seguros. Eles só sabem que apenas certos tipos de pessoas que se comportam de uma maneira específica, ou pensam como eles, devem ser admitidos. Tudo o que eles sabem é que eles foram autorizados a obter acesso. Eles nem percebem que tipo de acesso foi obtido.

Há mais um aspecto desta situação que é diferente. As pessoas que obtêm acesso em um nível não percebem que existe outro nível, até começarem a ver que os outros estão sendo tratados de maneira diferente. Mesmo assim, o desejo de ter a mesma liberdade pode impedi-los de ver a diferença. Para frustrar ainda mais a todos; os que controlam a área de entrada não têm interesse em informar que não foram aceitos. Isso pode deixar alguém com raiva. Nem querem ajudar ninguém a encontrar o caminho de volta. Esta sala é uma sala falsa que dá a impressão de estar dentro, mas restringe as ações e atividades daqueles que nela estão presos.

Não há referências de tempo sobre quanto tempo as pessoas são mantidas em observação. Não há diretrizes para saber o que está acontecendo. A realidade é que muito poucos realmente têm permissão para entrar. Apenas aqueles que são definidos como sendo “como nós” recebem esse privilégio.

Usado corretamente, este sistema pode ser valioso. Usamos esse tipo de sistema para nos proteger do choque de mudanças extremas e nos dar tempo para nos ajustar. Ele nos permite a chance de controlar quantas pessoas podem acessar nossas vidas em um determinado momento. Pode facilitar o processo de aprendizado de uma nova cultura e situação, pois temos a chance de interagir de maneira mais controlada com poucas pessoas por vez. Eventualmente, quando o sistema está funcionando corretamente, então permitimos que outros passem por ele para entrar no mundo além deste portal de duas portas.

Eventualmente, à medida que nos tornamos mais seguros, as portas são removidas uma a uma. Aprendemos a confiar nas pessoas ao nosso redor e a compartilhar em sua vida. Eles aprendem a acreditar em nossas declarações de amor e preocupação. Isso nos possibilita compartilhar o amor de Deus com eles e fazê-los acreditar nas palavras que compartilhamos.

No banco essa era a função. Dava segurança para quem estava no banco e acesso para quem vinha fazer uso dos recursos do banco. Havia um fluxo livre de pessoas e recursos entrando e saindo. Devemos lembrar que tal sistema só é necessário em tempos de risco e ameaça. Quando o tempo de ameaça é passado, as portas são abertas para livre circulação ou mesmo removidas. As pessoas precisam sentir que têm acesso às nossas vidas. A princípio, pode haver necessidade de algum controle, mas com o tempo, devemos ser capazes de ir além disso e abrir as portas de nossas vidas para os outros.

Levadas ao outro extremo, as “portas” tornam-se aquilo de que Jesus está acusando os fariseus. Eles se tornam uma armadilha. As pessoas podem passar pela primeira porta para o processo de teste e observação, mas não se trata de comunicar a verdade. Trata-se de encontrar aqueles que estarão em conformidade com seus padrões e regras. Para todos os outros, por mais sinceros que sejam em sua busca por Deus, a segunda porta permanece trancada. E a primeira porta nunca é reaberta, pelo menos não para quem quer sair.

Os de dentro não querem deixar os outros saírem. Eles precisam de pessoas naquela sala. Aqueles que estão na sala, que são excluídos, são usados para criar a impressão de que o que o grupo na sala interna está fazendo é certo. Eles os prendem para que possam ter uma audiência e atrair outros para a armadilha. Outros vêm e alguns são selecionados e assim continua. Eles fecharam o primeiro porta atrás deles quando as pessoas entrarem, e mantenha a segunda porta fechada na frente daqueles que entrarem. Os fariseus criaram tal situação. Todos queriam entrar. Eles os deixaram entrar apenas para prendê-los entre as duas portas.

Essa situação cria então um segundo dilema. Normalmente, há tráfego nos dois sentidos pelas portas. No banco, quando a segunda porta é aberta e os que entram saem da pequena sala, há outros saindo do banco que agora podem entrar novamente no pequeno salão para recuperar o acesso ao mundo lá fora. Na situação que os fariseus criaram, isso não era possível. Partir tornou-se quase impossível e impensável. Aqueles que conseguiram entrar agora estão presos atrás de duas portas. E os únicos que podem remover as armadilhas são aqueles que as montaram em primeiro lugar. Os fariseus demonstraram repetidamente que não desejavam remover quaisquer barreiras ou permitir que qualquer outra pessoa fosse livre, porque isso confirmaria que o que eles estavam fazendo era errado.

Como missionário, como cristão, precisamos estar cientes disso. Podemos criar tal sistema, e ele pode ser usado para nos ajudar a nos adaptar, ou para isolar e prender. Aqueles que se recusam a entender a cultura, a vida e as necessidades dos outros se refugiam na sala e ela se torna uma armadilha. Aqueles que usam tal sistema para criar um ambiente para crescer em seu conhecimento e compreensão acabarão por remover as portas e se mudar para o meio das pessoas.

Como cristãos, temos tanto que o mundo precisa. Entramos em nosso quarto, criamos uma armadilha e fechamos a porta para os outros, ou entramos no quarto para abrir a porta para os outros?

Os fariseus criaram uma armadilha e trancaram os outros fora de seu mundo. Eles deram um passo adiante e usaram a situação para impedir que outros vissem a armadilha. Este processo foi o que Jesus chamou de fechar a porta para os outros (Mt23:13). Eles se prenderam lá dentro e impediram que os outros vissem esse fato. Eles fecharam a porta para a verdade.

BS – Isaías 9:14-16; Oséias 4:5-9. Essas duas passagens envolvem o julgamento de Deus sobre aqueles que desviam o povo e os impedem de encontrar Deus. Eles buscavam o poder sobre o povo sem se importar com os resultados. Considere como isso aconteceu e como você pode evitar cair no mesmo problema.

MA – As culturas criam um mundo de desafios e possíveis ameaças a quem sou e ao que considero normal. É errado procurar proteger a mim mesmo e meu apego à minha cultura?

PR – Olhe para as pessoas com quem você tem contato. Você está segurando-os à distância? Você está permitindo-lhes maior acesso à sua vida? Avalie por que isso é verdade e quais padrões você usa para determinar quem tem permissão de acesso e quem é restrito.

Paixão 16

Ai Dois -

Convertendo o convertido

Mt 23:15

Ai de vós, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Você viaja por terra e mar para ganhar um único convertido, e quando ele se torna um, você o torna duas vezes mais filho do inferno do que você.

Há uma questão interessante que muitas vezes surge entre aqueles que trabalham transculturalmente. Tem sido objeto de muitas discussões e foi tratado em muitos livros. A pergunta é: “Existe uma cosmovisão cristã ou bíblica?” Isso é seguido por uma pergunta semelhante, ou parece semelhante: “Existe uma cultura cristã?”

A resposta para a primeira pergunta é sim. Deus tem uma cosmovisão que ele apresenta nas Escrituras para que entendamos e apliquemos ao nosso mundo. Ele nos instrui nos vários aspectos dessa visão de mundo e como viver nossas vidas de acordo com suas verdades e princípios.

A segunda pergunta não é tão simples e tem causado muito conflito e confusão. Se a resposta for sim, então como determinamos o que essa cultura é ou não é? Se a resposta for sim, quem decide quais serão os elementos dessa cultura? Se a resposta for sim, então, uma vez que decidamos o que é essa cultura, e todas as regras e regulamentos que a acompanham, precisamos fazer com que todos se encaixem nessa cultura que agora foi definida como a “cultura cristã”.

Se a resposta for não, então devemos estudar cada cultura individualmente para entender como a verdade de Deus pode ser comunicada naquela cultura. Precisaremos saber como fazer parte da cultura e muito mais. Mas não é disso que esta escritura está tratando. Esta escritura é sobre aqueles que decidem o que deve ser e então trabalham para que todos aceitem suas decisões.

Há muitos exemplos daqueles que sentiram que sua cultura era a melhor e, junto com a conversão das pessoas ao cristianismo, também impuseram suas estruturas culturais sobre como esses cristãos viveriam e se relacionariam uns com os outros. Isso facilmente levou à ideia de que adaptar-se à cultura dos missionários era o mesmo que tornar-se cristão. Para alguns, a conversão tornou-se menos sobre um relacionamento com Deus através de Jesus e mais sobre parecer e se comportar como aqueles que estavam trazendo a mensagem.

Essa situação muitas vezes fazia com que os “convertidos” trouxessem com eles atitudes e ações que impediam que outros que não pudessem ou não mudanças culturais necessárias, de ouvir o evangelho. Esses convertidos culturais tornaram-se uma barreira que impedia que outros recebessem a verdade.

O problema surgiu de um falso conceito de cultura e visão de mundo. O foco se torna mais em converter as pessoas a uma certa maneira de fazer as coisas e viver, e menos em trazê-las a Deus. A mudança foi medida pelo exterior e não pelo olhar para o coração como Deus o faz (1 Sm 16:7).

Os fariseus praticavam o processo de conversão sem vida em grande escala; apenas aqueles que viviam e se comportavam como eles eram verdadeiros crentes. Uma relação real com Deus não era tão importante quanto as formas que eram praticadas. Eles não estavam preocupados com o quão bem uma pessoa conhecia a Deus e entendia a verdade, mas com o quanto eles se conformavam com os padrões que haviam estabelecido. Eles estavam mais interessados em convertidos à sua cultura do que em ajudar as pessoas a encontrar Deus.

Isso ainda está acontecendo hoje. Há pessoas, igrejas e ministérios se promovendo por meio de suborno, ameaças, argumentos e comparações. Cada um deles assume que possui a única estrutura cultural que é cristã ou verdadeiramente religiosa.

Aqui está como as abordagens podem soar para aqueles que eles estão procurando converter.

Suborno – Venha conhecer o que temos para lhe oferecer. Temos comida e roupas para aqueles que se filiam à nossa igreja. Fomos abençoados por Deus e estamos prontos para compartilhar esta bênção. Se você se juntar a nós, vamos incluí-lo em tudo o que Deus nos deu.

Ameaça – Nós somos os únicos que têm a verdade. Nossas vidas e ações revelam esse fato. Se você não se juntar a nós, então você está vivendo em pecado e sofrerá por sua decisão e corre o risco de acabar no inferno. Somente se você se juntar ao nosso grupo você será salvo. Somente se você seguir nossas regras você será abençoado.

Argumentos – Nós temos as respostas para todas as suas dúvidas e preocupações. Podemos explicar por que você está sofrendo e como você pode ser livre. Podemos revelar o caminho para Deus e explicar os segredos ocultos da Palavra de Deus para que você saiba como ganhar tudo o que Deus tem para você. Podemos ensinar-lhe o caminho para a liberdade e a felicidade. Nós temos as respostas, mas você precisa vir às nossas reuniões e participar deste programa se quiser receber tudo o que está disponível para você.

Comparação – Veja tudo o que temos. Veja tudo o que estamos fazendo. Temos os maiores programas, os maiores ministérios e os maiores resultados. Nós temos a verdade e tudo o que está acontecendo é a prova de que podemos ajudá-lo a encontrar o caminho. Temos o que é preciso para ganhar o mundo.

Cada um deles tem o objetivo de um convertido tornar-se como os do grupo. Trata-se de se adaptar a uma cultura e visão de vida. Trata-se de atividades de conversão, não de ser convertido por Deus.

A verdade é que a Bíblia não coloca nenhuma cultura acima da outra. Deus tem se comunicado com as pessoas em muitas culturas ao longo dos anos. Deus é capaz de entrar em qualquer cultura e comunicar sua presença e amor. Todas as culturas contêm elementos que se opõem à verdade, mas não há cultura que seja desprovida de verdade e totalmente contrária às diretrizes de Deus.

Considere a igreja primitiva e como ela cresceu. Não tinha recursos para subornar ninguém. A mensagem proclamada não se concentrava em uma ameaça, mas na oferta de amor e esperança. Paulo afirma claramente que responder ao evangelho não era sobre argumentos inteligentes, mas sobre proclamar o evangelho (1 Coríntios 2:1-4). Comparação não estava na lista. Paulo fala sobre o sofrimento pelo evangelho (2Tm 1:8). Ele fala sobre compartilhar o sofrimento de Cristo e a bênção de participar de tal sofrimento para que outros ouçam a mensagem. (Cl 1:24-27).

Não é uma mensagem atraente em comparação com o que muitos grupos estão ensinando hoje. Paulo e os outros só tinham uma coisa a oferecer, a verdade, e é por isso que a igreja cresceu.

Com tudo isso em mente, por que viajei por terra e mar? O que estou apresentando para as pessoas que conheço? Estou dizendo a eles que eles precisam se unir à minha igreja para receber o evangelho?

Estou dizendo que eles precisam se adaptar aos meus padrões culturais para experimentar a bênção de Deus em suas vidas. Meu foco está construindo meu grupo, minha igreja ou o reino de Deus?

Se estou procurando convertidos para o meu caminho, tornei-me um fariseu moderno.

A verdade é que Deus não está interessado em converter-se ao meu caminho, minha vida e minhas idéias. Ele está interessado em restaurar as pessoas a um relacionamento com ele. Compartilhar qualquer outra coisa é arriscar o julgamento encontrado nesta advertência de Cristo.

BS – Leia Jeremias 14:14-16; 23:13-22. Jeremias proferiu o julgamento de Deus sobre aqueles que ensinam mentiras e aqueles que as ouvem. Por que você acha que Deus considera culpados de pecado tanto o falso mestre quanto aquele que ouve?

MA – Muitas pessoas se perguntam por que Deus, que ama a todos, pode julgar e punir aqueles que não ouviram falar de Jesus. Como a escolha do homem de seguir a falsa verdade afeta a ação de Deus? Como isso se relaciona conosco e com a missão de Deus de dizer a todos o quanto Ele os ama e da necessidade de levar esta mensagem ao mundo? Qual é o papel da cultura nesse processo?

RP – Em sua vida e atividades, quem você está ensinando as pessoas a seguir, você mesmo ou Deus?
Como você sabe que eles estão seguindo a Deus e não você?

Paixão 17

Ai três –

Comercializando-me uma estrada perigosa

Mateus 23:16-22

Jesus está ganhando força. Eu posso ouvir a intensidade crescendo em sua voz. Ele está prestes a mirar no cerne de seu problema. Três vezes ele os chama de cegos. Duas vezes isso se relaciona com o impacto que estão causando nas pessoas ao seu redor. São guias cegos. Eles não têm ideia de onde estiveram, como chegaram onde estão e definitivamente não sabem para onde estão indo.

Na terceira vez, ele os chama de tolos cegos. Esta é uma acusação poderosa. As Escrituras advertem contra chamar alguém de tolo. Chamar alguém de tolo é como chamá-lo de idiota, sem sentido, sem compreensão e sem preocupação com os outros. Suas ações não são baseadas na realidade e causam problemas e danos incalculáveis.

O foco das decisões e escolhas do tolo, neste caso os fariseus, baseiam-se unicamente em suas próprias ideias e compreensão do que era real e valioso. Eles juram pelas coisas que fizeram, pelas coisas que deram, pelas coisas sobre as quais tinham controle. Eles não tinham consciência de que tudo pelo que juravam existia não por causa de sua grande sabedoria ou criatividade, mas de uma fonte externa a eles.

Jurar pelo ouro (v. 16) é importante porque os fariseus ou seu grupo tinham algo a ver com colocar o ouro ali e mantê-lo. Jurar pelo sacrifício e não pelo altar é a mesma coisa. Eles deram o presente e é isso que o torna valioso. Eles têm o controle e, portanto, juram pelo que têm controle. Jurar pelo templo ou altar significava admitir que eles não estavam no controle. Era mais do que eles queriam arriscar. Eles não estavam dispostos a colocar o controle nas mãos daquele que foi o motivo da construção do templo e, portanto, deram origem ao desejo de adorná-lo de maneira adequada à casa de Deus. Eles não estavam dispostos a admitir que eram incapazes de vir diante de Deus. Admitir isso era dar maior valor

ao altar e o direito de Deus de exigir um sacrifício. A dádiva ou sacrifício não tinha valor se não houvesse o desejo de um relacionamento com Deus.

Os fariseus queriam concentrar a atenção não em Deus, mas no que eles estavam fazendo. Eles não queriam ver mais nada e, portanto, estavam cegos para as verdades por trás do que torna o ouro valioso e o presente eficaz. Eles eram cegos; eles não sabiam para onde estavam indo e estavam levando as pessoas pelo mesmo caminho. Eles eram cegos e tolos. Eles destruiriam a si mesmos e causariam a destruição de todos os que os seguissem.

Esta não é uma passagem simples para nós hoje. Não estamos acostumados com o conceito de jurar ou validar a verdade de nossas palavras e ações. A única forma de xingamento a que estamos acostumados é em um tribunal, quando uma pessoa coloca a mão esquerda sobre a Bíblia e levanta a mão direita e jura dizer a verdade. Na verdade, em muitas situações a Bíblia não é mais usada.

As pessoas são convidadas a jurar dizer a verdade sem qualquer autoridade externa para verificar a validade de suas palavras.

Isto é o que estava acontecendo com os fariseus. Eles estavam tentando verificar suas palavras ou ações, mas queriam fazê-lo fora da autoridade de Deus. Eles querem usar suas palavras e suas ações como base para a promessa ou atividade que estavam jurando fazer.

Se você parar para pensar nisso, fazemos coisas semelhantes em nossa vida. As pessoas nos pedem para fazer promessas, para concordar em fazer alguma coisa. Eles repetem “você promete” e usam frases como “atravesse seu coração e espere morrer” para tentar prender as pessoas às suas palavras. Costumávamos usar frases como “como Deus é minha testemunha” para nos vincular a uma promessa. Hoje preferimos evitar declarações tão fortes. Preferimos que as pessoas acreditem em nossas palavras ou confiem em nossas promessas por outras razões.

Morando em outro país é fácil usar a cidadania como meio de confirmação de suas palavras. Por exemplo, “acredite em mim porque sou americano”, como se ser americano de alguma forma tornasse a promessa melhor. Mas fazemos isso porque sentimos que não podemos confiar em pessoas de outra cultura. Você sabe que eles não são tão confiáveis ou confiáveis quanto eu. Eles não são americanos.

Às vezes, usamos nossa educação como forma de confirmar nossas palavras. Eu tenho esse diploma e você deve confiar em mim e não nele. Ele é um membro sem instrução desta tribo ou daquele país, então ele não pode ser confiável, ele não é confiável. Podemos usar nossos anos como cristãos como alavanca para criar confiança em nossas palavras. Sou cristão há 40 anos, mas ele só é cristão há dois anos. Ele não está pronto para o trabalho, o que significa que ele ou suas palavras não são confiáveis.

Pode se enquadrar na ideia de adesão, sou membro há muitos anos, mas eles são membros há apenas alguns anos. Você deveria me ouvir primeiro.

Em cada um deles estamos jurando por algo sobre o qual temos controle. Juro pelo fato de ser americano. Juro pelos meus muitos anos de treinamento. É "nois ar por meus anos como um cristão. Juro pelos meus muitos anos como membro. Juro por todos os meus anos de experiência e conhecimento. Fazemos promessas ou juramos pelas coisas que acreditamos ter controle e impressionar as pessoas ao nosso redor.

Jesus quer que despertemos e paremos de bancar o tolo e agir de maneira cega. Ele quer que vejamos quão tolo tudo isso é. Veja novamente Mateus 23:16-22.

- O ouro só tem valor por causa do templo ao qual está ligado e a quem esse templo honra.
- O sacrifício só tem valor por causa do altar em que é colocado e de quem autoriza o altar.
- Minha cidadania nesta terra não tem valor; Eu não tinha controle sobre onde nasci. Só a minha cidadania no céu tem valor e isso só é possível por causa da decisão de Deus.
- Minha educação não tem valor porque minha capacidade de aprender e entender vem de Deus. Eu só tenho controle sobre o que é feito com o que me foi dado.
- Meus anos como cristão ou membro só tem valor por causa do relacionamento que tive com Deus. Não é sobre o que eu fiz, mas o que Deus fez.
- O que quer que usemos para jurar ou convencer as pessoas a confiar em nós não tem valor por si só, exceto quando damos crédito a Deus por tornar possível que tenhamos o que temos ou façamos o que estamos fazendo.

Quando pedimos às pessoas que confiem em nós e omitamos Deus da equação, nos tornamos como os fariseus. Nós nos cegamos para a verdade e os conduzimos por um caminho falso. Estamos perdidos e não sabemos para onde estamos indo e fazemos com que outros se percam. Estamos agindo como um tolo. Pedimos-lhes que confiem em algo que é falso e corruptível em vez da fonte que é verdadeira e incorruptível.

Queremos a honra e o prestígio. Queremos ser vistos como alguém que pode levar as pessoas a Deus. Não merecemos o primeiro e, na realidade, não podemos ser o segundo. Nossa posição de honra vem de nosso relacionamento com Deus e só podemos apontar as pessoas para o verdadeiro caminho que é Jesus, o filho de Deus.

Precisamos ser muito claros neste ponto. Nossas ações, dons e palavras só têm valor e poder quando vêm e estão diretamente ligados a Deus. Quando procuramos substituir Deus por nós mesmos, nos tornamos guias cegos, falsos profetas e tolos cegos.

Entrei em uma nova cultura e estou interagindo com um novo grupo de pessoas. À medida que procuram verificar o valor do que digo ou faço, devo direcioná-los a Deus. Só então eles verão, só então eles entenderão, só então eles encontrarão o verdadeiro caminho para aquele que está sentado no trono. Aquele que todas as nações proclamarão como o Senhor dos senhores.

BS – Leia Provérbios 26:4-11; 27:22; 30:32. Essas escrituras envolvem descrições de tolos e o que acontecerá com eles, bem como aqueles que os ouvirem. Como esses comentários se comparam com a advertência de Jesus aos fariseus?

MA – Como visitante ou estranho a uma nova cultura, trago muitas ideias e recursos novos e diferentes. Terei muitas escolhas a fazer sobre como minhas ideias e recursos se relacionam com o ministério em que estou envolvido. Reflita sobre como minhas ideias e recursos podem afetar as decisões que as pessoas tomarão sobre o que é a verdade e como aplicá-la em suas vidas.

PR – O que você usa para definir quem você é como pessoa? Que habilidades, habilidades ou posses fazem parte dessa definição? Como eles afetam a capacidade das pessoas de receber a verdade de Deus de você?

Paixão 18

Ai Quatro -

Mosquitos e Camelos, é tudo a mesma coisa, certo?

Mateus 23:23-24

Esta passagem contém duas notáveis declarações de comparação. Declarações de extremos. Extremos em valores e extremos em consciência. Eles podem parecer não relacionados, mas são eles?

Aqui está o primeiro. “Você dá um décimo de suas especiarias – hortelã, endro e cominho. Mas você negligenciou as questões mais importantes da lei – justiça, misericórdia e fidelidade (Mt 23:23).

Isso parece um pouco ridículo na superfície, mas não é. As especiarias podem ser medidas e avaliadas com muita facilidade. A segunda parte envolve áreas onde não importa quais sejam minhas escolhas, não importa o que eu faça, haverá alguém para me criticar. Haverá alguém que diz que eu não fiz o suficiente, enquanto outro diz que eu não deveria ter feito nada. Em contraste, quem vai entrar na minha casa e contar todas as minhas especiarias para ter certeza, na verdade eu dei um décimo?

Quero dizer, realmente, quem tira um tempo para medir cada coisinha em sua casa para ter certeza do que tem e depois contar para que possa dar o dízimo desse pequeno item. Qual é realmente o valor de 1/10 de uma garrafa ou saco de qualquer tempero, especialmente quando você considera que muitos dos temperos usados naquele dia foram cultivados por cada pessoa em seu próprio jardim?

Que tipo de pessoa pega uma balança para pesar esses materiais, ou conta cada semente ou grão para que possa dar o dízimo?

Na verdade, é incrível quantas pessoas mantêm registros das pequenas coisas para ficarem bem em alguma área de sua vida. Eles contam quantas vezes vão à igreja e em que dias. Eles mantêm registros de quantas vezes cozinham para a igreja e o que cozinham. Há pessoas que mantêm registros para que eles sabem de quem é a vez de ajudar. Eles sabem que fizeram isso na semana passada e, portanto, não devem ser solicitados a fazê-lo esta semana.

As pessoas têm listas e registros e são muito públicas sobre o que está nessas listas. Embora eles possam não gritar, eles encontram maneiras de garantir que todos saibam o que fizeram ou deram, especialmente quando isso os faz parecer melhores do que qualquer outra pessoa. Não é sobre o que é certo, mas o que os faz parecer bons.

Justiça, misericórdia e fidelidade. Estes são difíceis de medir. Eles são difíceis de explicar. Eles são difíceis de aplicar claramente sem risco de erro ou mal-entendido. Como se mede um décimo de justiça? Existe algo como um décimo de misericórdia? Posso ser fiel apenas um décimo do tempo? A resposta é não para todas as anteriores. Devo praticar a justiça constantemente e constantemente me colocar em risco. Sempre haverá pessoas que não concordam com a minha escolha. A misericórdia deve ser aplicada completamente sem reservas. Se não, ninguém se interessará se 1/10 das vezes for perdoado e 9/10 das vezes não for perdoado e estiver sendo punido. Não existe fidelidade parcial.

Se eu não sou fiel o tempo todo, então não sou fiel.

Por isso, passamos todo o nosso tempo medindo temperos e não temos tempo para lidar com o que realmente importa. Trabalhamos para ter uma boa aparência de uma maneira que possamos controlar, enquanto deixamos de lidar com as necessidades dos outros. Um décimo do meu tempero não ajudará ninguém de maneira significativa. E no final ainda me resta 9/10 para aproveitar. Eu gasto todo o meu tempo comigo e não tenho tempo para os outros. Justiça, misericórdia e fidelidade exigem tirar do que

é meu para lidar com os outros, sem garantia de que haverá algo que eu possa chamar de meu pelo esforço.

Esse é o problema que Jesus está atacando.

A segunda afirmação é: “Você coa um mosquito, mas engole um camelo (Mt 23:24)”. Jesus está completamente correto quando os chama de cegos e então faz esta afirmação. Qualquer um que só vê o mosquito e não pode ver o camelo deve ter algo errado com sua visão. Eles são completa e totalmente míope. Qualquer coisa que esteja muito além do alcance de seu braço é borrada e se mistura ao fundo. Então eles não têm interesse nisso. Somente quando algo entra em sua esfera de atividade, esfera de necessidade ou esfera de influência, eles podem vê-lo. O problema é que sua esfera de consciência é muito pequena. É tão grande quanto “eu”. Qualquer coisa que não tenha a ver comigo não vale a pena ver.

Mas o problema está realmente mais envolvido do que isso. É a visão fixada a uma distância específica e só me permite observar uma quantidade limitada de informações. Eu sei tudo sobre isso porque estou envelhecendo. Eu tenho três camadas de visão. Eu preciso de óculos para ler qualquer coisa mais perto do que o comprimento dos braços, posso ver bem de 3 a 10 pés sem óculos e qualquer coisa a mais de 10 pés começa a ficar embaçada. Como resultado, se eu quiser ver qualquer coisa de perto ou de longe com clareza, preciso colocar óculos para essas distâncias. Se eu não quiser lidar com isso, certifico-me de que está fora do alcance da visão clara e simplesmente não coloco os óculos necessários para essa área de visão.

Os fariseus tinham um campo visual fixo ou profundidade de visão. Para não fechar e nada muito longe. Significava que só examinavam certas áreas da vida. Nada muito pessoal, que seria olhar para algo para fechar, e definitivamente nada que envolvesse responsabilidade para ou pelos outros, que seria olhar para uma área além de sua área de visão, o que significava incluir os outros. Eles não estavam interessados em que alguém se tornasse muito pessoal ao ver sua vida ou ter tempo para inspecionar seus próprios motivos e ações. Isso resultaria em discutir se o que eles estavam fazendo era certo ou errado. Isso é para fechar e inaceitável. Tampouco estavam muito interessados no que poderia estar acontecendo com os outros como resultado de suas ações e das escolhas que estavam fazendo em seus pequenos mundos. Isso tirou o foco deles e isso também era inaceitável.

Assim, eles procuravam coisas específicas, coando mosquitos ou especiarias do dízimo e evitavam lidar com a verdade. Eles não queriam lidar com as necessidades dos outros; estavam faltando o camelo, a justiça, a misericórdia e a fidelidade, de que os outros precisavam.

Não é de admirar que Jesus os tenha chamado de cegos. Na verdade, era um tipo muito específico de cegueira. Combinou uma espécie de visão de túnel com alcance focal muito limitado. Muito parecido com colocar uma lente em uma câmera que tem um alcance e ponto focal específicos.

Nada dentro ou fora dessa faixa ficará em foco ou visível ao usar essa lente.

Essa visão assume o controle quando começo a me concentrar apenas no que estou fazendo e não no por que estou fazendo. Fico preso em um programa ou projeto, e minha vida gira em torno dele e não das pessoas que devem se beneficiar dele. Eu percorro as ações necessárias para realizar o programa com pouca consciência se ele está realmente funcionando, se as pessoas estão se beneficiando ou se há necessidade de fazer mudanças porque mais problemas estão sendo causados do que resolvidos.

eu b tornam-se mais interessados no atraso das pessoas e depois no que causou o atraso. Se for culturalmente apropriado chegar atrasado, eu poderia facilmente me encontrar focando no quanto estive esperando e perder de vista sua fidelidade em vir. Se eles não fazem o trabalho que atribuo ou fazem um trabalho ruim e fico frustrado. Concentro-me em tudo o que estou fazendo e perco o fato de que talvez o trabalho que estou pedindo que façam seja inadequado para a cultura e o contexto. Estou sendo injusto em minhas expectativas e não tenho piedade de seu fracasso, que é realmente minha culpa.

Isso abre a porta para coar mosquitos e perder os camelos. Crio meu conceito do que é esperado e perco de vista quais deveriam ser os objetivos reais. Eu decido quais são os problemas e perco a oportunidade de crescer em minha compreensão de outra cultura e conceito do que é valioso. Torno-me orientado para as tarefas para poder provar que estou sendo bem-sucedido para os outros e perder o que significa ser bem-sucedido com aqueles a quem fui chamado a servir.

Torno-me negligente com o que é verdadeiramente importante e sua aplicação à minha vida. Isso resulta em uma falha em oferecer essas verdades importantes aos outros. Fico tão focado em mim que não vejo os problemas que estou criando para os outros. Eu sou pior que cego. Vejo apenas o que quero ver e então procuro forçar os outros a seguirem o mesmo caminho comigo. Fico cego para tudo, menos para o que escolho ver.

Eu posso ver Jesus balançando a cabeça em tristeza. A raiva está desaparecendo. Ele olha para eles; ele olha para mim e se pergunta se eu vou entender. Verei o que estou fazendo comigo mesmo e como isso afeta os outros?

BS – 1 Samuel 15:22; Isaías 10:1-5; 56:10-12; Miquéias 6:8. Essas escrituras explicam mais o que Deus está buscando de nós e uma advertência para aqueles que não fazem o que Deus quer. Compare os fariseus com essas escrituras e reveja o julgamento de Jesus sobre eles.

MS – As pessoas sempre estarão envolvidas em examinar nossas vidas e o que fazemos. Isso é especialmente verdadeiro quando entro em uma nova cultura. Quão importante é avaliar os padrões que usamos para determinar nosso valor e nosso sucesso em outra cultura?

PR – Examine sua vida e considere o que você está usando como padrão para determinar seu valor e se promover para os outros.

Paixão 19

Ai Cinco -

Os prós e contras de manchas, tábuas e copos.

Mateus 23:25-26

Jesus havia falado com os fariseus sobre tirar a trave do seu próprio olho antes de tentar lidar com o cisco no olho de outra pessoa (Mt 7:3-5). Mas o problema é realmente mais profundo do que isso. É sobre perspectiva e consciência. Neste, o quinto ai, ele ataca o problema mais profundo do que eles estavam tentando encobrir. Não é apenas que eles são cegos, mas que eles escolheram ser cegos. Não é que eles não saibam que há um problema, mas eles escolheram ignorar seu problema e distrair os outros de estarem cientes dele.

Jesus olha para os fariseus e deixa isso claro. Eles estão criando ativamente um engano. Sua ilustração é muito clara e nos implora para ver e julgar esses fariseus pelo que eles são. Uma mulher limparia a parte externa do copo e não a parte interna? Se ela fizesse tal coisa, todos os que observassem sua ação teriam sérias dúvidas sobre sua preocupação com o bem-estar dela e de sua família. As bebidas são colocadas dentro de um copo e não fora. Ninguém pega um copo sujo e bebe dele sem primeiro enxaguá-lo ou pelo menos verificar se está limpo.

Este não é apenas um julgamento dos fariseus, mas também de todos que os deixam continuar em seu comportamento. Se você aceitar um copo sujo, qualquer doença ou sujeira que esteja nele afetará você da mesma forma que afetou a pessoa que o usou antes de você. Essa pessoa tem a maior culpa por não se importar com sua saúde e segurança, mas você também não é de alguma forma responsável por não verificar o copo para ter certeza de que está limpo?

Há duas maneiras de considerar o que está acontecendo aqui. A primeira diz respeito à pessoa que oferece o cálice. Eles estão optando por não ter cuidado na limpeza do copo. Eles estão limpando a parte que é mais visível e não lidando com o interior, que às vezes pode ser difícil de limpar, dependendo do uso do copo e há quanto tempo não é limpo. Isso pode ser devido à mera preguiça, ou pode representar uma falta de preocupação em fazer um trabalho bom e completo, e se contentar em criar a aparência de ter feito um bom trabalho.

A segunda diz respeito à escolha de usar o copo. Questionar a limpeza do copo é questionar a pessoa que o deu a você. Pode ser visto como uma falta de confiança no que eles estão lhe dando e desconfiança deles como pessoa. Isso torna difícil examinar ativamente o interior do copo, especialmente quando o exterior parece limpo. Geralmente optamos por não examinar o interior para evitar qualquer aparência de desconfiança ou falta de confiança.

Os fariseus queriam parecer bons, mas não queriam fazer o trabalho necessário para serem bons. Sua aparência sugeria a possibilidade de receber quem em é bom. Infelizmente, sua aparência enganava; não foi além da superfície e forneceu uma maneira limpa de receber refrigério ou verdade. Isso significava que o que quer que estivesse afetando sua vida permanecia dentro e seria passado para qualquer um que bebesse daquele recipiente, ou neste caso, aceitasse seus ensinamentos.

Seu ensino era falho, não pelo fato de estar errado, mas pelo fato de estar corrompido. Estava infestado com a sujeira da ganância e da auto-indulgência. Seu caráter interior estava cheio de egoísmo, preguiça e inconsistência. Somente quando as pessoas os observavam, eles se esforçavam para parecer justos, mas não faziam o trabalho de limpar sua vida e ser justos. Essa atitude contagiou seus ensinamentos e contagiou todos aqueles que receberam seus ensinamentos.

Essa mesma atitude pode nos afetar de muitas maneiras. Não tomamos tempo para estudar toda a Palavra de Deus. Não tomamos tempo para aprender tudo o que precisamos saber para comunicar a Palavra aos outros. Não temos tempo para entender as pessoas com quem estamos nos comunicando. Não temos tempo para realmente ajudar os necessitados.

À medida que entro em uma nova cultura, pode ser bastante tentador lidar apenas com as aparências. Eu posso me vestir como eles. Eu posso comer a comida deles. Eu posso viver em uma casa como eles. Mas se em meu coração sou crítico de como eles pensam, como agem e de sua cultura, então estou envolvido em um engano. Mesmo que eles ouçam a mensagem, ela será manchada com minha atitude crítica e julgamento sutil de que, a menos que sejam como eu, eles são falhos. Minha atitude então se torna suas atitudes, que são passadas para os outros.

O que eu fiz foi escolhido da maneira mais fácil. Mudei minha aparência sem realmente me importar com as pessoas, quem elas são e como me comunicar com elas em sua vida. Minha atitude etnocêntrica e hipócrita afetar a mensagem que comunico. Minha vida se tornará uma vida de ganância, sempre buscando oportunidades para ser eu mesmo (ficar com os outros como eu) e fazer com que os outros sejam mais parecidos comigo. Minha vida será de auto-indulgência, enquanto pareço bem por fora, sacio meu desejo de criticar os outros, de me afastar deles, mostrar-lhes como as coisas devem ser, mesmo trabalhando duro para parecer bem para eles.

Quanto mais limpo ou decoro o exterior, mais sujo e infeccioso se torna o interior. Então, aqueles a quem eu oferecer uma bebida ficarão presos. Beberão sem olhar, com medo de ofender, e assim absorverão o veneno no copo. Ou hesitarão e tentarão examinar o que está dentro, arriscando a possibilidade de serem julgados indignos.

Podemos evitar essa situação fazendo as coisas corretamente. Limpando nossas vidas, procurando entender as pessoas e o ambiente, e preparando nossas vidas para que sejam eficazes na comunicação da verdade, tanto o interior quanto o exterior serão aceitáveis e não haverá ofensa se alguém quiser olhar para dentro. Nós limpamos as coisas exatamente para isso, para que eles pudessem verificar e ter confiança no que está sendo recebido.

Nosso etnocentrismo, nosso julgamento deles é a sujeira por dentro. Com que rapidez nos esquecemos onde Deus nos encontrou e o que ele fez em nossa vida. Se nos lembrarmos disso e fizermos o trabalho de limpar nossa atitude e nosso julgamento, então o cálice ficará limpo. Será preenchido com a verdade de Deus.

A razão pela qual não podemos ver a trave em nosso olho é porque não queremos. Nós somos muito preguiçosos, é preciso esforço para lidar com o feixe. Da mesma forma, limpar nossa vida dá trabalho. Limpar nossas más atitudes, equívocos e egoísmos dá muito trabalho. Mas o resultado final é que as pessoas receberão a Palavra de Deus imaculada e estarão dispostas a retornar para mais ensino. Isso permitirá que eles cresçam de maneira saudável e com confiança. Ora, porque aprendemos o valor de deixar a palavra de Deus purificar nossas vidas para que outros recebam todas as bênçãos de Deus.

BS – Isaías 28:7-10: Ezequiel 18:30-32. Essas passagens incluem descrições do efeito de beber de um copo sujo e o que Deus quer fazer por aqueles que bebem. O que a embriaguez e o vômito representam e qual é o desejo de Deus?

MA – As aparências são fundamentais para o ministério, ainda mais para o ministério em uma cultura e país diferentes. Pense no que você quer que os outros vejam e como isso afetaria a capacidade deles de ver Deus através de você.

PR – Peça para algumas pessoas avaliarem sua aparência, seu copo. Duas questões a considerar. Quão dispostos eles estão a fazer a avaliação e quão honestos você acha que eles foram? Por que eles responderam dessa forma ao seu desejo de uma avaliação?

Paixão 20

Ai Seis -

Embelezando a morte enquanto destrói a vida

Mateus 23:27-28

Jesus dá outro golpe nos fariseus, “vocês são sepulcros caiados!”

À primeira vista, isso parece uma repetição do julgamento anterior de serem canecas limpas por fora, mas sujas por dentro. Mas é muito mais do que apenas um pouco de sujeira, apenas um pouco de egoísmo. É sobre a morte e a permanência do que eles estão tentando vendendo a todos como verdade.

Em nossa vida, há momentos em que avaliamos quem somos. Ou, pelo menos, deveríamos ter esses tempos. Nesses momentos de honestidade temos a chance de ver as falhas e falhas que fazem parte da nossa vida. Falhas que machucam a nós e aos outros, falhas que impedem nossa capacidade de crescer e ser confiável pelos outros. Existem basicamente duas respostas que surgem desses tempos de introspecção e honestidade. Podemos usar a verdade que foi revelada para lidar com problemas, ou podemos negar o que aprendemos e tomar medidas para encobrir a verdade. Podemos branquear nossa vida para que outros não possam ver do que somos feitos, o verdadeiro eu.

Quando encobrimos essas falhas e falhas, os outros desenvolvem uma falsa confiança em quem somos e no que podemos fazer. A partir disso, planos e estruturas são construídos sobre uma premissa falha e fadada ao fracasso. Os resultados desejados não podem ser obtidos devido à base sobre a qual são construídos e de que dependem para estabilidade e futuro. Em algum momento, nossas falhas virão à tona e resultarão em sérios problemas para aqueles que dependem de nós, e possivelmente o fracasso completo ou a destruição do que foi desenvolvido.

Quando encobrimos as falhas e falhas que estão em nossa vida criamos uma falsa fachada que esconde a morte que está dentro delas. Agimos como se fôssemos perfeitos (pintamos nossa tumba de branco) para parecermos atraentes. Decoramos os buracos para que fiquem bem e pareçam pertencer a eles. Vestimos as inadequações para fazê-las parecer desejáveis, de modo a convencer os outros de que podem e devem se comportar da mesma maneira. Pintamos as áreas de fraqueza ou podridão para dar a impressão de força e integridade para que os outros se convençam de que não precisam se preocupar. Onde erramos, alteramos o método de avaliação, alteramos as regras ou as descartamos com a atitude de que essas regras não se aplicam a nós. Com o tempo, aqueles que observam nossas vidas podem pensar que, se podemos viver dessa maneira, eles também podem.

Mas o tempo todo estamos cavando um buraco mais fundo no chão, uma tumba mais profunda. A cada dia fica mais profundo e maior, abrindo espaço para mais e mais pessoas, que nos seguem na armadilha de nossa falsa vida. Quem nos segue não percebe que é uma armadilha. Eles só vêem a aparência de integridade e beleza, uma mentira que os matará. Isso os condenará à eternidade no inferno.

É um forte aviso do que pode acontecer se não formos honestos sobre quem somos e sobre as falhas que existem em nossas vidas. A verdade é que não somos perfeitos e nem o nosso conhecimento sobre Deus. Isso fica ainda mais claro ao tentar se comunicar com outra cultura em um idioma diferente. Nós tendemos a agir como se soubéssemos tudo. Começamos a enfeitar nossas falhas de compreensão, enfeitar nossa insensibilidade cultural e encobrir as fraquezas de nossa personalidade. Queremos que os outros confiem em nós e por isso branqueamos a realidade.

Enquanto estamos ocupados escondendo nossas falhas, aqueles que nos observam começam a nos imitar. Eles também estão cometendo erros e escondendo-os. Mas porque estamos evitando lidar com os nossos e escondendo qualquer aparência de fraqueza, evitamos lidar com os deles. Sem perceber estamos ambos decorando o mesmo túmulo. Nós dois estamos maquiando áreas que são imperfeitas; nós dois estamos ocupados pintando áreas que estamos tentando esconder um do outro. Nenhum quer questionar o outro porque isso pode significar admitir uma falha. A tumba fica maior e mais ossos mortos são adicionados à medida que outros são atraídos para o sistema.

Até certo ponto é possível reverter o processo sem muita dificuldade. É possível lidar com os problemas. (Até certo ponto.) Então chega um ponto em que voltar se torna incrivelmente difícil e complicado. Foi o

que aconteceu com os fariseus. Eles desenvolveram um elaborado sistema de falsa verdade e tornou-se tão poderoso que agora controla suas vidas. É poderoso o suficiente para cegá-los à verdade, mesmo quando a verdade vem com milagres, mesmo quando a verdade resulta em ressurreição.

Agora, ninguém vê o túmulo pelo que é, mas pelo que foi criado para ser. Agora parece mais com as casas dos mortos construídas por diferentes tribos em Papua Nova Guiné. Eles parecem grandes o suficiente para que as pessoas venham e vivam por curtos períodos de tempo. Eles são lindos. À primeira vista, e mesmo à segunda, você não saberia que eram na realidade túmulos. É onde vivemos e estamos tão confortáveis que não queremos mudar. Quase não podemos mudar.

Este é um problema-chave que enfrento quando entro em uma nova cultura. Eu sou tão diferente que eles não têm ideia do que é falho ou não falho. Na verdade, eles podem me ver como seriamente falho em meu comportamento, porque, aos olhos deles, até uma criança de 3 anos se comporta melhor do que eu. Eles também podem se ofender com meu comportamento e atitude, porque pode parecer para eles como se eu os estivesse tratando como se fossem crianças de 3 anos.

Essa situação me levará a um ponto de decisão. Se tenho a atitude dos fariseus comecei a enfeitar minha vida e comportamento, dou-lhes presentes que eles não precisam ou são dados de maneira inadequada para distraí-los. Comecei a enfeitar as coisas, agindo como se fosse alguém muito importante que eles precisavam ouvir e respeitar. Comecei a pintar minhas fraquezas, escondendo cada vez mais quem eu sou para parecer melhor, mais forte e mais sábio do que realmente sou. Se eu conseguir, eles começam a me conceder honras que não mereço e poder que não deveria ter. É tudo um engano.

Ao mesmo tempo, eles começam a me enganar. Eles vêem meu estilo de vida, recebem meus presentes e, porque os querem e esperam mais, começam sua própria série de enganos. Eles branqueiam suas vidas para torná-las mais parecidas com o que eu quero. Mas isso é por causa do meu engano. Se eu fosse uma pessoa em quem eles pudessem confiar, não haveria necessidade de eles se esconderem de mim, não haveria necessidade de criar seu próprio engano para manter sua dignidade e respeito próprio.

Este branqueamento do túmulo é sobre esconder a verdade um do outro. Esta ocultação da verdade resulta em morte. Quanto mais pessoas ouvirem as mentiras, mais morte haverá. Este engano ou branqueamento pode criar um problema maior. Começamos a aceitar os enganos uns dos outros. Eles então começam a se sobrepôr e criam um único sistema de engano. Cada um de nós usa os mesmos termos, os mesmos objetos e executa as mesmas ações, mas com diferentes interpretações e propósitos. Fazemos isso para que possamos nos sentir confortáveis uns com os outros e evitar conflitos. Se isso continuar, com o tempo, minha lápide e a deles podem se fundir em uma só, uma falsa verdade criada pelos enganos de ambos. A parte difícil é que o que a lápide significa para cada grupo é

diferente. A dura realidade é que qualquer verdade que possa ter existido no início se perde e o que resta leva à morte.

Um exemplo simples disso seria rejeitar as roupas da minha cultura anfitriã e dizer-lhes para se vestirem como eu. Isso força aqueles que querem ouvir a minha verdade a se vestirem como eu e começarem a assumir que se vestir como eu lhes renderá a salvação em meu sistema, sem que a pessoa precise mudar em outras áreas. Ao mesmo tempo, posso supor que, como estão se vestindo como eu, estão mudando nessas outras áreas. Agora criamos uma falsa verdade sobre o que é um cristão. Por causa do medo de rejeição da parte deles e falha da minha parte em comunicar a verdade, nenhum de nós quer explorar o que aconteceu e, portanto, trabalhamos diligentemente para branquear nossa lápide mútua.

Este também é o processo que ocorre no desenvolvimento de um falso culto ou religião. Eles pegam uma lápide (falsa verdade) e a fazem parecer maravilhosamente atraente para os outros. Cada pessoa que responde aumenta a possibilidade de responder mais. Mas a verdade falsa não se limita aos cultos. Toda vez que sou falso sobre quem sou, toda vez que tento encobrir minhas falhas e apresento uma fachada falsa, toda vez que permito que outros ajam da mesma maneira, toda vez que rejeito outra pessoa porque podem ver uma falha em mim, estou branqueando a lápide e enchendo-a de ossos mortos. Os ossos mortos são as pessoas que estou afastando de Deus e levando para a sepultura como resultado de minhas ações.

Isso é muito mais do que apenas ser egoísta. É sobre o que acontece quando somos egoístas e gananciosos. É sobre o que acontece quando nos preocupamos mais com nós mesmos do que com a verdade.

Mas, quando usamos a verdade para corrigir nossos erros e ajudar os outros a saber qual é a verdade em nossas vidas, abrimos a porta para novas possibilidades e uma nova vida. Podemos ver o que é verdade e lidar com as fraquezas e áreas de falha. Podemos ser eficazes em ajudar os outros, por causa da honestidade que é a base do processo.

A realidade é que toda vez que entro no mundo ao meu redor eu tenho que escolher. Serei aberto e honesto para que eles possam ver o que Deus está fazendo em mim, ou adicionarei outra camada de tinta à lápide tentando ser o que não sou e ensinando os outros a agir da mesma maneira?

Esta situação é algo que cada um de nós enfrenta. Superar a tentação de decorar, vestir ou pintar sobre essas falhas envolve um nível de humildade e honestidade que pode ser assustador. Significa admitir que não somos perfeitos, ou como Paulo se descreveu, 'o pior de todos os pecadores'. Significa perceber que costumávamos estar no mesmo lugar que aqueles que estamos tentando levar para casa. Nós já

estivemos entre as pessoas vis, pagãs, que foram condenadas à eternidade no inferno. Uma vez estávamos irremediavelmente condenados e sob julgamento, até encontrarmos Jesus.

BS – Leia Isaías 58. Os líderes perguntam por que Deus não notou sua atividade. Qual é a resposta de Deus? O que podemos aprender com essa avaliação e como podemos aplicá-la para avaliar o que estamos fazendo como igreja e por que fazemos o que fazemos?

MA – A pressão para parecer que sabemos o que estamos fazendo e temos as respostas pode ser muito intensa. Isso e a pressão para produzir também para quem está em casa. Como tais decisões podem afetar o futuro da igreja jovem?

PR – Todos conhecemos a pressão dos colegas e o desejo de parecer que somos bem-sucedidos. H como isso pode afetar nosso testemunho e como vemos nosso papel na igreja?

Paixão 21

Ai Sete -

Desejar o passado não muda o presente

Mateus 23:29-36

É hora do ai final, o julgamento final da hipocrisia dos fariseus. A essa altura, alguém pensaria que não haveria mais nada a dizer. Mas os fariseus ainda pensam que têm mais uma via de escape do julgamento de Cristo. Eles tentam se comparar com outros, que aos seus olhos, e aos olhos de muitos, agiram muito pior do que eles.

Esta é a última tentativa daqueles que estão tão desesperados para encontrar uma maneira de evitar lidar com a verdade que estão ouvindo. Eles estão sendo martelados e corretamente assim. Suas ações, suas atitudes e seu tratamento para com os outros são perversos, vis e contaminam tudo o que tocam. Jesus está tornando isso cada vez mais claro, passo a passo, e eles estão sendo espremidos cada vez mais. Eles estão sendo confrontados com seu pecado e estão sentindo isso e procurando uma fuga. Restam apenas duas opções.

Eles estão prestes a usar uma dessas opções na tentativa de escapar do pesado julgamento que estão recebendo.

Lembre-se que é a época da Páscoa. Durante esta época, o povo de Israel reserva um tempo para relembrar toda a história do que Deus fez. Eles lêem as escrituras e ouvem novamente as palavras dos profetas. Eles são lembrados novamente do fracasso do povo e do castigo que receberam de Deus. Eles reservam tempo para honrar aqueles que serviram a Deus fielmente. É uma coisa boa. Como sempre, coisas boas podem ser abusadas.

Esses líderes estão erguendo memoriais para os mortos e decorando os túmulos dos mortos. Eles dizem: “Lembremo-nos daqueles que nos guiaram, que nos guiaram e nos advertiram. Sem essas pessoas não estaríamos aqui hoje e seríamos livres para adorar a Deus”. Eles estão tentando, por associação, conectar-se com os justos do passado. Mas é tudo uma questão de pompa e circunstância. Muita fumaça e espelhos.

Jesus está observando e eles estão procurando um bode expiatório, algo para desviar o ataque de Jesus. Então alguém tem uma ideia. Talvez eles o tenham enquanto penduram mais uma decoração em uma tumba, ou enquanto fazem alguma grande declaração ao visitar o memorial de um dos líderes históricos de Israel. Não está claro quem disse isso, ou quando foi dito. Mas é claro que Jesus ouviu o que foi dito. Um fariseu sussurra para outro. “Não somos tão ruins quanto ele pensa que somos. Não somos tão maus como aqueles que mataram os profetas. Tomamos tempo para honrar aqueles que serviram a Deus e lideraram Israel. Nós nunca teríamos matado aqueles que falavam a verdade de Deus. Você vê que não somos tão ruins quanto ele diz.”

Isso é tudo que Jesus precisa para acabar com as palavras de aflição. Na realidade, eles são como aqueles que mataram os profetas. Eles estão recusando a verdade, assim como aqueles que ouviram os profetas da antiguidade e se recusaram a ouvir. Eles continuam o processo de matar a palavra de Deus com suas vidas e ações e impedir que outros ouçam a verdade.

Seus comentários envolvem duas desculpas. A primeira é: “somos apenas um produto do nosso ambiente”. Se tivéssemos vivido em um lugar e tempo diferentes, faríamos muito melhor. Na verdade, teríamos feito melhor do que as pessoas daquela época e teríamos seguido a Deus. A segunda é, “nós não somos tão ruins, os outros foram piores”. Aqueles que mataram os profetas, aqueles que desobedeceram a Deus e serviram a outros deuses foram muito piores. Os fariseus tentaram criar uma escala de pecado e depois tentaram colocar sua atitude em algum lugar no final que indicasse que seu pecado não era tão ruim. Especialmente em comparação com os erros, “SINS”, de outros. Eles estavam fazendo o seu melhor.

Jesus condena categoricamente ambas as desculpas. Não existe uma escala móvel de bom/mau quando se trata de enganar as pessoas e destruir a verdade. Torcer para atender aos desejos não é diferente de matar aqueles que falam a verdade. Ambas as ações têm o mesmo resultado - esconder o fracasso em ser obediente a Deus. Ambas as ações têm o mesmo julgamento. Jesus clama com razão: “Como você acha que vai escapar de ser condenado ao inferno? (Mt 23:33)

Que aviso. É assustador e faz a pessoa tremer. Pelo menos deveria. Hoje, mais do que nunca, o maior perigo que existe na vida cristã é encobrir a verdade. Dizer que o que estamos fazendo hoje não é tão ruim quanto como os outros se comportaram no passado. Quantos usaram isso para se desculpar ao ir a um filme classificado como R? Quantos já usaram essa ideia ao comprar roupas muito reveladoras? Quantos usaram essa ideia para dizer que beber não é realmente ruim para mim? Eles então seguem com a ideia de que isso nunca vai me afetar como afeta os outros, ou eu nunca vou deixar que isso me controle como controla os outros.

A verdade é que, ao fazer essa afirmação, eles revelam que já foram afetados, já perderam o controle. Este era o problema dos fariseus. Ao tentar se comparar com os outros, estão revelando que são, de fato, iguais àqueles com quem tentam se comparar. Eles estão, por suas vidas, matando os profetas de Deus. Eles estão vivendo de maneira vil e pecaminosa.

As palavras nos parecem severas. Queremos que Jesus os amoleça, mas eles não podem ser abrandados. Não ousamos permitir que sejam suavizados. Devemos ser muito claros nisso. Não somos diferentes daqueles que mataram os profetas ou daqueles que desobedeceram as palavras de Deus. Não somos diferentes daqueles que pecaram e foram julgados e punidos por Deus por seus pecados.

Aqui está o ponto que devo sempre manter em foco. Mas pela graça de Deus, isso é quem eu sou. Mas pela graça de Deus, é assim que eu estaria vivendo. Devo permanecer no brilho dos holofotes do julgamento e admitir tudo o que sou, se quiser escapar dos problemas. Se devo servir a Deus fielmente, seja em casa ou em outra terra, devo ser claro sobre isso, sou um pecador. Paulo colocou desta forma: “Jesus veio para salvar os pecadores – dos quais eu sou o pior (1Tm 1:15)”.

Os fariseus se recusaram a admitir essa verdade e nunca receberam o maravilhoso dom do perdão e nunca entenderam o que significava estar na presença de Deus. Nunca conheceu a alegria. Eles foram duplamente condenados, porque suas ações resultaram em sua condenação e impediram que outros encontrassem a verdade. A primeira condenação foi ruim o suficiente. A segunda foi pior porque é o pecado de Satanás, que procura arrastar todos os outros para o seu pecado.

O julgamento de Deus sobre Satanás é absoluto. O julgamento de Jesus sobre os fariseus foi absoluto. Suas atitudes são um aviso e um guia para a vida e o ministério. Mantenha seus olhos em Deus, para que você possa ver claramente quem eles são, para que você possa ensinar claramente a verdade.

Isso soa duro e duro? Parece desamoroso e implacável? Na verdade, o que seria pior? Ser falado com palavras bonitas e se perder, condenado a uma eternidade no inferno... ou... ouvir a verdade, em amor, mas sem censura, e encontrar o amor, o perdão e a eternidade de Deus com Ele?

Assim terminam os sete aís de Jesus, Suas advertências para aqueles que procuram viver sua vida sem Deus, que têm uma “forma de piedade” (2Tm 3:5), mas amam somente a si mesmos e não conhecem a Deus.

BS – Leia Isaías 29:13-16. Isaías explora a ideia do homem pensando que pode enganar a Deus com suas palavras e mentiras. O que podemos aprender com essa passagem sobre como evitar a atitude dos fariseus?

MA – Nosso objetivo declarado como missão é levantar igrejas saudáveis. Como evitamos criar igrejas insalubres baseadas em imagens e ideias falsas de pessoas imperfeitas?

PR – Avalie como você teria reagido quando as pessoas tentaram matar Jeremias. Você teria tomado uma posição para protegê-lo como um profeta de Deus? Quando você se depara com uma ameaça à sua vida e modo de vida, como você reage?

Paixão 22

Quebrando o objeto mais difícil

Mateus 23:37-39

Ó Jerusalém, Jerusalém, tu que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes desejei reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, mas tu não quiseste. 38 Veja, sua casa é deixada para você desolada. 39 Pois eu lhes digo que vocês não me verão novamente até que digam: 'Bendito aquele que vem em nome do Senhor'.

Quantas vezes já ouvimos a frase “coração partido”? Ou quantas vezes você já ouviu seu oposto, “coração duro”?

Por que usamos tais termos? Por que pensamos no coração como um objeto semelhante a uma rocha que requer grande esforço para ser alterado ou suavizado? Ao abordar as pessoas, estamos preocupados com o estado de seu coração e como isso afetará nossas tentativas de tocá-las? Muitas vezes temos a falsa impressão de que as pessoas que estamos tentando alcançar com o evangelho são endurecidas e precisam ser quebradas de alguma forma antes que possam ser tocadas pela verdade.

Da mesma forma, a natureza de nossa abordagem ao tocar os outros revelará a natureza de nosso próprio coração. Somos frios e distantes, acreditando que são duros e distantes? Se estivermos, não permitimos que revelem a verdadeira condição de seu coração. Falamos com eles, mas com pouco desejo de penetrar abaixo do visível, para ver qual é o verdadeiro estado de seu coração. Nós falsamente, ou erroneamente, assumimos que as pessoas são em geral insensíveis e, portanto, endurecidas contra qualquer coisa que possamos dizer.

Essa atitude pode ter um efeito rebote muito interessante. Acreditamos que eles são de coração duro; que afeta nossas ações e atitudes e nos torna endurecidos em relação aos que nos rodeiam. Perdemos a capacidade, e até mesmo o desejo, de nos preocupar com as necessidades dos outros. Nós nos endurecemos e nos protegemos de nossa percepção dos outros. Quando tentamos interagir com eles, nossas tentativas são construídas em torno da suposição de que falharemos. Nosso coração se endurece para eles até que...

Ficamos cegos para as pessoas ao nosso redor, a profundidade de suas necessidades e a profundidade de sua dor. Não vemos o coração deles, apenas nossa imagem de um coração endurecido. Nós nos isolamos da possibilidade de lidar com eles e nunca aprendemos se eles têm um coração que está prestes a quebrar. Aprendemos a parar de chorar. Ou, talvez a realidade seja, nunca aprendemos a chorar por eles .

Compare isso com a atitude de Jesus. Seu coração estava partido por Jerusalém e Jesus chorou pela cidade e pelo povo de Israel. Ele chorou por eles mesmo quando eles revelaram a dureza de seus corações. Mesmo enquanto os líderes se preparavam para crucificá-lo. Não foi a primeira vez que Deus chorou por Seu povo. Por meio dos profetas, Deus havia revelado a profundidade de Seu amor e paciência. Agora através de Jesus Ele vem mais uma vez e clama pela dureza de seus corações.

Deus chora porque Ele tem um grande amor por eles, Ele tentou alcançá-los muitas vezes para abrandar seus corações, sem resposta. Seu coração está partido pela falta de resposta. Seu coração se parte porque Ele se permite sentir a dor de sua rejeição e chora por aqueles que estão se perdendo.

Ele quer reuni-los e eles se recusam, até mesmo fogem. Isso parte seu coração. Ele havia enviado outros, esperando que pudessem chegar perto o suficiente para que os perdidos de Jerusalém ouvissem. Eles se recusaram a ouvir e correram para mais longe Dele. Ele vê a desolação de seus corações, a dureza, e continua tentando. Ele sabe que se Ele parar de tentar, toda a esperança estará perdida. Esse é o ponto de Jesus vir à terra. Para revelar o fato de que Deus ainda está tentando nos alcançar. Ainda há esperança. Israel é o exemplo.

Então o próprio Deus vem entre eles, os cura, os ensina e se expõe à confusão de suas vidas, tentando tocar seus corações. Mas tão poucos ouvem, tão poucos respondem. Até que, neste dia, Jesus se levanta

e chora a dor da distância que foi criada. Ele está saindo. Mas a porta permanecerá aberta. Outros serão enviados. Mas até que eles permitam que seu coração se parta e abandonem seu orgulho e sua dor e recebam o enviado por Deus, a dor, a dureza permanecerá.

Hoje somos nós os enviados por Deus para alcançar aqueles cujos corações foram endurecidos. Caminhamos entre as pessoas do mundo, pessoas de muitas culturas e tribos. Somos nós que entramos em suas cidades, entramos em suas vidas. Somos aqueles que Deus quer usar para alcançá-los e tocá-los onde eles machucam, ajudá-los a ver e entender Seu amor. Ele quer que vejamos e respondamos. Deus quer que nossos corações se partam para que nós também choremos pelos perdidos.

Mas vemos a natureza de sua dor? Olhamos além da dureza e as vemos e suas necessidades? Olhamos para eles com intensidade até vermos o que está acontecendo com eles e vermos a profundidade de sua necessidade? Nós olhamos até começarmos a chorar por eles e pelo futuro que está correndo em direção a eles, a menos que eles abram seus corações para aquele que veio em nome de Deus? Caminhamos entre eles até entendermos sua perdição e chorarmos por eles?

Entrei em outra cultura, em outro mundo. É fácil ficar isolado da população maior e focar apenas naqueles que já estão procurando. É ainda mais fácil fechar os olhos para a dor que está sendo causada pelos corações duros ao meu redor. É fácil porque às vezes não quero sentir a dor do coração partido. Não quero lidar com a dor de sua rejeição da verdade. É mais fácil andar com os que já estão buscando, do que entre os cegos e inconscientes da dureza de seus corações.

Eu preciso começar a mudar como eu penso, como eu olho para aqueles ao meu redor. Sim, eles estão endurecidos em seu coração. Sim, eles estão longe da verdade e estão agindo como se não quisessem se aproximar. Essa situação continuará até que eu comece a seguir o exemplo de Jesus. Continuará até que eu esteja disposto a arriscar a dor e a rejeição, para dar a Deus acesso à minha vida e me tornar seu canal para aqueles que estão perdidos e se aprofundando na escuridão.

Não é fácil aprender a chorar pelos perdidos. Não é fácil caminhar entre eles. Não é fácil falar e amar. A dor da rejeição pode me fazer chorar. Mas, para abrandá-los, alguém precisa chorar por eles até que vejam e entendam. Isso leva tempo e disposição para arriscar a rejeição e a dor. Leva tempo para aprender a chorar e leva tempo para os outros entenderem por que choramos.

É a nossa hora de ficar entre as pessoas e chorar, sacrificando nossa vida para que possam encontrar perdão e um novo coração.

BS – Leia Jeremias 25:3-7. Compare as palavras do profeta com as de Jesus. Como você se sentiria se toda vez que tentasse ajudar alguém, eles o rejeitassem? O que você faria? Compare sua resposta com a resposta de Deus.

MA – A bíblia conta que todos os homens, por escolha própria, rejeitaram a Deus e todas as suas bênçãos. Embora Israel tenha repetidamente rejeitado o perdão e o amor de Deus, ele continuou a buscar maneiras de amá-los e atraí-los de volta para si. Como as missões são iguais ou diferentes em relação às pessoas do mundo? Como devemos responder?

PR – Você já foi rejeitado? Como eu fiz você se sentir? O que faria você continuar tentando ajudar alguém que o rejeitou?

Paixão 23

Vivendo na realidade da morte

Mateus 24:1-25 (Mc 13:1-23, Lc 21:5-24)

Enquanto os discípulos caminham com Jesus, eles passam pelo novo templo e pelos muros que cercam Jerusalém. Eles são incríveis. S símbolos da habilidade e criatividade do homem. As estruturas sugerem grandeza e atemporalidade. Eles são bem construídos e projetados para durar. Eles representam a profunda crença de muitos de que, como povo de Deus, eles têm uma esperança que é eterna e que sua vida, seu país e até mesmo esses edifícios continuariam por muito tempo.

Jesus, em um momento, quebra essa visão. Ele declara que os edifícios não vão durar e tudo o que eles vêem agora será destruído. Ele então entra em uma descrição do futuro que é horrível. Está cheio de perigo, destruição e miséria. Guerras, fomes, desastres naturais são apenas o começo dos problemas que ainda estão por vir. Haverá intensa perseguição, falso ensino e traição. Decepção e destruição serão a norma e então o fim virá.

Estes são sinais do fim do homem, o fim do mundo como o conhecemos. Jesus diz que o tempo estabelecido para o processo envolvido é curto. Se Deus tivesse permitido mais tempo, ninguém sobreviveria. Ele também afirma que muitas pessoas usarão esses eventos como meio de enganar as pessoas. Eles vão sugerir que Jesus está vindo para este lugar ou outro. Eles serão capazes de realizar milagres e sinais para confundir ainda mais aqueles que os ouvem. Essas pessoas vão aumentar a confusão, a dor que já existe.

Seria apenas um curto período de tempo, dentro da vida dos discípulos, e o exército de Roma viria e destruiria completamente a cidade de Jerusalém e derrubaria o templo. Não muito depois disso haveria grandes períodos de perseguição aos cristãos. Isso duraria quase 300 anos. Então viria a destruição do cristianismo no norte da África e no Oriente Médio pelos muçulmanos. Isso inauguraria um tempo de escuridão na Europa. O mundo seria devastado pelas grandes pragas. Depois viriam as guerras da Europa pelo controle do mundo. Essas guerras se espalhariam pelo mundo inteiro, resultando em conquista e mais destruição.

No século passado, nosso mundo foi dilacerado por duas guerras mundiais, a batalha contra o comunismo, vários genocídios e fomes. Agora estamos diante de uma crise econômica mundial que pode inaugurar um novo período de fome e destruição. Mesmo quando um conflito é resolvido, outro

surge. Também estamos lidando com o terrorismo em uma nova escala. E sempre, em todas as épocas, houve perseguição aos cristãos.

Parece que muitos períodos da história poderiam facilmente ter sido o fim dos tempos. Em cada época houve pessoas que proclamaram que essa era a realidade. Houve muitos candidatos ao anticristo ao longo dos séculos.

Mesmo agora, há uma nova onda de profetas do fim dos tempos. Mais uma vez dizendo que esta profecia e aquela profecia estão se cumprindo. Que estamos de fato entrando no fim dos tempos. Não é difícil acreditar que eles estão corretos. Problemas econômicos globais, guerras e combates em muitos locais, a possibilidade de destruir nosso mundo ambientalmente, muitos terremotos destrutivos e a possibilidade muito real de fome em grande escala.

Mas esse é realmente o foco do que Jesus estava tentando dizer aos discípulos (e a nós) sobre a vida neste mundo? Ele estava nos dizendo para nos preocuparmos com o que e quando do fim do mundo, ou sobre como deveríamos estar vivendo agora?

Eu vivi em um país que era pacífico e, por razões de ganância, foi dilacerado por guerras e conflitos por mais de 10 anos. Eu vivi em um país onde a guerra tribal e a vingança eram a norma da vida, onde um grande terremoto matou mais de 5.000 em um momento. Eu vivi em um país que foi dividido socialmente por mais de 200 anos e assassinatos étnicos são comuns. Continuo vivendo em uma era de grande turbulência e incerteza. Mas tudo isso era verdade quando Jesus andou nesta terra e os apóstolos começaram a proclamar o evangelho em todo o mundo conhecido.

Então, o que ele realmente está dizendo para eles e para nós?

Sim, Ele está nos avisando que em algum momento este mundo chegará ao fim. Com base em várias passagens e no livro do Apocalipse, não há dúvida de que isso é um fato - Jesus voltará e nos uniremos a Ele como membros do reino de Deus.

Nós somos, na verdade, os mortos-vivos e este mundo está condenado. Enquanto o homem andar sobre ela e o pecado estiver no controle, haverá guerras, fome e destruição incrível. Enquanto a morte reina sobre o mundo físico, estamos condenados a morrer. A sombra do julgamento paira sobre todos nós, e toda a humanidade estará diante de Deus para responder por suas escolhas e ações. Nós morreremos e enfrentaremos o julgamento.

Nossas vidas são muito curtas em comparação com o escopo da história e ainda mais curtas quando comparadas ao fluxo da eternidade. Nossa vida, muito provavelmente, chegará ao fim antes do fim da história humana e do início da eternidade. Como resultado, cada indivíduo lidará com um fim pessoal dos tempos. Também é possível que cada indivíduo que vemos ou possivelmente experimente um tipo de evento do fim dos tempos para um grupo de pessoas ou nação. O fim definitivo dos tempos é, na verdade, constituído por um processo contínuo de finalização dos tempos para indivíduos e grupos. A questão-chave então é: o que faremos com nossas vidas ao enfrentarmos esses pontos intermediários, pois eles nos levam ao Dia do Juízo Final?

Precisamos manter a realidade em foco.

Existem três opções possíveis que podemos escolher.

1. Podemos negar a realidade e tentar ver um futuro melhor. O homem está sempre tentando resolver seus problemas com sua própria habilidade e conhecimento. Ele tenta criar seu próprio Jardim do Éden. Mas a criação do Éden pelo homem geralmente é cara e muitas vezes exclui, até mesmo destrói outros no processo. Daí as guerras do homem, a destruição do meio ambiente e outras ações.

2. Podemos nos concentrar nele. Podemos nos juntar aos que proclamam o fim do mundo. O problema é que eles estão usando a situação para ganhar fama, poder e controle sobre a vida das pessoas. Eles costumam usar suas táticas para criar uma atmosfera de medo como meio de conversão dos outros.

Além disso, aqueles envolvidos em tal estilo de vida devem fazer previsões e interpretar os eventos ao seu redor para manter sua posição. Muitas vezes eles cometem erros e depois encobrem esses erros. Eles alegam que são apenas humanos ou carecem de informações suficientes. Eles rapidamente esquecem ou escondem o fato de que Deus disse que qualquer profeta que cometesse um único erro, ao falar em nome de Deus, deveria ser morto como um falso profeta (Dt 18:20). Deus não comete erros. Com Deus não há possibilidade de informação insuficiente.

3. A melhor opção é focar em fazer o trabalho que Deus nos deu para fazer. Todos os dias as pessoas estão chegando ao seu fim pessoal. Muitos o fazem sem ouvir falar do amor e do perdão de Deus. Eles entram na eternidade sem Jesus ao seu lado e enfrentam Deus sem esperança. Seu fim é claro e é triste. Precisamos nos concentrar não nos problemas do fim dos tempos, mas na necessidade de todos ouvirem o evangelho à medida que nos aproximamos do fim dos tempos, pessoal ou final.

Jesus sabia tudo o que estava para acontecer. Ele sabia que estava prestes a morrer. Ele sabia tudo sobre a vindoura destruição de Jerusalém. Ele sabia das perseguições que se seguiriam então e ao longo da história. Ele sabia de tudo isso e ainda seguiu em frente com o plano de morrer e ressuscitar. Ele fez isso para que todos ouvissem a verdade e fossem poupados do castigo eterno que espera por todos no

fim dos tempos. Ele sabia de tudo isso, mas não deixou que isso o distraísse de fazer o que era mais importante, buscar a salvação dos perdidos.

Nego que o fim dos tempos para o mundo está chegando? Não. Em vez disso, mantenho em foco o objetivo de levar a mensagem do evangelho ao maior número possível, tão claramente quanto possível, o mais rápido possível, para que não se encontrem na eternidade sem Deus.

Então aqui estou eu vivendo em um mundo que está se aproximando rapidamente do fim dos tempos. Pode parecer uma abordagem lenta que levou 2000 anos até agora. No contexto da eternidade isso não é muito tempo. Não importa quantos anos mais vai levar. Estamos no fim dos tempos para este mundo e estamos lidando com pessoas entrando no fim dos tempos todos os dias. Eles estão ao nosso redor.

Os discípulos olharam para os edifícios. Eram lindos e sugeriam permanência. Eles estavam caminhando com Jesus, o filho de Deus e isso sugeria um futuro longo e abençoado para eles na terra. No entanto, eles estavam olhando para o que era temporário e não duraria. Tudo mudou radicalmente em poucos dias, a visão de sua vida, seu trabalho e seu mundo.

Estamos olhando para os belos edifícios, a bela vida que temos e nos cegando para a realidade da vida? Todo indivíduo está condenado a morrer. Cada pessoa enfrentará um fim pessoal dos tempos e estará diante de Deus. Não importa quão maravilhosa ou terrível sua vida tenha sido. Todos estarão perdidos e destruídos naquele momento, a menos que conheçam Jesus pessoalmente. Naquele momento, a única riqueza, o único relacionamento, a única realidade que importa é o estado de seu relacionamento com Deus através de Jesus.

Eu sou um missionário por causa dessa realidade. Como missionário, preciso manter essa verdade em foco. É o fim dos tempos. Sempre foi o fim dos tempos. Nada neste mundo é permanente, tudo está destinado à destruição. Somente aqueles que conhecem Jesus sobreviverão. Devo dizer-lhes como encontrar Jesus e encontrar esperança. Devo fazer isso antes que o fim dos tempos chegue.

BS – Leia Daniel 12. Esta passagem é o fim de uma descrição de grande turbulência que leva ao fim. Daniel é instruído a seguir seu caminho até o fim. O que isso significa para nós hoje, à medida que nos aproximamos cada vez mais do fim?

MA – Missões está envolvida em uma grande corrida. Alcançar tantas nações e povos, línguas e tribos antes do fim. O que devemos fazer para sermos mais eficazes nesta corrida?

PR – Cada um de nós um dia enfrentará o fim da vida como a conhecemos. Você está preparado para essa realidade? Que mudanças você deve fazer em sua vida para lidar com essa verdade e ajudar outros a lidar com o fim dos tempos?

Paixão 24

Planejamento para o conhecido desconhecido

Mateus 24:30-44 (Mc 13:24-37; Lc 21:25-36)

Jesus acabou de alertar os discípulos sobre o que não dura e se preparar para o fim dos tempos e o julgamento. Ele agora se concentra no perigo que existe ao lidar com um ponto desconhecido no tempo. Ele usa histórias e ilustrações para nos ajudar a entender. Ele fala sobre a figueira. Ele fala sobre o gerente de uma casa e sobre proteger sua casa contra um ladrão. Em cada situação há uma consciência de um evento ou data que é antecipada. Mas em cada um, a data real é desconhecida. Cada história revela um aspecto diferente de lidar com o que é desconhecido.

Podemos ver a evidência de que o tempo dos figos está se aproximando. Vemos as novas folhas se desenvolverem e sabemos que um dia haverá figos. O que não sabemos é a data real em que poderemos colher esses figos. Essa informação não está disponível.

Da mesma forma, o gerente sabe que o proprietário retornará. Mas ele não sabe o dia ou a hora desse retorno. Lembre-se, naqueles dias, não havia sistema de comunicação para manter a equipe informada. Então eles precisavam estar prontos o tempo todo para o retorno iminente do dono.

O desconhecido é ainda mais claro quando se trata de lidar com um ladrão. O proprietário sabe que existe a possibilidade de um ladrão entrar em sua casa. Ele sabe que precisa fazer os preparativos adequados para essa possibilidade. Mas não há como determinar se e quando um ladrão virá.

Com a figueira é possível observar e fazer planos enquanto se observa o andamento de seu crescimento e desenvolvimento. Com o gerente, há a esperança de que o mestre envie uma mensagem para indicar quando ele poderá retornar. Com um ladrão, é o oposto. Ele não quer que ninguém saiba e está procurando o dia e a hora em que as pessoas estão menos preparadas para sua vinda. Esse é o momento em que um ladrão ataca.

Jesus acrescenta outra informação a essa discussão quando fala sobre a natureza de Seu retorno e como será inesperado. Dois homens estão trabalhando. Duas mulheres estão trabalhando. Em cada caso, um é levado, o outro deixado para trás. É repentino e instantâneo. Sem aviso, sem tempo de preparação, sem oportunidade de reagir. Em um momento os anjos vieram, reuniram o fiel e partiram.

Jesus nos diz que a razão para isso é porque reflete como uma pessoa responde à informação dada sobre o retorno certo de Jesus. Jesus afirma que o período de tempo que antecede o Seu retorno será como os dias de Noé. Naquela época, as pessoas seguiam suas vidas com pouca preocupação com o aviso que receberam de Noé, e sem levar em conta a construção incomum que estava acontecendo diante de seus olhos.

Eles acreditavam que suas vidas e desejos eram mais importantes, mais reais do que o julgamento que Noé disse que viria. Eles estavam focados em satisfazer seus desejos e propósitos sem levar em conta o que Deus estava dizendo a eles.

Assim é hoje. Temos duas pessoas fazendo o mesmo trabalho, mas por duas razões muito diferentes. Eles podem até estar trabalhando lado a lado. A pessoa está completamente focada em prover suas necessidades e desejos. Ele trabalha para conseguir o que quer e para se fazer feliz. A outra pessoa está focada em trabalhar para que tenha os recursos necessários para servir a Deus. O trabalho oferece duas oportunidades: ser testemunha para aqueles com quem trabalha e obter os recursos necessários para levar seu testemunho a outros. Como resultado, uma pessoa não está pronta quando o anjo do Senhor vier para reunir aqueles que são fiéis. Mesmo trabalho, mesma atividade, mas propósitos diferentes.

Jesus nos dá três ilustrações de como manter nossas vidas em foco e como continuar a estar preparados para seu retorno. Ele faz isso porque não é fácil estar em constante estado de prontidão para um evento que não tem data. Precisamos de ajuda para ver a importância de estarmos vigilantes.

Podemos estar mais bem preparados quando sabemos claramente a data de um evento, como um aniversário, aniversário ou feriado. Podemos ver o desenvolvimento da árvore e do fruto. Podemos ver a realidade de que há uma colheita chegando. Sabemos como nos preparar para a chegada de um hóspede importante. Por quê? Porque geralmente há alguma indicação de quando o evento pode ocorrer. Nós lutamos mais quando se trata de estar preparado para um ladrão. Isso requer um estado de vigilância constante. Um momento de esquecimento, ou uma distração, ou uma falsa sensação de segurança, e é aí que o ladrão ataca.

Será preciso consciência em todos esses níveis para nos mantermos alertas e continuarmos trabalhando para estarmos prontos quando o Senhor retornar. Assim, recebemos informações gerais para ajudar a manter nossa consciência de que esta era está progredindo para um ponto final no tempo.

Nos é dado um conceito de responsabilidade e a necessidade de estarmos preparados. Nós somos os administradores da casa. É a casa da verdade de Deus, a igreja. Devemos mantê-lo em estado de prontidão para o retorno de seu Mestre. Isso envolve fazer nosso trabalho e ajudar outros a fazer o trabalho que lhes é designado. Envolve um foco, não apenas em nossas vidas, mas na vida dos outros - ajudando-os a se envolverem e se prepararem para o retorno de Jesus. Jesus nos deu uma idéia de quando isso pode acontecer e é mais cedo ou mais tarde.

Também nos é dada uma ideia de quão repentino será esse retorno. Por mais atentos que sejamos. Não importa quão bem façamos em manter tudo em estado de prontidão. Não importa quão clara seja nossa visão e compreensão de Seu retorno iminente. Ainda ocorrerá de repente, em um momento. Ele virá no momento menos esperado, embora sempre o tenhamos esperado. Será como o dono esperando o ladrão. Somente aqueles que mantiverem sua vigilância estarão prontos.

A natureza da chegada será rápida. Não haverá momento final para recolher os pertences ou dizer adeus. Não haverá oportunidade final de compartilhar a verdade antes de sermos levados para casa do Rei, é como os dois no campo, os dois moendo. O anjo vem e um fica maravilhado e o outro é tomado de alegria. Aquele fica confuso; o outro entra na revelação de Deus. Um de repente percebe que é tarde demais e o outro entra na eternidade. O primeiro é lentamente sobrecarregado pela percepção do que foi perdido e do que isso custará. O outro entra na alegria e recebe a recompensa que foi preparada para aqueles que são fiéis.

Jesus tem ensinado essas verdades ao longo de Seu ministério. Ele tem falado às pessoas sobre o reino e sua necessidade de estar preparado. Ele alertou aqueles que estão sendo imprudentes. Ele tentou preparar os discípulos para o que está por vir.

Jesus sabe que tudo vai mudar em um momento. Em apenas alguns dias os discípulos e todos os que crêem entrarão nos últimos dias. Eles estão sendo preparados e Seu ensino foi planejado para ajudar cada geração desde então até o dia de seu retorno a se preparar.

Haveria, haveria sinais. Haveria, haverá necessidade de manter um estado de prontidão. Haveria, sempre haverá a necessidade de permanecermos vigilantes. O Senhor está voltando. Não importa onde estou ou o que estou fazendo. O que importa é se estou fazendo todo o possível para estar preparado e ajudar os outros a se prepararem para o dia em que veremos Jesus face a face.

BS – Leia Apocalipse 3:3. A igreja em Sardes recebeu um aviso claro sobre a necessidade de estar pronta e por quê. Era sobre o que eles tinham recebido e ouvido. Como obtemos todos os benefícios do que recebemos e ouvimos e como isso nos preparará para o súbito retorno de nosso Senhor?

MA – O mundo está cheio de notícias sobre desastres e destruição. Aquecimento global, crise econômica e muito mais sugerem que nosso mundo está com sérios problemas. Como ajudar as pessoas a lidar com as realidades físicas e os perigos de viver neste mundo pode nos ajudar a abrir o caminho para prepará-las para lidar com a possibilidade do retorno repentino de Jesus?

PR – O que você está fazendo em sua vida para estar preparado para a volta repentina de Cristo?

Paixão 25

Dar é ver

Marcos 12:41-44 (Lucas 21:1-4)

Está se aproximando rapidamente o dia em que o mundo receberá o maior presente que jamais será dado. Alguém se pergunta o que Jesus está pensando à medida que o dia se aproxima. Ele tem atraído muita atenção.

Atenção das pessoas – Eles são seus companheiros constantes agora. Observando tudo o que ele faz, ouvindo tudo o que ele diz. Prendendo a respiração imaginando o que poderia acontecer a seguir. Eles amam o que ele está fazendo e o que ele está dizendo.

Atenção dos líderes – Eles estão furiosos, frustrados e determinados. Eles concentram todos os seus recursos em encontrar os caminhos e meios para recuperar o controle e remover Jesus. A raiva deles por causa do constrangimento alimenta seus esforços. Sua frustração os aproxima, passo a passo, de fazer o que for necessário. Eles são determinados e, portanto, concentram toda a sua atenção em Jesus e em qualquer coisa, qualquer um que possa fornecer os meios para atingir seu objetivo.

Atenção de Roma – Na verdade eles não demonstraram muito interesse em tudo o que está acontecendo. Pelo menos é assim que aparece. No entanto, alguém se pergunta se isso é realmente verdade. Existe alguma coisa que realmente está escondida da vista deles? Eles estão observando, prestando muita atenção, para que, se alguma ameaça chegar, eles estejam totalmente preparados para tomar qualquer ação necessária? Isso é provavelmente o que realmente está acontecendo. Eles estão prestando muita atenção. Enquanto o problema for entre Jesus e os líderes religiosos (um grupo pelo qual eles provavelmente têm pouco amor), eles vão esperar. Enquanto isso, o que está acontecendo no templo tem toda a atenção deles.

Em meio a toda essa atenção, Jesus está muito atento às atividades das pessoas ao seu redor. Uma atividade em particular atrai sua atenção. No pátio do templo há uma caixa, uma caixa de oferendas. Jesus observa que as pessoas continuam trazendo seus presentes e os depositando na caixa. É claro que

não importa o que esteja acontecendo, as pessoas, ricas e pobres, ainda estão trazendo seus dons para a casa de Deus. Jesus observa quem vem, o que eles dão e como eles agem.

Todos nós estamos familiarizados com a história dos ácaros da viúva e como Jesus honra seu presente e não os presentes maiores dos ricos. Diz que muitos ricos vieram. Eles vieram para exibir sua riqueza e sua aparente generosidade. Eles provavelmente tinham uma arrogância em seus passos que dizia olhe para mim. Veja o que eu tenho. Veja quanto estou dando. A caixa era onde todos podiam ver, todos podiam assistir, e então eles fizeram um show. É provável que os pobres tenham assistido e respondido ao seu programa. Imagine como os ricos apreciavam os elogios dos que assistiam. Arcos. Sorrisos largos. Condescendência. E mais.

No meio da pompa e circunstância entra a viúva. Ela provavelmente anda muito hesitante. Ela toma cuidado para não infringir ou interferir com os ricos, enquanto eles caminham até o camarote. Ela avança lentamente, imersa em pensamentos, considerando o que está fazendo. Todo mundo sabe que ela não tem muito e provavelmente dará ainda menos. O que eles não percebem é o quão pouco ela realmente tem e o que ela está pensando em fazer. Ela está olhando para sua necessidade, seu dinheiro, mas pensando nas promessas de Deus sobre prover os fiéis que dão com sinceridade, com um coração agradecido.

Sabemos o que Jesus vê e o que ele diz. É a viúva que é honrada, não os ricos. Ela tem pouco e dá tudo. Eles têm muito e dão apenas o suficiente para cumprir a lei e ganhar o elogio dos que assistem. É um julgamento severo sobre todos os que decidem dar com base no que têm e não a quem pertencem.

Jesus presta atenção a uma viúva solitária e vê um gigante no hall da fama da fé. Nesse momento, ela se torna a referência para todas as futuras doações da humanidade. A verdadeira doação não é baseada na extensão da riqueza e posição. Baseia-se em nossa dependência de Deus e nosso relacionamento com Deus. Podemos continuar a dar de forma escassa por obrigação e orgulho ou aprender a dar por gratidão e humildade.

Mas há muito mais nesse ato e um nível mais profundo de compreensão da doação que vem desse evento. E revela por que Jesus deu tanta atenção a isso em meio a toda a comoção que estava acontecendo.

Lembre-se que estamos a poucos dias da crucificação e ressurreição. Jesus disse aos discípulos em várias ocasiões que ele veio a Jerusalém para morrer. Ele está prestes a fazer o que a viúva acabou de fazer. Ele vai dar tudo o que tem e colocar todo o seu futuro nas mãos do Pai. Assim como a viúva deu tudo e escolheu depender de Deus para o que viria a seguir. De uma maneira simples, ela está afirmando que está pronta para sacrificar tudo o que sua vida é para que ela possa ter Deus em primeiro lugar em sua vida. É exatamente isso que Jesus está prestes a fazer.

Há outra característica interessante nesta história. Alguém se pergunta quantos outros notaram sua presença. Se eles a notaram, eles desconsideraram sua presença e a ignoraram, e então a trataram como se ela não existisse? Isso é bem provável. Por um lado, ela provavelmente fez tudo o que podia para evitar chamar a atenção para si mesma. Ela veio calmamente, aproximou-se calmamente, e se não fosse pelas palavras de Jesus, teria saído calmamente. Ela tinha apenas um foco, dar o que tinha a Deus, honrar seu criador e esperar para ver o que o futuro traria.

Quantos outros como ela entraram sem serem vistos? Sem ser visto pelos ricos. Sem ninguém se importando com sua situação. Quantos desses ricos doadores notaram sua necessidade e viram uma oportunidade de doar. Provavelmente nenhum, exceto Jesus. Ele parou todas as suas outras atividades para poder prestar atenção. Ele teve tempo para dar algo que era muito importante. Ele deu seu reconhecimento e aprovação de sua ação. Ele também deu sua avaliação e reprovação daqueles que não viam a necessidade e só viam o que poderiam obter dando.

Jesus está prestes a dar um passo adiante. Em apenas alguns dias ele dará sua vida. Ele vai parar o tempo, por um momento, e deixar que todos ao longo da história tenham a oportunidade de saber que Deus está prestando atenção. Ele está observando e vê o que temos para dar, por que damos e como damos. Ele está observando para ver quem dará sua vida por causa de sua fé nele. Na realidade, a vida que cada um de nós dá tem tanto valor quanto os dois centavos que a viúva deu. Pelos padrões humanos e mundanos, não pode fazer muito, mas nas mãos de Deus, tudo é possível e nada é impossível.

Jesus dará tudo o que tem e Deus usará isso para perdoar os pecados de todos que vierem. Jesus dará sua vida e Deus usará isso para criar seu reino daqueles que eram pobres e perdidos. Jesus dará sua vida e Deus usará isso para abrir a porta para a eternidade para todos que responderem. Jesus dará sua vida e Deus usará isso para recriar em nós Sua imagem e o relacionamento que foi perdido por causa do pecado.

Quando eu dou o que eu vejo? Vejo uma placa de oferta, um orçamento, um programa ou outra atividade que precisa de fundos? Quando dou, vejo o que tenho, o que posso dar e depois faço minha escolha? Quando eu dou eu pareço o homem rico, esperando por o para perceber o que estou dando?

Ou

Eu vejo as pessoas passando por mim que estão em necessidade desesperada? Precisando desesperadamente de alguém que se importe com eles e com a desesperança de suas vidas. Precisando desesperadamente de alguém para lhes dar um pouco de tempo e compreensão. Precisando desesperadamente da oportunidade de ouvir sobre o amor de Deus daqueles que realmente conhecem e dependem de Deus.

Então agora é minha vez de prestar atenção. Você vê, em muitos dos países em que vivi eu pareço aquelas pessoas ricas que estão vindo para dar. Pode ser muito fácil apenas dar e não prestar atenção aos que estão ao meu redor. É fácil racionalizar que já estou dando tanto, minha vida, minha família, meu país, etc. e não dar atenção aos que me rodeiam.

Na verdade, não importa onde moramos. Podemos passar pelo mesmo processo de racionalizar que o que estou fazendo é suficiente e não prestar atenção no que eu poderia estar fazendo.

Vou parar e prestar atenção, não apenas ao que estou dando, mas a quem estou dando? Quando eu responder a essa pergunta, saberei por que estou dando. A boa notícia é que não preciso ser pobre para ter a atitude certa sobre doar.

BS – Leia Deuteronômio 15:7-14. Deus dá a Moisés instruções sobre como devemos tratar os pobres. Compare isso com a atitude dos ricos e sua atitude para com a viúva pobre. O que podemos aprender sobre dar nessa passagem?

MA – Ser pobre nem sempre é não ter dinheiro. Muitas pessoas ricas estão muito empobrecidas. De fato, aqueles sem Deus são as pessoas mais pobres do mundo. Reflita sobre esta declaração e como ela se relaciona com a forma como damos ao trabalho de missões.

PR – Pense nas pessoas com quem você entra em contato todos os dias. Você está ciente deles e de sua condição diante de Deus? Como você responde aos pobres que habitam seu mundo?